Diário de Lisboa

ANO 66 N.º 22 036 Terça-feira, 15 de Abril de 1986 Preço 40$00

BD Boom traz terrorismo gráfico a Lisboa

Hoje no Sete Ponto Sete

Alvos em Tripoli e Benghazi destruídos em 30 minutos

REAGAN-KHADAFI: DIÁLOGO A BOMBA

Primeiras imagens dos estragos provocados pelo bombardeamento americano em Tripoli

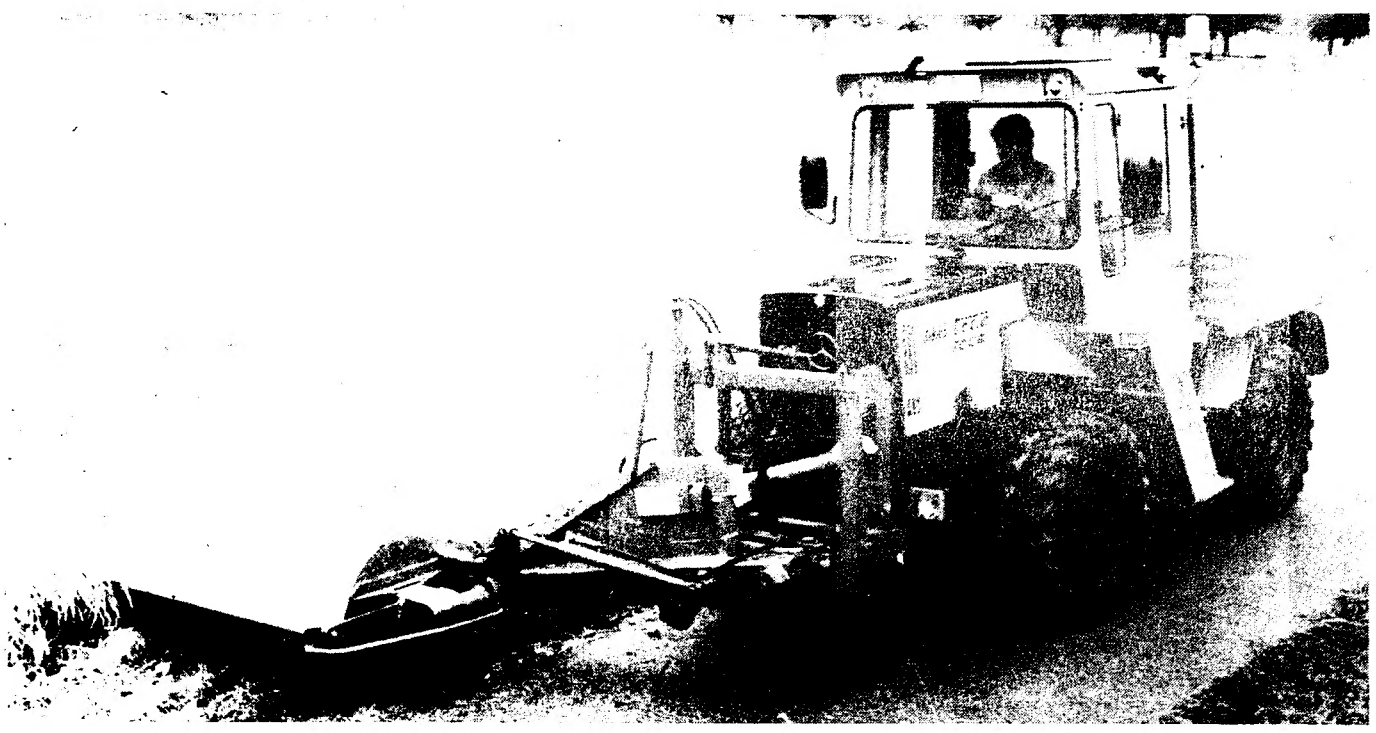
Aviões americanos não sobrevoaram a Europa

A calma voltou à Líbia depois do ataque desencadeado esta madrugada por 23 bombardeiros norte-americanos contra alvos na proximidade das cidades de Tripoli e Benghazi, entre os quais campos para treino de terroristas. Ao fim da manhã a Casa Branca considerou que o «raid» foi um «êxito militar». Segundo Washington, nenhum dos aviões envolvidos no ataque foi abatido e o «F-111» dado como desaparecido aterrou afinal de emergência numa base militar espanhola. Forças italianas e gregas foram entretanto colocadas em estado de «alerta máximo», dadas as ameaças proferidas por Khadafi contra os Estados mediterrânicos europeus. Sabe-se que o líder líbio escapou ileso ao bombardeamento do seu quartel general, em Tripoli, tendo já aparecido na televisão. Os aviões americanos não sobrevoaram a Europa na rota para a Líbia, não tendo a base das Lajes sido utilizada. Em Lisboa, Mário Soares convocou o primeiro-ministro em exercício, Eurico de Melo, para discutir os acontecimentos, enquanto na RFA, onde está em visita, Cavaco Silva disse não haver conhecimento de que haja trabalhadores portugueses atingidos pelos bombardeamentos.

Pags. 12, 13, 14 e 24

Caminhos difíceis na CEE

Blasco Hugo Fernandes



Certa perturbação surgiu nos últimos tempos na Comunidade Económica Europeia (CEE) em consequência da proposta de alteração dos preços agrícolas para 1986/1987 ou, mais concretamente, para a sua redução. Apesar de os órgãos comunitários não se identificarem com actuações e medidas de política económica visando um desenvolvimento harmonioso das economias integradas, o certo é que, pela via da verdade dura dos factos agrícolas que ultimamente tem recaído negativamente sobre determinados países, tem sido manifesta a oposição, por parte de alguns destes, à proposta anteriormente referida. Não é alheia a esta atitude a consciência de que pertence ao passado o período das certezas e das risonhas perspectivas que a Comunidade e a sua Política Agrícola Comum (PAC) ofereceram durante vários anos aos seus membros.

Transcorrida essa época de euforia proveniente de um conjunto de factores conjunturais nacionais e internacionais, a Europa comunitária ingressou, sem dúvida nenhuma, num ciclo de crise profunda resultante das contradições internas ao seu próprio sistema e, naturalmente, a cada uma das nações que a integram. Não será nada fácil a sua superação, tanto mais que sobrevieram entretanto dois factores de agravamento representados pela alteração das relações económicas internacionais e pela rotura do equilíbrio produtivo provocada pela corrida incessante às inovações tecnológicas, estimulada pela própria PAC. A dimensão dos problemas daí decorrentes atingiu tais proporções que a sua atenuação dificilmente se compadece com a quase exclusiva ou predominante repetição de medidas superficiais que de modo algum se encaminham para enfrentar as verdadeiras causas da crise agrícola comunitária. Talvez por isso, e certamente pela força das circunstâncias provenientes da instabilidade social que a situação tem gerado, tivesse ecoado nos órgãos da Comunidade a parcial contestação à proposta de alteração de preços agrícolas, no sentido em que ela foi feita. Começa-se a compreender a origem desta discórdia.

Na verdade, quem com alguma lucidez queira analisar o problema com isenção não pode deixar de reconhecer que a agricultura comunitária se acha sujeita a uma espécie de «darwinismo» social (ou melhor a uma selecção imposta pelas leis económicas do sistema em vigor, submetidas a diferentes mecanismos de aceleração dos seus efeitos) que afecta as suas regiões agrícolas e os respectivos empresários. Em consequência disso, muitos destes têm sido lançados para fora do mercado ou, na melhor das hipóteses, para uma actividade a tempo parcial no sector, sem que ela promane naturalmente do próprio desenvolvimento deste último. Esta circunstância provém do facto de, a nível quer comunitário quer de cada uma das nações-membros, nem todos os agricultores (regiões e países) beneficiarem de igual modo dos apoios e das despesas que a CEE realiza no âmbito da PAC. Verificam-se, pelo contrário, acentuadas desigualdades em ambos os horizontes citados. Assim, se tivermos no ponto de mira os apoios concedidos pela Comunidade aos seus membros, através do FEOGA (Fundo Europeu de Orientação e Garantia Agrícolas), conclui-se que em 1984, por exemplo, quatro países obtiveram mais de 8000 ECUS por exploração agrícola (1 ECU aproximadamente Esc. 140$00, em Janeiro de 1986) enquanto que os restantes não conseguiram mais do que 5000 ECUS-/exploração. No primeiro grupo encontravam-se os Países Baixos, a Inglaterra, a Dinamarca e a Bélgica. Observando este problema pela óptica dos diversos ramos de produção agrícola contemplados pelo FEOGA, os contrastes surgem ainda mais flagrantes.

A CEE não acha formas de saída deste beco. Se a PAC prosseguir neste caminho, como tudo leva a crer, as agriculturas mais carenciadas dificilmente conseguirão transpor a barreira que as separa das mais evoluídas de modo a emparceirarem com estas no plano económico e social. A agricultura e a economia comunitárias colheriam, sem dúvida, vantagens indiscutíveis deste desenvolvimento equilibrado entre as respectivas partes. É facto comprovado que a CEE se confronta actualmente com enormes e complexos problemas, patenteados na elevada expressão de excedentes agrícolas, no volume de «stocks» e custo do seu escoamento e, finalmente, nas consideráveis despesas orçamentais originadas pelo sector. Têm sido estes, no seu conjunto, os pretextos e os motivos invocados pelos órgãos superiores de decisão na Comunidade para justificar as medidas tendentes à redução da produção e, portanto, dos preços. Não se pode garantir que haja completa eficácia da via perseguida, nem é justo que ela se obtenha penalizando uns países mais do que outros, fazendo recair o principal peso sobre os seus estratos sociais de maior debilidade económica e social. Durante os últimos vinte anos a Comunidade e a PAC lançaram os agricultores numa dinâmica de aumento crescente da sua produção, o que implicou custos e encargos relativamente elevados, por vezes em plena fase de amortização. A opção repentina por medidas de sentido contrário, não enquadradas por um plano económico e de acção dirigido às verdadeiras causas da crise agrícola, tendem a inviabilizar ou a dificultar seriamente a actividade das explorações de menor capacidade. Um pouco por toda a Europa comunitária, esta agricultura, quer directamente quer através das suas representações, não se opõe de modo algum à harmonização flexível entre a oferta e a procura de produtos agrícolas. O que ela reivindica é que tal objectivo se não concretize com o seu total ou parcial sacrifício como produtores, tanto mais que não está ainda esgotado o seu papel no relançamento do sector agrícola nem a função estratégica da agricultura europeia. Ora, estes dois grandes objectivos requerem uma adequada transformação das estruturas económicas, sociais e comerciais, a introdução de tecnologias adaptadas à(s) realidade(s) concreta(s) do(s) sector(es) e, por fim, um planeamento económico democrático e participado que promova o desenvolvimento equilibrado e articulado entre a agricultura, a indústria e os serviços, integrando simultaneamente a defesa do meio ambiente. O futuro da agricultura europeia assim como o das suas diversas componentes nacionais joga-se na concretização desta nova qualidade de desenvolvimento agrícola e não na simples política de preços e mercados.

No nosso país, as GOP's-1986 (Grandes Opções do Plano para 1986) não têm denominador comum com tal estratégia. Com uma base marcadamente liberal, elas assimilam as características dominantes da CEE, adoptando clara e consequentemente uma economia de mercado, onde a livre iniciativa económica desempenhe o papel de verdadeiro motor da economia nacional. No plano agrícola e dentro da lógica referida, as orientações programadas e os apoios previstos dirigem-se fundamentalmente para as explorações demonstrando capacidade de industrialização e de competitividade. Nesta perspectiva e por razões que decorrem da nossa própria história, apenas um pequeno número de agricultores poderá responder a este tipo de crescimento económico: a restante população agrícola, dividindo-se por itinerários provavelmente diferentes, sofrerá na renúncia os efeitos desta pretendida modernização baseada na intensificação crescente das explorações, ao sabor dos interesses do capital extra-agrícola, quantas vezes de origem além-fronteiras. Demonstra a experiência que esta política veda o caminho a um verdadeiro desenvolvimento agrícola e rural. Ela resulta de um projecto social e económico em que o crescimento da agricultura e da economia sirva de instrumento para se manter e reproduzir a dominação de um determinado grupo social no sector (e na economia).

A palavra com...

Cumprir as leis

Vasco Riobom (*)

Pela primeira vez a lei do aborto terapêutico foi cumprida entre nós. Foi o caso de ter sido requerida por uma mulher, a quem o próprio pai violara. Tendo apresentado queixa-crime, foi atendida pelos tribunais e o aborto executado em obediência à justiça, sendo como era, este, um daqueles casos previstos na lei do aborto, votada pela Assembleia da República, que tanto brado deu!

Pois bem, um senhor bispo qualquer por aí, achou bem levantar voz contra o sucesso! Como se as leis da República não fossem feitas para serem cumpridas! Falou ele vagamente, que melhor seria a queixosa sofrer — miseravelmente — ao jeito de penitência, uma tão grande vergonha, mai-los perigos que de tal atitude podiam ocorrer! Como se ignorasse, que a lei canónica, não é — felizmente — a lei da República Portuguesa, nem somos todos nós, obrigados a aceitá-la! Porque entre um insulto moral e vagos problemas teólogo-escatológicos, têm os tribunais — e muito bem — que se pronunciar pelo direito positivo dos cidadãos!

Porquê, tudo isto, afinal? Porque a igreja de Roma se não conformou, nem conforma, com as leis civis e democráticas que o 25 de Abril de 1974, através a Constituição de 2 de Abril de 1976 — felizmente — embora modificada, em vigor entre nós, nos trouxe!

Que a igreja de Roma use para si os dogmas metafísico-teológicos que entender, estará bem, desde que não pretenda impingir aos outros, a todos nós, que nada temos a ver com tais crenças! Porque estamos às portas do século XXI, a vida cívica deve imperar entre nós, ter forma de lei, para proteger devidamente a vida ética e social da República Portuguesa, se queremos ser algum dia um país do nosso tempo!

Onde a vida de cada um deve ser regulamentada pela Lei em suas disposições fundamentais, sob pena de continuarmos na pseudo-idade média, em que durante 48 anos nos fez viver o Fascismo! Ora os cidadãos — desde que respeitem a lei — devem ser donos de seu querer e destino para que sejamos uma vera Democracia! E quem, de novo, nos queria fazer retroceder foi — felizmente — vencido no dia 16 de Fevereiro de 1986!

Não tem por isso, qualquer seita ou igreja, que interferir em nossa soberana vontade de povo livre!

Que possa confabular cada qual a seu jeito, os mitos que achar lhe servirem estará certo! Agora que permita uma qualquer corrente de opinião particular criticar a Constituição da República, sem ser na Assembleia soberana, é que não! Ou então haverá desrespeito — inadmissível — pela Constituição, que todos nós temos de respeitar!

E se cada qual pode ter sobre qualquer problema prático ou teórico, a opinião que houver por bem, está certo! Agora, clamar contra as leis é que não, enquanto estão em vigor ou deixa de haver respeito pelo Estado soberano!

(*) Médico. H.C.L.

Terrorismo e terrorismos

Todo o terrorismo é político e/ou social. Existe terrorismo individual. Existe terrorismo organizacional. Existe terrorismo de Estado. Há terrorismo de desafio e terrorismo de resposta. Há terrorismo de acção e terrorismo de provocação. Há terrorismo dito revolucionário e terrorismo assumido, ou disfarçado, que é contra-revolucionário. Há terrorismo que se diz de «esquerda» e terrorismo que se oculta como oriundo da «direita».

O terrorismo é uma floresta de enganos e de contradições. Um território de claridades e de sombras, de heroísmos e de frustrações; o campo dividido entre a audácia da ofensiva e o desespero da defensiva.

Um equívoco, uma audácia, o terrorismo é mais do que uma inconformidade, é a procura da solução radical. Radical e rápida. Um voluntarismo que pretende forçar o curso histórico ou a ele se sobrepor. Não se trata só de radicalizar a luta política ou a movimentação das massas, mas de a substituir.

Arma de minorias activistas, ou ansiosas de actividade (o que não é a mesma coisa). Arma minoritária. Uma análise simples, e talvez simplista, leva-nos a considerar como provável, e racional, que as maiorias constituídas dispensem o terror. O terror político é a arma privilegiada, ou natural, dos regimes antidemocráticos, dos regimes que não desfrutam de apoio democrático, de apoio de massas em termos de democracia. O «regime fascista» adoptava o terror como meio de governo. Era um regime terrorista.

Um regime democrático não necessita de adoptar o terrorismo como instrumento do poder-de-Estado. Se o regime é pluralista, nenhuma parte do todo social se considerará humilhada, oprimida, excluída. O jogo livre da democracia cria situações de vitória e de derrota, de governo e de oposição. Não gera situações de opressão, nem impõe mordaças. Conhecem-se as objecções contra a democracia política, mas não se descobriu plausível rota para a ultrapassar ou substituir respeitando a ambição de vivência democrática, garantindo aos cidadãos autonomia e participação.

Regressando. No quadro democrático, como método de actuação no plano político, ou de contestação no plano social, o «terrorismo» é um jogo contra o jogo. Não é ilegítimo moralmente, é ilegítimo politicamente. Não se nega ao inconformista o direito de se situar à margem do sistema, fora do sistema. Mas, coerentemente, quem assume essa atitude, não pode reclamar a legalidade que contesta, solicitar — o que é o cúmulo do ridículo — que se lhe aplique a lei «reaccionária», a benevolência dos «carcereiros», a largueza dos «regulamentos prisionais», as comodidades burguesas nas prisões dos «inimigos de classe».

O terrorismo político «de esquerda» corre sempre o risco de constituir um alibi para o terrorismo político «de direita». Mas, para além desse risco, e sem nos distrairmos com as especulações correntes, uma verificação se nos impõe: em Portugal o sistema repressivo, do aparelho simples à organização especializada, só apresenta resultados quanto a um suposto terrorismo «de esquerda». Nunca se ordenou uma ofensiva contra o «terrorismo de direita». Terroristas «de direita», civis e militares, gozaram de estranhas cumplicidades. Crimes de roubo, de exportação de dinheiros e de bens, e até crimes de morte, foram protegidos pela relutante incapacidade dos investigadores, a lenta morte dos prazos, o resultado favorável de sentenças judiciais. A terroristas «de direita» foi concedida a continuidade de carreiras civis e militares.

E quanto a crimes de terror não esclarecidos e impunes, não há que alongar a lista. Dois são clamorosos: o atentado contra o padre Max (terrorismo de direita contra a esquerda); o assassinato de Ferreira Torres (terrorismo de direita contra a direita, ajuste de contas).

Terroristas estrangeiros actuaram livremente — com liberdade de entrada, de movimento e de saída, imediata ou a curto prazo — no território nacional.

E a repressão de um certo «terrorismo nacional», que alguns se empenham generosamente por conotar com um desespero esquerdizante, vem reforçar a dúvida no que se refere à capacidade operacional de um sistema policial que se mostrou incapaz de reprimir o «terrorismo de direita» e não penetrou nas redes activistas que assassinaram o padre Max e abateram Ferreira Torres.

Esta questão é grave. Põe em causa a segurança do Estado Democrático. Como podemos confiar num «sistema policial e judiciário» que só actua unilateralmente. A «unilateridade repressiva» compromete a «pluralidade política». Foi assim no bombismo, foi assim nos assassinatos, é assim no contrabando consentido, ignorado, ou de repressão adiada.

Do terrorismo nacional, falámos. Falemos agora do terrorismo no plano internacional. Não necessita o leitor que lhe recordemos a trágica lista de acontecimentos que não podem reclamar-se de formas de luta revolucionárias. A acção revolucionária não pode concretizar-se numa continuidade/ descontínua de actos de terror. Hoje aqui, amanhã ali, o desespero radical irrompe em actuações destrutivas e sangrentas que não configuram um propósito estratégico. Ou que se limitam a ser, na sua dimensão dramática, uma simples estratégia de terror.

Examinar esses casos, é uma necessidade política. Mas atribuir o terrorismo que perturba os sonos e os sonhos da Europa, genericamente, a palestinos e líbios, é, apenas, um expediente.

Nada nos autoriza a atribuir exclusivamente a palestinos e líbios o terrorismo terrestre e aéreo que atinge — diz-se — interesses, ou pessoas, naturais dos Estados Unidos da América ou de Israel. E esse «terrorismo» constituiu pretexto para um «terrorismo de Estado» que, com agressiva brutalidade, renova o «imperialismo da canhoneira».

Contra a Líbia — República Árabe de vanguarda no mundo árabe — os Estados Unidos da América praticam um verdadeiro (e inaceitável) **terrorismo de Estado.**

O ataque aéreo desta madrugada ordenado pelo presidente Ronald Reagan visando objectivos militares no litoral e no interior da Líbia, as cidades de Tripoli e Bengazi, o próprio local em que se supunha que se encontrava Muamar Kadhafi, é um acto característico de «terrorismo de Estado» que aliou a brutalidade e a arrogância a um insultuoso desprezo pela opinião dos governos europeus.

Com o «terrorismo de Estado» aproximamo-nos da guerra, estamos em guerra. Se esta loucura não é isolada, e objecto de reprovação universal, a Humanidade regressou aos tempos bárbaros.

Os pequenos líderes

Gil Sequeira Teixeira

Embora ninguém mo tenha perguntado, ou nisso mostrado interesse, gostaria de quebrar o *suspense* que este artigo não tem, revelando algumas das motivações, o *leit-motiv*, que lhes estão na sua origem, ou que levaram à sua formalização, ou se quisermos, à sua exteriorização.

Uma, tem a ver com o seu atraso, ao contrário, com a sua actualidade, pensei ou senti necessidade de lhe dar forma há dois anos. Outra, está bastante influenciada por um filme que considero a melhor produção, ou o melhor produto, daquilo que é possível colocar à disposição dos cidadãos, em termos do que é o *facto político*, refiro-me a «Bem-vindo Mr. Chance», interpretado por Peter Sellers.

Por excesso de memória minha, de que por vezes sofro, quero dizer que fiquei muito desgostoso quando a RTP «passou» este filme no pequeno écran, a que chamamos televisão, e o mesmo foi apresentado pelas «locutoras de continuidade», que não são apresentadoras porque dão continuidade aos programas, segundo o que é dito pelas ditas, como se de uma verdadeira comédia se tratasse.

Talvez por alguma questão de *descontinuidade intelectual* foi-se até ao ponto de referir alguns dos aspectos de «grande comicidade», ignorando-se (ou querendo-se esconder?) todo o verdadeiro sentido e alcance do filme, no que respeita ao tema que aborda, e que já considerámos «as personalidades forjadas», ou o produto dos *mass-media*, para utilizar uma linguagem mais *politizada*.

É um facto que o papel, ou a função, dos *líderes* se tem alterado significativamente nos últimos tempos por efeito (ou fruto?) da prática política dos nossos governantes. Assim, ensinava a psicologia de grupo, *os líderes* não eram eleitos, ou votados, «impunham-se» pelas suas qualidades ou características pessoais aos restantes membros do agregado com que estavam em contacto ou de que faziam parte. Como dissemos, na nossa *Sociedade Política Actual*, o papel ou a função do *líder* começou a ser questionado ou discutido. E os membros do grupo, ou porque são todos *líderes*, ou porque são todos *candidatos a líderes*, ou porque são todos *líderes potenciais*, deixaram de escolher o seu *líder* para passarem a eleger o seu representante junto dos outros *líderes*. Isto porque as regras do jogo impõem que determinados assuntos só possam ser tratados pelos *líderes-eleitos*.

Conquanto se possa pensar que este *fenómeno* de política moderna traz, ou arrasta consigo, alguns inconvenientes, creio que tal facto não deve ser visto ou entendido negativamente. Significará um aumento ou um reconhecimento das nossas capacidades políticas que se revela, ou é revelado, na proliferação de *líderes*.

Ainda em relação aos *líderes*, é preciso não esquecer outro tipo de *personalidades muito distintas*, que coabitam com os primeiros, e também beneficiam de estatuto especial, e que por vezes, *em estado de necessidade, de emergência ou de excepção* os substituem ou lhes tomam o lugar, na condução do que se entende por chamar os *Assuntos de Estado*, enquanto os *líderes eleitos* se não recomponham, se disciplinem, ou se auto-elejam de entre si. Já se adivinhou que me refiro aos *tecnocratas*.

Não se entenda, como parece ser a posição, que já vi defendida, pelo articulista Torquato da Luz, quando analisava «Um mau Governo» num seu artigo em «A Capital», e contrapunha as pessoas dos drs. Cavaco Silva e Almeida Santos, para concluir, pela formação académica respectiva, que o primeiro seria um *tecnocrata* e o segundo um *humanista*.

Penso ser extremamente duvidoso concluir-se que a formação académica define ou fornece traços característicos do indivíduo, sobretudo se tivermos em conta que a mesma pessoa pode ter diversas formações, e estas completamente opostas. Haverá médicos-matemáticos, filósofos-engenheiros, economistas-agrónomos etc, etc, etc. ... Acima, e abaixo, de tudo serão sempre homens, com altos e baixos, com gestos maiores ou menores de humanismo, conforme as suas idiossincrasias. Porém, e a defender-se a prevalência das formações superiores para definir o homem, ficamos sem saber o que são, ou como sentem, um mecânico, um electricista, um motorista... uma vez que é menor o volume dos conhecimentos adquiridos ou menos espessa a «roupagem intelectual» de que estão vestidos. De resto, falta saber qual a escola e as correntes económica e jurídica, perfilhadas pelos drs. Cavaco Silva e Almeida Santos, respectivamente.

Depois de tudo o que são, afinal, os *pequenos líderes?*

Explicada, ou complicada, a *evolução* do papel do *líder*, no seu relacionamento com o grupo, em que este deixou de se «impor» em função das suas capacidades de liderança, para passar a ser «imposto» em função das oportunidades de alianças com outros grupos, verifica-se, ainda, outro fenómeno, este relacionado com a sua *dimensão;* a par, abaixo, ou ao lado, dos *grandes líderes* surgiram, ou foram fabricados, os *pequenos líderes*.

Assim, os *pequenos líderes* são, ou correspondem, a uma necessidade que os *grandes líderes* sentiram para colocarem os seus *homens-de-mão* em «lugares de segunda», mas que se revestiam ou tinham especial importância para controlarem *postos-chave* essenciais à sua liderança.

Todavia, e pela força das circunstâncias, as coisas alteraram-se e esses *lugares de segunda*, apercebendo-se da sua «posição geo-estratégica» passaram a reivindicar para si um estatuto de autonomia e de independência, rejeitando ou recusando-se a desempenhar um papel de fantoche ou de «comparsas subservientes», como já lemos ou ouvimos algures.

E com que meios, armas ou apoios vivem ou sobrevivem os *pequenos líderes*, uma vez que se afastaram ou se tornaram independentes dos seus protectores?

Hoje, os *pequenos líderes* têm à sua volta, e disposição, um *staff* altamente qualificado, que dá forma, e corpo, àquilo que os primeiros devem dizer e representar, em disputa, ou em

Continua na pag. 4

Ambiente aquece no PS

Gama e João Soares contestam resultados

Depois de terem sido ontem conhecidos os primeiros números relativos às eleições para os congressos regionais do PS, surgem hoje as contestações a esses números. Da banda de Jaime Gama contestam-se as percentagens em Lisboa e Porto e assegura-se que na província as moções não se identificavam com uma ou outra linnha nacional.

Por seu turno, João Soares, que provavelmente será candidato a secretário-coordenador da FAUL, além de contestar os números divulgados pela máquina apoiante de Constâncio, demarca-se do aparelho do PS. Recorda que é tanto contra o aparelho que apoia Cardia como aquele que esteve atrás de António Vitorino.

Gama contesta

Os resultados apurados da eleição de delegados ao Congresso da Federação da Área Urbana de Lisboa (FAUL) do PS indicam que Cardia recolheu 58 por cento e João Soares 42 por cento, informaram à ANOP os serviços de apoio à candidatura de Jaime Gama.

Aqueles serviços referem que os citados resultados representam a situação real e «não 70 por cento e 30 por cento, como foi divulgado» para o apoio àqueles militantes socialistas.

«No Porto, os resultados apurados fornecem idênticas percentagens» (58 por cento para a lista de Jorge Catarino e 42 por cento para a lista de José Lello), acrescentaram.

Os serviços de apoio à candidatura de Jaime Gama à liderança do PS frisaram que «a maior parte das moções apresentadas aos restantes congressos federativos em todo o país apenas reflecte problemáticas distritais pelo que é absolutamente infundado proceder-se a qualquer extrapolação para resultados previsíveis quanto ao Congresso Nacional do Partido.»

Soares insiste

A moção ao congresso da Federação de Lisboa do PS subscrita, entre outros, por João Soares, defendeu que até ao Congresso desta estrutura «nada estará verdadeiramente decidido».

Os subscritores da moção «Renovar o Rumo» baseiam-se nos resultados das eleições de delegados já realizadas, argumentam que ainda há 87 por realizar e que Sottomayor Cardia «é apenas o candidato de uma facção de apoiantes da sua moção contra a opinião de uma parte significativa dos subscritores da mesma».

João Soares disse à Anop que «dadas as clivagens dentro da outra moção» e «sobretudo» se for Cardia o primeiro da lista, portanto o candidato a secretário-coordenador, «as coisas não são líquidas».

Em comunicado, os subscritores argumentam ainda que as eleições têm decorrido «sob o signo da disputa pela liderança nacional do partido», pelo que consideram que a vantagem da moção que tem sido identificada com Cardia, e de que é primeira subscritora Edite Estrela, é mais da liderança nacional proposta — Vítor Constâncio.

João Soares disse à Anop que até domingo à noite a moção que subscreve e de que provavelmente encabeçará a lista aos órgãos dirigentes da FAUL tinha eleito 66 delegados. A moção subscrita por Edite Estrela dispunha de 120 delegados, a de Francisco Calheiros, seis, a de Vítor Ramalho, 14 e a de António Vitorino, quatro ou cinco.

João Soares defendeu que a moção «Renovar o Rumo» que «não é de apoio a Jaime Gama» mas exactamente contra «a de Vitorino e Cardia, claramente apoiadas por aparelhos», de apoio a Jaime Gama e Vítor Constâncio, «já conseguiu derrotar uma delas».

O comunicado desta moção salienta a «reduzida participação» dos militantes nas eleições, estimando-a em 30 por cento.

Entretanto, Vítor Ramalho reafirmou à agência NP que se mantém equidistante em relação à disputa da liderança nacional do PS entre Jaime Gama e Vítor Constâncio.

Vítor Ramalho apenas concorreu na Pontinha, Loures, Moscavide, Santa Iria da Azóia, Póvoa de Santo Adrião e Caneças, tendo ganho todas as votações.

Madeira

A moção de estratégia do líder do PS/Madeira assegurou a eleição de 120 delegados ao V Congresso Regional do partido, disseram à Anop fontes socialistas.

Para além da moção do secretário do Partido Socialista madeirense, Emanuel Jardim Fernandes, foram eleitos delegados em representação da moção «Mais Ilhéus, menos Ilha» de um núcleo de militantes do Funchal, (26) e da moção «Renovar para ganhar a confiança dos madeirenses e portosantenses» (5), apresentada por um grupo de militantes da Freguesia da Camacha.

Jardim Fernandes recusou considerar os resultados como um vitória pessoal porque «se tratou antes de uma vitória de uma estratégia consubstanciada na moção de que fui primeiro subscritor e que é apoiada por largos sectores do partido».

PS na Figueira

Entretanto, a Juventude Socialista da Figueira da Foz decidiu unanimemente apoiar a candidatura de Vítor Constâncio a secretário-geral do PS no seu próximo Congresso Nacional de Junho — informou o respectivo secretariado distrital.

Em comunicado, o núcleo da JS da Figueira da Foz adianta que no V Congresso da Federação Distrital de Coimbra do PS vai apoiar a moção «Unir para Vencer, Renovar para Trasformar», da autoria do ex-deputado Luís Marinho.

Congresso

O VI Congresso Nacional do PS, que se realiza em Lisboa de 27 a 29 de Junho, vai ter a participação de 1491 delegados, soube hoje a agência NP de fonte partidária.

O rateio provisório dos delegados, a que a agência NP teve acesso, dá 1274 delegados eleitos, mais 217 por inerência.

Os 217 delegados por inerência são os seguintes: Comissão Nacional — 151; Secretários-Coordenadores — 24; Comissão de Conflitos — 15; JS — 10; MS — 10; Comissão de Conflitos — 7.

Os 1274 delegados eleitos são distribuídos pela seguinte forma: Lisboa — 310; Porto — 197; Setúbal — 83; Coimbra — 68; Aveiro — 66; Açores — 55; Braga — 50; Santarém — 48; Faro — 43; Viseu — 42; Leiria — 37; Portalegre — 34; Vila Real — 29; Beja — 27; Évora — 25; Viana do Castelo — 24; Madeira — 22; Bragança — 21; Castelo Branco — 21; Guarda — 19; Fro (Oeste) — 19; França — 12; Benelux — 10; RFA — 10, e Resto do Mundo — 2.

Portugal vai enviar "cartas corteses"

Aministia Internacional defende libertação de "presos de consciência"

Um argelino, um turco e um somali são os «prisioneiros de consciência» adoptados pela Amnistia Internacional para a campanha a favor dos prisioneiros do mês. Trata-se de uma técnica utilizada pela organização que tem como objectivo principal a libertação dos «prisioneiros de consciência» adoptados como casos particulares de cada mês. Para Abril, a organização adoptou Ali Yahia Asbdennour , Argélia, Birol Basoren, Turquia, e Abdille Rage Tarawe, Somália.

Ali Asbdennour é um jurista proeminente de 65 anos que se encontra detido aparentemente por ter enviado um telex ao presidente argelino protestando contra as «prisões arbitrárias» de elementos da Associação Filhos dos Mártires que, no dia 5 de Julho do ano passado, foram presos quando queriam comemorar o dia da independência daquele país africano.

O turco Barol Basorens, de 46 anos, foi condenado a 17 anos e 4 meses de prisão por pertencer ao Partido Comunista, organização considerada ilegal no país. Além disso surgem frequentemente notícias de maus tratos e espancamentos dos detidos na prisão onde se encontra Basoren e outros réus do chamado «Vroiesso do PC Turco».

Abdulle Tarawe, considerado um dos melhores poetas somalis, encontra-se preso há quatro anos sem julgamento, aparentemente devido a ter exprimido, nas suas poesias, opiniões contra o governo, o qual nunca chegou a formular acusações contra Tarawe, de 53 anos.

No âmbito da campanha, a secção portuguesa da Amnistia Internacional apela ao envio de «cartas corteses» às autoridades dos três países pedindo a libertação dos três detidos.

Os pequenos líderes

Continuação da pág. 3

negociações, com os grandes *líderes*.

Confirmei esse facto numa entrevista que fiz a um destacado dirigente do *sindicalismo democrático* onde aquele me deu conta dessa realidade. O distinto defensor da «alternância das tendências sindicais» dispunha do apoio de uma variedade dos melhores técnicos, em diversos domínios, que lhe permitia depois pronunciar-se, ou tomar parte, em questões que exigiam uma grande *concertação social*.

A questão maior começa agora a colocar-se, como seria de esperar, quando os *pequenos líderes*, ou porque copiaram os mestres, ou porque dispõem dos mesmos meios, lhes fazem frente, ou até alguma sombra, na discussão de assuntos que antes lhes estavam vedados ou considerados de grande reserva.

Valha-nos que alguns aprendizes possam ser melhores que os mestres...

METROPOLITANO DE LISBOA, ep

COMUNICADO

Entenderam alguns sindicatos promover no Metropolitano de Lisboa uma greve do tipo rotativo, muito parecida com aquelas que atingiram e atingem outras empresas de transportes.

Trata-se de paralisações de duas horas em cada dia, variando de dia para dia o período em que cada sector do Metro faz greve.

É evidente que a desorganização que daqui resulta conduz a forte degradação do serviço, afectando inevitavelmente muitos do quase meio milhão de passageiros que o Metro transporta por dia.

Dado que o motivo invocado para a greve é a revisão do **Acordo da Empresa**, o Metropolitano de Lisboa deseja dar conhecimento público de que:

1. — Já desde 1 de Março deste ano vêm sendo pagos os novos vencimentos com um acréscimo de 17%;

2. — A empresa elevou, para uma média de vinte e dois dias úteis por mês, o montante do prémio de assiduidade para 3520$00;

3. — O subsídio alimentar, também para aquele número de dias úteis por mês, atinge 9350$00;

4. — As diuturnidades subiram para 1500$00 e 1650$00, por cada cinco anos de serviço, no primeiro e no segundo semestre, respectivamente;

5. — Os subsídios de turno e de compensação, por sua vez, sofrem uma elevação da mesma ordem.

6. — A título de exemplo, e em função destes números, os proventos mensais das profissões abaixo referidas podem ir, para um trabalhador com antiguidade média, a:

Maquinista	**66 192$00**
Factor	**64 962$00**
Chefe de Estação	**64 083$00**
Fiscal	**64 083$00**
Bilheteiro	**61 563$00**

7. — De sublinhar, finalmente, que o Metropolitano proporciona a todos os seus trabalhadores uma cobertura social muito superior à da generalidade das outras empresas, já que, entre outras regalias, assegura a totalidade dos vencimentos em caso de doença, o pagamento integral da assistência medicamentosa e complementos de pensões de reforma por invalidez ou velhice e de sobrevivência todos eles reportados ao último vencimento.

Nada, considera a empresa, fundamenta portanto uma atitude de desorganização concertada do serviço público por que todos — gerência, representantes sindicais e trabalhadores — somos afinal responsáveis no Metropolitano.

Está, pois, assegurado um acréscimo de massa salarial em absoluto conforme aos pressupostos macroeconómicos, o que, de resto, significa que se verificará, em 1986, melhoria real das condições remuneratórias dos trabalhadores do Metropolitano.

Nestas condições, estão a ser estudadas e implementadas medidas para minorar os prejuízos criados aos utentes, reafirmando a empresa que continuará a desenvolver todos os esforços no sentido de ultrapassar esta situação tão penosa para os seus passageiros habituais.

O CONSELHO DE GERÊNCIA

Uma viagem sem motivo

Cavaco na RFA para dar-se a conhecer

O Primeiro-Ministro, Cavaco Silva foi ontem recebido, à sua chegada ao aeroporto Colónia/Bona, com honras militares pelo chefe em exercício do protocolo do Governo alemão-federal. O chefe do Governo iniciou uma visita de três dias à Alemanha Federal que o levará também a Berlim Ocidental e a Estugarda.

Cavaco Silva, cuja visita oficial se iniciará apenas amanhã, foi ontem homenageado em Bona com um jantar oferecido na Fundação Friedrich Naumann pelo presidente do Partido Liberal (FDP) e ministro federal da Economia, Martin Bangemann.

O ministro dos Negócios Estrangeiros, Pires de Miranda, proveniente da cidade de Haia, onde participou numa reunião de cooperação política da Comunidade Europeia sobre a crise líbio-americana, junta-se mais tarde à comitiva do Primeiro-Ministro.

Do programa da visita constam, hoje, encontros com o chanceler Helmut Khol, com os ministros federais das Finanças e da Defesa, respectivamente Gerhard Stoltember e Manfred Worner e, ainda, um discurso perante as Federações das Câmaras de Comércio e Indústria e da Indústria alemãs.

Perfeita coincidência

O Primeiro-Ministro disse que as conversações que teve com o seu homólogo da RFA, Helmut Kohl, reflectiram «uma ampla coincidência de pontos de vista», nomeadamente quanto à NATO e à situação internacional.

Falando numa conferência de Imprensa conjuntamente com o chanceler alemão, Cavaco Silva sublinhou que esta é a sua primeira visita ao estrangeiro como primeiro-ministro e disse ser intenção do Governo de Lisboa «reforçar e alargar, se possível, as excelentes relações que Portugal mantém com a República Federal da Alemanha».

Cavaco Silva disse que na reunião de hoje de manhã com o chanceler Kohl foram focados «os últimos acontecimentos na Europa, no Médio Oriente e na África Austral» e que referiu ao seu anfitrião «o ponto de vista português quanto às recentes evoluções e acontecimentos» nessa região do continente africano.

«Relativamente à Aliança Atlântica, constatamos uma perfeita coincidência de pontos de vista quanto ao papel da NATO na defesa do Ocidente e quanto ao reforço da participação de Portugal no aparelho militar da Aliança», disse Cavaco Silva.

O visitante lembrou que «com o apoio da República Federal da Alemanha, Portugal está a modernizar as suas Forças Armadas, em especial a sua Marinha de Guerra, por forma a fazer face às exigências que lhe são pedidas na NATO».

No campo das Comunidades Europeias, as conversações versaram sobre questões financeiras, económicas, sociais e sobre a implementação do Acto Único Europeu.

Cavaco Silva manifestou ainda apreço «pela exemplaridade da cooperação financeira existente entre os dois países» e teve palavras de homenagem à comunidade portuguesa na RFA e à sua contribuição para o desenvolvimento económico do país onde vivem.

Almoço

Cavaco Silva classificou de «exemplares» as relações entre Portugal e a RFA e fez votos pelo reforço das relações bilaterais no quadro da Comunidade Europeia.

Discursando no almoço que lhe foi oferecido pelo chanceler Helmut Kohl, Cavaco Silva referiu que depois do 25 de Abril reforçou-se a cooperação económica e financeira e que esta «tem sido importante para a modernização da economia portuguesa».

«Portugal espera poder desenvolver ainda mais as suas relações com a República Federal no quadro comunitário», disse.

«Para Portugal como para a República Federal da Alemanha — disse mais adiante — a NATO constitui o quadro de referência para a defesa dos valores ocidentais, para conter o avanço dos totalitarismos, para defender a liberdade e os direitos do homem».

A propósito, Cavaco Silva disse ter feito questão em visitar Berlim, «símbolo da democracia e da liberdade», por a cidade significar «que apenas no seio da Aliança Atlântica a Europa Ocidental se apresenta forte e coesa».

Depois de dizer que «Portugal não esquece o esforço» da RFA na modernização das Forças Armadas daquele país, o Primeiro-Ministro visitante homenageou «as dezenas de milhares de portugueses que vivem e trabalham na República Federal».

Esses portugueses representam — disse — o nosso esforço colectivo na construção» da Europa comunitária.

Reafirmando a «larga identidade de pontos de vista» nas conversações que teve com Helmut Kohl, o Primeiro-Ministro português declarou a intenção de «tudo fazer para reforçar as relações entre Portugal e a República Federal da Alemanha».

«Contribuiremos juntos para a construção de uma nova Europa. Só assim poderemos garantir aos nossos povos um futuro melhor», concluiu.

Comentário

A visita que o Primeiro-Ministro Cavaco Silva faz à Alemanha Federal é considerada por meios próximos da delegação portuguesa em Bona como tendo um carácter iminentemente político.

Nada, para além da oportunidade de se fazer conhecer internacionalmente e de poder trocar impressões sobre temas candentes da actualidade política internacional, traz o Primeiro-Ministro à Alemanha Federal.

Não estão na ordem do dia, com efeito, nem empréstimos, nem quaisquer pedidos para apoios especiais em negociações a decorrer em Bruxelas nem tão-pouco questões relacionadas com o reequipamento das Forças Armadas.

A escolha da RFA para a primeira visita de Cavaco Silva a um país estrangeiro não surge, no entanto, por acaso: para além do importante papel que desempenhou durante as negociações de adesão de Portugal à Comunidade Europeia, a Alemanha Federal tem apoiado financeiramente a consolidação da democracia portuguesa.

O carácter retributivo do apoio concedido que caracteriza esta visita não impedirá, no entanto, que algumas questões de particular interesse para Portugal deixem de ser focadas durante os encontros previstos.

A difícil situação orçamental da Comunidade Europeia, por exemplo será decerto abordada durante os encontros do Primeiro-Ministro quer com o chanceler Khol quer com o ministro federal das Finanças Gerhard Stoltemberg.

Cavaco Silva não deixará de solicitar aos seus interlocutores, que tudo façam para que as expectativas de modernização criadas com a adesão do país à Comunidade Europeia não venham a ser prejudicadas pela difícil situação orçamental com que aquela se debate.

Em matéria de defesa, por outro lado, o encontro do Primeiro-Ministro com o ministro federal da Defesa Manfred Woerner, a solicitação da delegação portuguesa, permitirá também que seja efectuado um ponto da situação sobre a negociação em curso para a compra das três fragatas Meko, assim como perspectivar o futuro do acordo que permite às Forças Armadas alemãs a utilização da base de Beja (acordo que caduca em 1988).

O chefe de Governo português deverá também nos encontros que se encontram previstos, ser chamado a pronunciar-se sobre a situação na África Austral, seguida com particular atenção pela RFA e onde a opinião portuguesa sobre o assunto é tida como extremamente relevante.

A análise doutros temas bilaterais como por exemplo o da situação dos portugueses que vivem e trabalham na Alemanha Federal e o dos investimentos alemães em Portugal, encontra-se também prevista.

A viagem inclui ainda uma visita a Berlim onde o Primeiro-Ministro vai proferir um discurso «de grande importância política» e a Estugarda, onde o chefe de Governo encontrará representantes da comunidade portuguesa emigrada na Alemanha Federal.

Cavaco Silva deve governar em sintonia com o Parlamento

— considera Luís Filipe Madeira

O dirigente socialista Luís Filipe Madeira disse ontem à NP que a manutenção do actual Governo vai depender da forma como «governar em sintonia com a maioria existente na Assembleia da República». O líder do PS algarvio e membro da direcção nacional deste partido sublinhou que o Executivo «tem de ser dialogante», pois, «numa situação superminoritária, não pode governar de uma forma desdenhosa e sobranceira como tem feito».

«O Governo está a esticar a corda como se se tratasse de um Governo maioritário» — disse aquele dirigente, acrescentando que «se num país da Europa um governo, mesmo de maioria que fosse, tivesse o comportamento deste, já teria sossobrado há muito tempo». Para Filipe Madeira, o actual Executivo «esquece-se de que a arte de bem governar é a arte de conciliar os portugueses e encontrar os pontos de equilíbrio na Assembleia da República».

«A Assembleia da República está a pagar o preço da estabilidade governativa necessária ao desenvolvimento do País, mas pergunta-se até que ponto o Governo quer obrigar o Parlamento a rever esses critérios» — salientou o dirigente do PS, que defendeu, contudo que «este Governo deve manter-se em funções enquanto for capaz de governar o País de acordo com os resultados eleitorais», sublinhando porém que, «se é verdade que Cavaco Silva ganhou as eleições, ele ganhou também a Assembleia que lá tem, mas que parece não querer aceitar».

Filipe Madeira criticou ainda o Governo pelo facto de manter «a política de austeridade».

Ontem, no tempo de antena do PSD

Cavaco Silva prometeu melhoria do poder de compra

O Primeiro-Ministro disse ontem na RTP que este ano «o poder de compra das famílias vai melhorar pelo menos 4 por cento. Cavaco Silva, que falava no tempo de antena do PSD transmitido ontem, afirmou que o seu Gabinete conseguiu «em escassos quatro meses pôr o País a andar para a frente». «Estamos a sair da crise em que o País esteve mergulhado nos últimos anos», acrescentou.

Cavaco Silva considerou ainda que «se vive hoje num clima de esperança e confiança» e que para isso «muito contribuiram as medidas tomadas pelo Governo, o rigor e a honestidade da sua acção, sua vontade de servir o País, a coragem e determinação com que tem enfrentado os obstáculos que têm sido lançados no seu caminho».

«Agora que a discussão do Orçamento de Estado terminou, serão lançadas novas obras públicas, baixarão os impostos e será dado novo impulso à economia nacional». Revelou também que «o crescimento dos preços, que até há bem pouco tempo esteve perto dos 30 por cento, já baixou para 12 por cento». «Vamos finalmente conseguir controlar a inflação», concluiu.

Comunistas açorianos querem ministro da República apegado aos ideais democráticos

Os comunistas açorianos consideram que o novo ministro da República deve ser uma figura «apegada aos ideais democráticas, à compreensão profunda do modelo constitucional da autonomia e ao interesse pelos problemas da região».

Em conferência de Imprensa em Angra do Heroísmo, após um encontro com o ministro da República para os Açores, os comunistas acrescentaram que «a naturalidade ou a condição de civil ou militar sejam critérios válidos, ou sequer constitucionais da selecção» de uma personalidade para ocupar aquele cargo.

Acusaram o PSD e o Governo dos Açores de propostas e práticas «essencialmente caracterizadas pelo aumento da agressividade e pela acentuação brusca do cariz separatista daí subjacente».

Denunciaram também alegadas situações que visam que a «Constituição Portuguesa não tenha plena vigência na Região», salientando que «o modelo constitucional da autonomia tem uma profunda natureza democrática, totalmente adulterada pela prática política do PSD-Açores». Para os comunistas açorianos, «tudo será feito para excluirquaisquer tendências hegemónicas que venham a manifestar-se na alteração do estatuto autonómico da região».

Responsável é fábrica de alumínios

Peixes morrem às centenas nas águas poluídas do Arunca

As águas do rio Arunca, em Soure, estão alteradas, «amareladas e pestilentas» e muitas são as centenas de peixes mortos, devido a descargas de fábricas de Pombal — confirmou à Anop o presidente da edilidade.

Alertado pela população de Simães, o presidente da Câmara de Soure percorreu ontem o curso do rio Arunca, tendo afirmado estar convencido que o número de peixes mortos pela loluição industrial «é muito superior» ao actualmente visível.

«Os peixes mortos já não são recentes e estão em adiantado estado de decomposição — sublinhou — e outras pessoas, que não apenas de Simães, mas também a Norte do concelho, me referiram o problema.»

«Isto não é uma situação nova» — disse o presidente de Soure, Firmino Ramalho, tendo frisado que «desta vez a descarga poluente foi muito mais potente do que o habitual».

A principal causadora dos efeitos poluentes parece ser, de acordo com afirmações de Firmino Ramalho, uma fábrica de anodização de alumínios da zona de Pombal, que, embora possuindo «alguns tanques de arejamento», denuncia a necessidade de uma estação de tratamento de esgotos, «que julgo não existir» — sublinhou.

Aquele autarca salientou a premência de uma «acção conjunta com a Direcção Hidráulica do Mondego», para suplantar o problema da poluição do Arunca, entidade a quem cabe a fiscalização do rio, acrescentou.

«Nada temos contra os industriais da região, sabemos muito bem que a sua actividade é necessária ao desenvolvimento económico do País, mas temos que encetar conjuntamente os esforços necessários para ultrapassar a situação» — observou Firmino Ramalho.

O alerta para o estado de poluição do rio Arunca foi dado à Anop por Manuel Gonçalves Castanheira, residente em Simães, que revelou estarem as suas águas «amareladas e pestilentas como nunca tinham estado antes».

«A população está indignada» e a intervenção das autoridades competentes é necessária porque «a saúde pública começa a estar seriamente ameaçada na região» — concluiu.

Também a Câmara Municipal de Castro Daire solicitou à empresa autora do projecto da Estação de Tratamento de Águas Residuais da região esclarecimentos sobre a causa da morte de milhares de peixes no rio Paiva.

A análise das águas residuais e uma vistoria ao funcionamento da ETAR foram ainda solicitadas pela autarquia de Castro Daire à Direcção-Geral do Saneamento Básico.

A ETAR de Castro Daire está a funcionar num raio de 10 quilómetros a montante da zona afectada do rio Paiva.

Organizações não governamentais portuguesas apresentam projecto

As Organizações Não-Governamentais (ONG) portuguesas realizam hoje em Lisboa, uma conferência de Imprensa para divulgação do projecto «Cooperação e Desenvolvimento — o Contributo das ONG», a realizar de Abril a Agosto, soube a agência NP.

Este projecto integra uma exposição itinerante, cuncursos juvenis, semana de solidariedade e uma conferência internacional, disse um dos responsáveis pela iniciativa.

As ONG consideram que a adesão do País à Comunidade Económica Europeia constitui uma oportunidade singular para que Portugal «dilate as capacidades e vocações» que forjou na área de cooperação com os países do Terceiro Mundo e, nomeadamente, com os povos africanos.

Assim, as ONG decidiram dar a maior prioridade a acções de apoio ao desenvolvimento dos povos do Terceiro Mundo, especialmente aos países africanos de expressão oficial portuguesa, e realizar iniciativas para sensibilizar a opinião pública nacional e europeia para actividades de cooperação que materializem um diálogo mais intenso e uma solidariedade mais íntima entre o Norte e o Sul.

As ONG consideram que o «esforço de formação impõe-se num país onde, por razões políticas, económicas e sociais, a cooperação tem sido assumida quase exclusivamente pelo Estado e onde a sociedade não está educada nem possui hábitos de participação em acções de cooperação», refere um documento das entidades organizadoras.

O projecto a apresentar tem como objectivos principais sensibilizar a opinião pública portuguesa para a cooperação entre a Europa e o Terceiro Mundo e estimular uma reflexão sobre a interdependência e possibilidades de co-desenvolvimento entre os países da Europa e os do Terceiro Mundo, nomeadamente de África.

Na 100.ª sessão no Tribunal de Monsanto

Benevides, réu "arrependido" não tem memória...

Negativas e evasivas marcaram ontem a 100.ª sessão do julgamento do caso «FUP/FP-25», em que Ângelo Benevides, o 25.º réu a depor no Tribunal de Monsanto, respondeu pelo terceiro dia, agora a instâncias da defesa.

«Não posso precisar», «não tenho agora interesse em fazer esse esforço», «não me lembro», foram sucessivas respostas a perguntas do advogado de defesa Romeu Francês.

«O réu responde sempre em termos muitos abstractos» — disse a certa altura Romeu Francês. O juiz-presidente, por sua vez, diria também em determinado momento que o réu não mostrava «nem capacidade de discurso nem de memória».

Benevides chegou mesmo a dizer que não podia precisar, que não conseguia «precisar concretamente no tempo e no espaço» quem e como, como antes alegara, lhe permitira identificar a FUP com as EP-25. Noutro passo das suas declarações indicou que para si a FUP se identificava com as FP-25 porque... «não se demarcava»...

Confesso militante da Juventude Autónoma Revolucionária (JAR), Ângelo Benevides disse que nesta estrutura «grande parte dos militantes o eram da FUP» e que na mesma «se partia do princípio» da dependência das FP-25, o que, acrescentou, «suscitava divergências».

Este réu continuará a ser ouvido esta tarde, respondendo agora às perguntas feitas pelos dois juízes-vogais.

Prevendo que o «arrependido» Benevides conclua o seu depoimento, o juiz-presidente convocou também para hoje dois novos réus: Frederico Benjamim, de 36 anos, e Hélio Salgueiro, de 33.

A 22 DE ABRIL

O SECULO

A TRADIÇÃO RENOVADA DE UM GRANDE JORNAL

Volta **O SECULO**. *Com ele regressa, aos seus leitores de sempre e ao País, um título prestigiado, uma memória e uma história que se confundem com a Memória e a História de Portugal nos últimos cem anos.*

Volta **O SECULO**.

Renovando a tradição, empresários privados, escritores e jornalistas independentes unem-se para produzir um jornal vivo, moderno, diferente.

Volta **O SECULO**.

Nome que traz força mas também responsabilidade. Nas páginas de **O SECULO**, *dos jornais e revistas do grupo, estão, em palavras e imagens, as histórias da História — da Monarquia Constitucional, da I República, da Grande Guerra, do Estado Novo, da II Guerra Mundial. Estão as caras e os casos do País e de Lisboa, os políticos, os intelectuais, os artistas, os boémios, os anónimos...*

Em ideias, em factos, em histórias, em gente viva.

Reviver esta tradição, hoje, é o desafio da equipa que traz de volta **O SECULO**:

Uma linha editorial de rigor crítico.

A opinião de colaboradores de prestígio.

O Mundo e o País, numa informação diversificada e rigorosa, apoiada em correspondências exclusivas com grandes jornais europeus e americanos.

A Cidade e a Grande Lisboa em notícias e reportagens vividas. A tradição regionalista de **O SECULO** *através dos correspondentes locais.*

A informação económica e social, do País que investe, que cria, que trabalha.

Um panorama da Cultura e das novas formas de expressão literária e estética, das ideias que vão mover o mundo.

Uma agenda exaustiva de informações úteis, aquilo que você precisa de saber para o seu quotidiano de trabalho e tempos livres.

Dois meses após o primeiro transplante cardíaco em Portugal

Eva Pinto foi para a Moita a sonhar com "coraçõezinhos de cetim"

Manuel Geraldo

Eva Pinto, a segunda mulher portuguesa em quem pulsa no peito um coração alheio, e que é simultaneamente o primeiro caso de transplante cardíaco alguma vez realizado no nosso País, abandonou ao princípio da tarde de ontem o Hospital de Santa Cruz, em Carnaxide, onde a operação teve lugar há 54 dias, seguindo para os arredores da capital, mais concretamente para a Moita, a fim de fixar-se em casa de familiares, até que os médicos assistentes a autorizem a voltar à sua casa no Porto

Antes de abandonar o hospital, a bordo de uma carrinha conduzida pelo seu marido, Eva Pinto, que envergava um grosso casaco de peles, teve um breve encontro com os jornalistas em que voltou a utilizar um discurso de forte pendor místico, já conhecido das suas duas anteriores intervenções públicas, a primeira ainda para lá das vidraças de uma câmara bacteriologicamente imunizada e a outra no Dia Internacional da Árvore, já no exterior do edifício, onde de luvas brancas e máscara, plantou ela própria um rebento num dos canteiros ali existentes.

Mostrando-se incapaz de responder às questões que lhe foram levantadas, sem que as palavras Deus, Cristo e milagre viessem à tona, Eva Pinto, no tom de voz «cavernoso» que ainda não perdeu de todo abençoou a «hora bendita» em que entrou no Hospital de Santa Cruz, onde terá de voltar para observações na próxima sexta-feira, e incensou os médicos «esses anjos que a operaram».

Questionada sobre a religião que professa, se, por exemplo a Católica, a Protestante, a Adventista do Sétimo Dia, as Testemunhas de Jeová, respondeu que não, que o seu credo, a sua profissão de fé, é a quase desconhecida entre nós «Cristãos de Portugal», ramificação de um grupo evangélico que tem, ao que disse, as suas raízes no Brasil e que ela e a maioria da sua família já professam há cerca de vinte anos.

Perguntámos-lhe se, ao que constava, iria em breve deslocar-se ao Santuário de Fátima para cumprir uma alegada promessa pelo «milagre da sua cura». Ao ver-se confrontada com esta questão, Eva Pinto afirmou na sua voz entrecortada, e muitas vezes quase que ininteligível: «Fátima não. Não faz parte do percurso da minha religião». Empolgada pelo seu discurso, Eva Pinto ainda perguntou aos jornalistas, sem que de qualquer deles obtivesse «sinal verde» para tal se estavam interessados em que ela fosse buscar um manto ou lenço em que teria incrustado (inserito) um qualquer símbolo da sua fé.

Feirante de profissão, com banca num mercado dos Carvalhos, e artesã de peças ornamentais, Eva Pinto disse-nos disposta a voltar à actividade logo que autorizada pelos «senhores doutores», desta vez para manufacturar «muitos coraçõezinhos de cetim vermelhos e de todas as cores», de forma a poder ajudar o marido, Manuel Pereira de Santos, técnico de vendas da empresa «Uniagre», e os seus três filhos.

Eva Pinto é natural de Gerês de Lima, e um conterrâneo, e antigo colega de escola, que ontem estava no Hospital de Santa Cruz para a poder abraçar, disse que «lá na terra, há muitas pessoas, que tal como aconteceu na conquista da Lua, ainda não acreditam que ela tenha um coração novo».

Um coração de homem

Eva Pinto, recorde-se, que foi operada na noite de 19 de Fevereiro deste ano (vinte anos após a primeira transplantação cardíaca, a nível mundial, efectuada pelo médico sul-africano Christian Barnard) por uma equipa chefiada pelo dr. Queirós de Melo, recebeu o coração do gasolineiro Mário Maria Meles, de 48 anos, retornado de Angola, falecido nos Hospitais da Universidade de Coimbra, na sequência de um acidente de motorizada ocorrido dias antes em Oliveira do Bairro. Um dos rins de Mário Meles, cujo coração veio até Lisboa num helicóptero da FAP, seria igualmente enxertado com êxito num paciente pelo prof. Linhares Furtado, tendo a viúva reagido negativamente à utilização dos orgãos do marido, alegando não ter sido consultada para o efeito. Acontece que a lei portuguesa não exige a autorização dos familiares dos dadores para que os seus orgãos sejam utilizados em transplantes e enxertos. «Eu duvido que o meu homem fosse capaz de admitir sequer dar o seu coração a outra pessoa, pois nem sequer gostava de dar sangue», diria a mulher de Mário Meles.

Negativamente reagiria também Eva Pinto ao saber, através dos jornais, que o coração que pulsava no seu peito pertencia a um homem, cuja família afirma agora pretender visitar, para lhes dar um abraço e para que eles lhe perdoem, embora ache que «foi Deus que assim o quis, pois Deus dá uma hora para morrer e outra para viver».

«O facto de Eva Pinto saber que recebera o coração de um homem — referiria o dr. Queirós de Melo — fez com que atravessasse um período de grave crise psicológica que poderia ter afectado a favorável evolução do seu estado.»

A «liderança» de Machado Macedo

Entretanto, e ao que apurámos, a equipa que tratou de Eva Pinto irá estar de novo em foco na próxima quinta-feira ao operar ao coração o pequenito Pedro Filipe Espanhol, de três anos, que fomos encontrar ao colo de sua mãe, no átrio do Hospital de Santa Cruz a assistir à saída da feirante do Porto. Ao que nos revelou a sua mãe, Carlinda Antunes Espanhol, o primeiro sintoma de doença de Pedro Filipe surgiu há meses quando começou a vomitar com frequência. Com sinais de epilepsia (o pai Francisco António Espanhol, sofre dessa doença) Pedro Filipe, que correu vários médicos até que a doença lhe foi diagnosticada (deficiência na aorta) irá agora ser colocado nas mãos dos pioneiros das transplantações cardíacas em Portugal. Que têm como «decano» esse autêntico «sacerdote» da medicina cardiogógica que dá pelo nome de dr. Machado de Macedo. E como ponto de referência o Hospital de Santa Marta, onde criaram as bases para a especialidade que hoje exercem com assinalável mestria.

Em declarações ontem prestadas aos jornalistas o dr. Machado Macedo anunciou que, embora o Hospital de Santa Cruz não tenha estado a aceitar casos para futuros transplantes, existem actualmente quatro pessoas preparadas para novas intervenções.

Registe-se, a propósito, que a transplantação operada em Eva Pinto foi a primeira realizada em Portugal mas não foi a primeira efectuada por um médico nosso compatriota. E isto porque, em 1985, o dr. Manuel Antunes, de 37 anos, natural do concelho de Pombal e radicado em Joanesburgo há dez anos, efectuou um transplante de coração num bebé negro. Na mesma cidade sul-africana, também a portuguesa Ana Maria Moreira, de 23 anos e nascida na Madeira, vive desde Fevereiro deste ano com um coração novo.

O dr. Queiroz de Melo, chefe da equipa que operou Eva Pinto. Antes dele já outro cirurgião português, dr. Manuel Antunes, efectuara um transplante cardíaco em Joanesburgo.

Eva Pinto, ao abandonar ontem o Hospital de Santa Cruz, abençoou os médicos, «esses anjos que a operaram»

ARTIGO DE FUNDO

Mário Castrim

Esta minha posição não é de agora. Pensei sempre assim. Mantenho-me coerente com o que sempre fui.
Jurei a mim próprio que desligaria completamente o governo, da televisão.
É claro que a televisão não pode deixar de informar os cidadãos das medidas governamentais. Isso é uma coisa. Outra bem diferente é a televisão constituir uma espécie de ministério oculto, uma espécie de ministério de propaganda para a propaganda dos ministérios!
Mal entrei para o governo, a minha primeira decisão foi convocar uma reunião com os responsáveis da TV na qual lhes comuniquei a nova orientação: comigo no poder, a televisão ficaria totalmente desvinculada do governo — e o responsável de TV que não comprisse esta norma, seria imediatamente despedido.
Os profissionais teriam a mais completa liberdade para o tratamento das questões políticas. Eu próprio assisto a todas as emissões do **telediário** *para fiscalizar a acção dos jornalistas que deve primar pela isenção. Aí deles se eu vir que não estão sendo isentos!*
O profissionalismo e a manutenção do material devem ser prioritários. É inadmissível que uma repórter me entreviste com o microfone fechado, obrigando-me a improvisar tudo de novo, apanhado de surpresa como fui. Não admitirei impunemente, a repetição do meu depoimento só porque o gravador foi comprado em 1913 e em segunda mão!
A partir de agora, nenhum ministro poderá convocar a reportagem do **telediário** *mais do que uma vez por dia. Eu próprio, crente como sempre fui na eficácia do exemplo, declarei já à Administração que prescindia de quaisquer câmaras privativas e que me recusaria, inclusive, a aparecer no* **telediário** *mais que duas vezes por dia.*
Convoquei esta conferência de Imprensa exactamente para comunicar, a todo o país, a independência da TV face ao governo. Mas agora reparo: não se encontra aqui nem uma câmara de televisão! Isto é inadmissível. É intolerável.
Em qualquer país democrático, haveria imediatamente um inquérito.
Proceda-se, pois, a inquérito para apuramento de responsabilidades.

Requisições e despesas "queimam" na CM de Coimbra

Sucessor de Mendes Silva quer inquérito ao Executivo anterior

O presidente da Câmara Municipal de Coimbra quer uma inspecção a actos e despesas do anterior Executivo. O sucessor de Mendes Silva, que ontem desafiou o Executivo camarário a avançar nesse sentido, não o concretizou em proposta. O repto de António Moreira para que seja feita uma inspecção administrada à gestão do Município no anterior triénio não foi formalizada por qualquer dos vereadores.

António Moreira e Mendes Silva: dois homens e dois estilos em confronto

Ao intervir, ontem, na sessão semanal da CM coimbrã, o presidente disse ter em mão «milhares de papelinhos», onde têm de pôr o visto, em alusão a ordens de pagamento de despesas feitas no anterior mandato. O autarca exibiu, inclusivamente, uma factura que não tinha sido assinada por ninguém e acrescentou: «É nestes casos que eu me alarmo».

«Não tenham medo de pedir uma inspecção à gestão do período em que fui presidente (triénio 1980-82), nem à dos três meses em que aqui estou», afirmou.

Dirigindo-se a um vereador que integrou o anterior Executivo Municipal, a propósito de pagamento de despesas «duvidosas», António Moreira disse que «a situação regularizar-se-ia pedindo a um inspector do Ministério das Finanças para vir averiguar».

«Assim saberíamos o que podemos pagar e o que não podemos pagar», acentuou o autarca.

António Moreira (PSD) presidiu à Câmara de Coimbra no triénio 1980-82 e foi reeleito em Dezembro último. Entre 1983 e 1986 dirigiu a Câmara Municipal de Coimbra, Mendes Silva (independente eleito numa lista do PS).

O desafio visaria Mendes Silva, sobretudo. E surgiu na sequência de várias requisições — como atrás se alude — de materiais e aquisição de imóveis ocorridos durante a gestão liderada por Mendes Silva, em que, alegadamente, não terão sido cumpridas formalidades burocrático-administrativas exigidas por lei.

António Moreira apontou concretamente os casos da aquisição de um edifício por 15 mil contos, sem se ter realizado uma avaliação prévia, e de postais, gravuras e cartazes que não deram entrada nos Serviços Culturais e cujas facturas não estavam assinadas.

«Todos os dias tomo conhecimento de centenas de casos que revelam os terríveis processos administrativos instalados nesta casa», disse António Moreira.

De acordo com o presidente do Município de Coimbra, «é preciso acabar com a existência de facturas sem assinatura, requisições de material também sem assinaturas de vereadores, e autorizações de pagamentos de despesas desautorizadas».

«Criou-se uma situação que só poderá ser regularizada por uma inspecção administrativa, pois só assim poderemos repor a credibilidade da Câmara de Coimbra», acrescentou António Moreira.

Vereador da APU «ajuda» presidente

O vereador socialista Manuel Machado, um dos responsáveis pela gestão da Câmara no anterior mandato, não concordou com as afirmações do presidente, considerando-as «uma leitura errada da situação».

Na perspectiva daquele vereador, o cumprimento dos processos burocrático-administrativos alegados pelo presidente «são formalidades que entravam a gestão e não constituem atropelos à lei».

Em sua opinião, essas formalidades «têm mesmo de ser eliminadas para tornar mais rápida e eficiente a gestão do município e até para defender o Poder Local».

A sessão foi, aliás, caracterizada pela polémica, devido aos entendimentos diferentes da situação económica do Município por parte do PS, por um lado, e do presidente e do vereador da APU, Santos Cardoso, por outro.

Santos Cardoso, que é actualmente responsável pela administração, apresentou um documento em que contesta as contas de gerência relativas a 1985 apresentadas na passada semana por Manuel Machado e em que se considerava ter havido poupança e contenção de despesas correntes, bem como a sua utilização em investimentos.

Na conta de gerência de 1985, Manuel Machado concluía que a dívida transitada para 1986 era de 192 mil contos, contrariando informações prestadas anteriormente por Santos Cardoso, que apontava para uma verba amplamente superior a 200 mil contos.

No seu documento de contestação, Santos Cardoso refere que as conclusões do vereador socialista constituem «uma distorsão grosseira» da realidade económica actual da Câmara. Salienta, a propósito, que ao montante de 192 mil contos devem ser adicionados cerca de 44 mil contos de encargos assumidos e não pagos nesse ano económico, bem como 148 mil contos de verbas destinadas a fins específicos e desviadas posteriormente para outras operações, a que de modo genérico se reportou em declarações prestadas ao «DL» dias antes das eleições autárquicas de 15 de Dezembro.

Exemplificou, no primeiro caso, um empréstimo de 32 mil contos e a aquisição de várias viaturas e de um edifício no segundo caso, apontou 80 mil contos destinados à construção da Escola Hoteleira e resto da derrama, entre outros exemplos.

Presidente da Câmara apoia PSD contra CDS

Sanitários de Coimbra provocam primeira fractura na maioria

Os sanitários automáticos de Coimbra estão a provocar a primeira fractura na maioria autárquica da Câmara Municipal (PSD/CDS). Dois vereadores da maioria desentenderam-se ontem por mor de alguns sanitários automáticos, nos principais pontos da cidade.

A história é esta: Ferreira Araújo, do PSD, considerou que o posicionamento actual dos sanitários é «anárquico e inestético», para além de fazerem publicidade à empresa estrangeira que os colocou.

Esta opinião foi corroborada pelo presidente do executivo, António Moreira, que disse tratar-se de «uma decisão infeliz do anterior executivo que terá de ser corrigida».

Contra estas opiniões insurgiu-se o vereador Viterbo Correia, do CDS, que considerou as palavras do vereador Ferreira Araújo e do presidente da Câmara (do PSD) um «achincalhamento de um assunto sério e decidido responsavelmente pela Câmara anterior».

A provável modificação do posicionamento dos sanitários ficou adiada para uma discussão posterior a ocorrer provavelmente na sessão camarária da próxima semana.

Na sessão de ontem foi aprovada a transferência de competências de gestão ao aeródromo de Coimbra da Assembleia Distrital para a Câmara de Coimbra e decidido alertar a EDP para o facto de existirem várias zonas da cidade sem luz há cerca de 15 dias.

O executivo adjudicou também a construção do edifício escolar Espírito Santo das Touregas, por cerca de seis mil contos.

A população de Espírito Santo das Touregas cortou uma estrada secundária em Outubro do ano passado e havia ameaçado boicotar as últimas eleições legislativas caso o processo de construção da escola não fosse rapidamente desencadeado.

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE POMBAL

ANÚNCIO

Pelo 2.º Juízo de Direito do Tribunal Judicial de POMBAL, na acção com processo sumarissimo n.º 380/85, pendente na 3.ª Secção da Secretaria, movida pela autora DIMOGRUPO — SOCIEDADE DISTRIBUIDORA DE MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO, LD.ª, com sede em Travasso — POMBAL, contra o réu JOSÉ CARLOS INÁCIO, casado, comerciante, com última residência conhecida em Freixandas — VISEU, é este réu citado para contestar, apresentando a sua defesa no prazo de 8 DIAS, que começa a correr depois de finda a dilação de 30 DIAS, contada da data da segunda e última publicação deste anúncio, sob a cominação de vir a ser condenado no pedido que o autor deduz naquele processo e que consiste em pagar à autora a quantia de 18 152$00 acrescida dos juros respectivos.

POMBAL, 4 de Abril de 1986

O Juiz de Direito
Ass. ilegível

O Escriturário Judicial
Ass. ilegível

«DL» — 15/4/86 — 2.ª pub.

Processo N.º 800
2.ª Secção

COMARCA DE POMBAL

Anúncio
para citação de credores desconhecidos

Pelo Juízo de Direito desta comarca, 2.ª secção, correm éditos de vinte dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos da executada VISEU INDUSTRIAL, Ld.ª, com sede em Viseu na zona Industrial de Abravezes para no prazo de dez dias, posterior àquele dos éditos, deduzirem os seus direitos na execução movida por DIMOGRUPO — Soc. Dist. Mat. Construção, Lda, com sede em Travasso-Pombal — com o N.º 800, desde que gozem de garantia real sobre os bens penhorados.

Pombal, 4 de Abril de 1986
O Juiz de Direito,
ass) António Pereira Madeira

O Escrivão,
ass) José dos Santos Alves

«DL» — 15/4/86 — 2.º Pub.

Processo n.º 801
2.ª Secção

Comarca de Pombal

ANÚNCIO
para citação de credores desconhecidos

Pelo Juízo de Direito desta comarca, 2.ª secção, correm éditos de vinte dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos da executada VISEU INDUSTRIAL, Ld.ª, com sede na zona industrial de Abravezes-Viseu para no prazo de dez dias, posterior àquele dos éditos, deduzirem os seus direitos na execução movida por Cerâmica Duarte da Mota, Ld.ª, com sede em Travasso — Pombal — com o n.º 801, desde que gozem de garantia real sobre os bens penhorados.

Pombal, 4 de Abril de 1986
O Juiz de Direito
António Pereira Madeira
O Escrivão
José dos Santos Alves

D.L. — 15/4/86 — 1.ª Pub.

APOSTAS MÚTUAS

(TOTOBOLA – TOTOLOTO)

Informam-se os candidatos a agentes que, devido à enorme afluência de pedidos recebidos pelo Departamento de Apostas Mútuas desde a implantação do TOTOLOTO e ainda à pouca disponibilidade de máquinas registadoras, se encontra suspensa a aceitação de novos pedidos.

Os existentes serão apreciados em conjunto, por zonas, com prioridade para localidades onde não existam agências e em que, dentro dos critérios dos Serviços, elas se justifiquem.

DEPARTAMENTO DE APOSTAS MÚTUAS

Jornadas defendem permanente actualização escolar

Uma melhor distribuição dos jovens quadros do ensino superior pelo País para mais eficazmente ser aproveitada «a inteligência nacional», foi defendida nas jornadas sobre a integração europeia que decorrem em Lisboa.

As conclusões das jornadas «Os jovens perante o desafio da integração europeia», iniciativa dos finalistas do Instituto Superior Técnico, sublinham ainda «a necessidade de afirmação dos valores portugueses 'sem bairrismo' na Europa comunitária».

Os estudantes sublinham «a urgência de um sistema escolar português adequado às estruturas nacionais e permanentemente actualizado» e a necessidade de serem informados das «negociações conducentes à implementação de um sistema de educação único» nos países da CEE.

Os participantes defenderam «o papel que a Universidade portuguesa tem de fundamental para a investigação científica na Europa» e, «a sua melhor adequação através da autonomia universitária».

Defendendo a existência de «um título europeu de cidadania» e uma maior participação dos jovens na sociedade, os participantes das jornadas consideraram a regionalização do País como «motor imprescindível do desenvolvimento regional».

Jaime Nogueira Pinto

O regresso de um cabeçalho prestigiado

Arranque no dia 22

Número zero de "O Seculo" prepara relançamento

Oito anos e dois meses depois de ter sido publicado o derradeiro número de «O Século», o jornal reapareceu hoje, num número zero de circulação restrita, destinado a preparar o seu relançamento a partir do dia 22.

«'O Seculo' é independente de quaisquer forças partidárias ou grupos de pressão, sendo a sua linha editorial da exclusiva responsabilidade do director» — afirma o estatuto editorial publicado neste número zero, que aparece em formato tablóide — o adoptado por aquele jornal a partir de agora.

Em política externa, «O Seculo» defende a solidariedade atlântica, o rearmamento espiritual do mundo livre e encara numa perspectiva realista a integração europeia, sempre dentro da supremacia dos valores nacionais sobre quaisquer outros» e em economia «procurará a libertação da sociedade civil de tutelas e controlos burocráticos».

«O estilo estará de acordo com o conteúdo, evitando-se a leviandade sensacionalista, o ataque personalizado, a invasão na esfera do privado» — lê-se ainda no estatuto de «O Seculo».

No editorial publicado no número zero e chamado «A Aventura», o director do jornal, Jaime Nogueira Pinto, escreve que «um jornal informativo não é um jornal asséptico, sem valores, indiferente ao bem e ao mal» para depois recordar que «mais que as análises dos escaninhos dos partidos, importam as caras e os casos dos portugueses», prometendo para isso reportagem «às vezes mais cinema que escrita».

II Encontro Regional de Educação Pré-Escolar

O Sindicato dos Professores do Norte promove quinta e sexta-feira no Porto o II Encontro Regional de Educação Pré-Escolar.

O encontro, que deocrre no Instituto Superior de Engenharia, tem como objectivo «unir os educadores de infância no debate das questões ligadas à educação pré-escolar, reflectir sobre as perspectivas de implementação e alargamento da educação pré-escolar», anunciou a organização.

O debate, que conta com a participação de mais de 700 educadores, vai também pronunciar-se sobre as escolas superiores de educação e formação de educadores de infância.

Universitários do Porto em vigília

Centenas de estudantes universitários do Porto iniciaram sexta-feira à noite uma vigília» em frente da Faculdade de Ciências, reivindicando a expulsão do professor Andrade de Guimarães.

Trata-se de uma «manifestaçõ de repúdio» em relação àquele professor catedrático, que os estudantes universitários do Porto acusam de se ter dirigido a uma aluna em termos «insultuosos» durante provas de avaliação.

As associações de estudantes da Faculdade do Porto solidarizaram-se com a colega em causa e exigem a «expulsão imediata» de Andrade Guimarães «em prol do respeito, dignidade e qualidade do ensino».

Professores de Português em França fazem greve

Os professores de Português em França decidiram iniciar um movimento grevista a partir desta semana, disse à Anop fonte sindical.

A mesma fonte sindical informou que 50 professores de Português em França poderão ficar no desemprego a partir de hoje, se entrar em vigor um despacho governamental de 28 de Fevereiro, que dá prioridades de acesso aos lugares de professores já profissionalizados.

Aqueles 50 professores, de acordo com a fonte sindical, não são profissionalizados, embora já exerçam permanentemente a docência desde os anos 70.

Ausentou-se de casa de seus pais há cerca de 5 dias, a menor Teresa Cristina Matos Ribeiro, de 15 anos de idade, que na altura vestia camisola cor-de-rosa, sapatos pretos baixos, blusão verde ervilha e calças verdes.

Agradece-se, a quem souber do seu paradeiro, que o comunique para o Telef. 666541.

VESTUÁRIO EM CABEDAL
E ANTÍLOPE
CONFECCIONAMOS POR MEDIDA
PINTAMOS E ARRANJAMOS
CASACOS DE CABEDAL
CONFECÇÕES STAHL, LDA.
AV. MARQUÊS DE TOMAR, 68-1.º ESQ.
☎ 77 11 58 — 1000 LISBOA

Prémios Urbano Carrasco

"Diário Popular" contempla "prata da casa"

Os jornalistas Baptista-Bastos e José Antunes, respectivamente redactor e repórter fotográfico do «Diário Popular», foram contemplados com os Prémios Urbano Carrasco 85, nas modalidades de Reportagem e Fotografia.

Por força do regulamento, estes prémios passaram, a partir de 1985, a ser atribuídos anualmente, com os valores de 100 e 50 contos, destinando-se a galardoar trabalhos da autoria de jornalistas dos quadros da empresa, publicados no «Diário Popular».

O júri, que este ano foi composto por Botelho da Silva (director adjunto, representante da direcção), Acácio Barradas e Ângelo Granja (chefe da Redacção e chefe adjunto), e João Paulo de Oliveira (em representação do conselho de redacção) decidiu premiar o trabalho de Baptista-Bastos «Mistérios dos Roupeiros de Serpa» publicados no suplemento «Sábado Popular» de 8 de Agosto (modalidade reportagem) e a série de fotos feita por José Antunes para ilustrar a reportagem «Aviteiros, os Condenados do Rio» com texto de Humberto de Vasconcelos (modalidade de fotografia).

José Antunes

Baptista Bastos

Durante o jantar-convívio que serviu de pretexto para a divulgação e entrega dos Prémios Urbano Carrasco, usaram da palavra o presidente do conselho de gerência do DP, Moreira da Cruz o director daquele nosso colega, Pacheco de Andrade e ainda Baptista-Bastos e Angelo Granja.

Entre os presentes, para além de praticamente todo o quadro redactorial do DP e da maioria das chefias de todos os departamentos da EPDP, pudemos assinalar a participação do antigo redactor do DP e actual director do Diário de Notícias, Dinis de Abreu, do director de «A Bola», Carlos Miranda, da viúva de Urbano Carrasco, D. Suany Carrasco, do director da NP, José Manuel Barros e de representantes da generalidade dos orgãos de Comunicação Social, entre os quais um jornalista do Diário de Lisboa.

Para que o Algarve tenha mais turistas

Comissão de Turismo quer gasolina mais barata já antes do Verão

O presidente da Comissão Regional de Turismo do Algarve quer que o preço do litro da gasolina desça antes do Verão, de modo a que a região possa acolher mais turistas nacionais e estrangeiros. Caso isso aconteça, é normal que sejam mais os portugueses — contas bem feitas — a procurarem o Algarve.

Luís Filipe Madeira defendeu ontem, em Faro, a descida do preço da gasolina «super» antes do início do próximo Verão, em virtude de constituir «um factor de encarecimento dos programas turísticos».

Em declarações à NP, Luís Filipe Madeira sublinhou que «esse abaixamento seria vantajoso para o turismo algarvio», uma vez que iria «atenuar o preço do valor do pacote turístico».

«A gasolina entra como um factor importante no preço global de uma viagem turística» — disse o presidente da RTA, salientando que presentemente aquele combustível «é de longe muito mais caro em Portugal, em relação aos preços praticados na Europa».

Para Luís Filipe Madeira, além das razões apontadas, a conjuntura de desvalorização do dólar, da libra inglesa e do franco francês justificaria que o Governo «implementasse antes do Verão uma descida dos preços daquele combustível».

Em relação à próxima época alta no Algarve, o presidente da RTA disse que a encara com um «optimismo cauteloso», porque em matéria de saneamento básico e de saúde «nunca se pode dizer que se está bem», pois que «qualquer problema imprevisto pode surgir e criar situações graves».

Acrescentou, no entanto, que se houver um empenhamento de todas as entidades ligadas ao sector como houve em 1985, e se não se verificarem factores «excepcionalmente anómalos», espera que tudo possa correr normalmente.

FEDER para a região: 750 mil contos

O valor das comparticipações para o Algarve do primeiro pacote do Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional a Portugal, é de cerca de 760 mil contos.

A verba distribui-se por 25 projectos referentes a melhoramentos em 13 dos 16 concelhos da Região, nas áreas da rede viária, abastecimento de água e saneamento.

A Estrada Marginal do Guadiana, investimento intermunicipal dos concelhos de Alcoutim e Castro Marim, foi o projecto que recebeu maior comparticipação do FEDER, com cerca de 151 mil contos.

Uma nova estrada, que irá ligar Monchique ao Baixo Alentejo (Odemira), com uma comparticipação de cerca de 96 mil contos, é o segundo projecto mais contemplado, seguindo-se a remodelação da rede de esgotos de Lagos, com 75 mil contos.

Ao nível dos 13 concelhos contemplados, Alcoutim, o mais atrasado em termos de desenvolvimento económico no Algarve, foi o mais beneficiado em projectos de cariz intermunicipal, que totalizam 253 mil contos.

Monchique, além da comparticipação para a construção da nova estrada para o Alentejo, receberá mais 50 mil contos para a sua rede de saneamento básico, e Lagos mais cerca de 14 mil para a de abastecimento de água.

Os únicos três concelhos não contemplados por este primeiro pacote foram os de Faro, Vila Real de Santo António e Vila do Bispo.

O problema do saneamento básico no Algarve está a ser seriamente encarado: o presidente da Câmara Municipal disse que o concelho poderá vir a ter um «efeito multiplicador catastrófico», caso não seja resolvido dentro de dois anos.

José Alberto Batista acrescentou que a verba atribuída este ano pelo Orçamento do Estado ao Município (cerca de 277 mil contos) «não vai resolver de modo algum os problemas do sector no concelho».

O presidente da autarquia salientou que o problema do saneamento básico em Lagos terá de ser, assim, resolvido «com a prata da casa».

«Todos os tostões que o Município dispõe terão de ser empregues no sector», uma vez que, «também os financiamentos solicitados a organismos comunitários, nomeadamente o FEDER, ainda não foram obtidos de facto», acrescentou.

Vime de contrabando apreendido na Madeira

As autoridades alfandegárias da Madeira apreenderam vime bruto de contrabando destinado ao Continente. O vime-matéria-prima cuja «exportação» se encontra temporariamente proíbida por um despacho do secrertário Regional da Economia, Rui Fontes — foi encontrado no Funchal, em contentores de mercadorias prontos a serem transportados para Lisboa.

O material apreendido encontra-se agora à guarda do Instituto do Bordado, Tapeçarias e Artesanato da Madeira, que solicitou a operação de controlo da «exportação» do vime. Rui Fontes considera lesiva da economia da Madeira «a saída da região de matéria prima que é necessária à indústria regional».

Pediram o carro emprestado sob a mira de pistolas

Um jovem estudante foi obrigado a entregar o seu automóvel a dois indivíduos que ontem à tarde, próximo do Bairro dos Olivais em Lisboa, lhe apontaram pistolas e o obrigaram a sair da viatura.

Eram cerca das quinze horas quando António Yerlandar Fernando António Martins, de 21 parou o carro que conduzia na Avenida Marechal Gomes da Costa em obediência aos semáforos. Foi então que os dois indivíduos ainda jovens armados com armas de fogo se lhe dirigiram e obrigaram a sair. Depois tomaram conta do automóvel e arrancaram sem dar qualquer satisfação ao jovem proprietário do veículo, que se dirigiu à 34.ª esquadra da PSP, nos Olivais onde referiu a ocorrência.

O graduado de serviço que tomou nota da denúncia mandou sair alguns guardas para averiguações e meia hora depois tinham encontrado o automóvel abandonado no Bairro dos Olivais, mais propriamente na Rua Cidade da Praia sem que lhe faltasse qualquer peça ou acessório.

O estranho assalto à mão armada foi comunicado à Judiciária que vai iniciar diligências no sentido de esclarecer devidamente o insólito caso.

Ex-comando alvejado por guarda-nocturno

Um jovem de 22 anos, de apelido Franco, referenciado como ex-Comando, foi ferido a tiros de pistola no bar «Mary Anne», localizado no centro do Funchal, acusado de ter agredido o autor dos disparos, um guarda-nocturno, e de ter provocado a destruição de diverso material pertencente ao estabelecimento. Na origem do incidente terá estado uma questão iniciada nas máquinas de jogos existentes no «Mary Anne». Franco foi detido por agentes da PSP que o conduziram ao Hospital Central do Funchal, onde ficou internado com ferimentos numa perna.

Cargueiro da RDA despejado de 200 mil litros de fuel

A extracção dos 200 mil litros de fuel a bordo do «Menseld», há dois meses encalhado a Sul da Figueira da Foz, está a ser fiscalizada pela Marinha. «O cargueiro continua a pertencer à República Democrática Alemã, mas o prazo para retirar o combustível terminou em 19 de Março, pelo que compete à Direcção-Geral da Marinha encontrar agora uma solução», referiu um porta-voz da Capitania daquele porto.

A mesma fonte disse que «apesar do barco se encontrar já alquebrado não se prevê qualquer efeito poluente pelo eventual derrame do fuel».

O «Menseld», que sofreu um incêndio a bordo antes do seu encalhamento, tem 150 metros de comprimento e mais de mil toneladas de arqueação bruta.

MUNICIPIO DE ALMADA
SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS DE ÁGUA E SANEAMENTO

INFORMAÇÃO
Taxas de Saneamento

De acordo com a alteração metodológica administrativa, informa-se todos os munícipes que as taxas de ligação e conservação da rede de Saneamento, a partir do corrente ano, **passarão a estar a pagamento** durante o mês de Outubro, **nos locais indicados nos respectivos avisos.**

Almada, 7 de Abril de 1986

O Presidente do Conselho de Administração
António Medeiros

COMUNA - TEATRO DE PESQUISA
HOJE AS 21.30H TEL 726 08 18
CALIGULA DE ALBERT CAMUS • ENCENAÇÃO DE JOÃO MOTA
MAIORES 12
VEJA TEATRO A PREÇOS REDUZIDOS
PATROCINIO DA F. GULBENKIAN 3.ª/4.ª e 5.ª feira PREÇO ÚNICO 150$00
PRAÇA DE ESPANHA • APOIOS F GULBENKIAN E RADIO COMERCIAL SUB SEC

CÂMARA MUNICIPAL DE MÉRTOLA

SAUDAÇÃO

A Assembleia Municipal de Mértola, reunida em Sessão Extraordinária do dia 5 de Abril de 1986, saúda todos os democratas e toda a população do Distrito de Beja que numa impressionante convergência democrática contribuiram para derrotar o candidato da extrema direita nas eleições presidenciais.

A Assembleia Municipal de Mértola apela para que as comemorações do 12.º aniversário do 25 de Abril e do 1.º de Maio possam e devam reforçar os factores de aproximação e entendimento entre todos aqueles que querem contribuir decisivamente para encontrar soluções que dêem resposta aos grandes problemas do nosso distrito.

A Assembleia Municipal de Mértola manifesta a inteira solidariedade aos trabalhadores e a toda a população do distrito e o seu apoio às grandes jornadas marcadas para comemorar o 25 de Abril e o 1.º de Maio.

Mértola, 5 de Abril de 1986

A Assembleia Municipal de Mértola

CONCURSO
MÉXICO meu Mundial
o diário
as grandes figuras do futebol mundial
DEZENAS DE PRÉMIOS:
DOIS AUTOMÓVEIS
VIAGEM A ROMA PARA DUAS PESSOAS
VÍDEOS E TELEVISORES
MÁQUINAS DE LAVAR
É FÁCIL, COLECCIONA-SE COMPRE o diário
A PARTIR DE 14 DE ABRIL

Khadafi com a mulher e os filhos (foto obtida em 13 de Janeiro)

CEE preocupada

Os doze ministros de Negócios Estrangeiros da CEE, que se reuniram ontem de emergência em Haia a pedido dos governos italiano e espanhol, manifestaram a sua preocupação pelo aumento da tensão no Mediterrâneo.

No comunicado final, pela primeira vez, a Líbia do coronel Khadafi é citada pelo seu apoio claro ao terrorismo internacional e convidada «a renunciar a um tal apoio e a respeitar as regras do direito internacional».

Os actos de terrorismo são «vigorosamente condenados pelos Doze, que profundamente lamentam a perda de vidas inocentes e exprimem a sua simpatia para com as vítimas e as suas famílias».

As recentes ameaças proferidas na passada sexta-feira pelo coronel Kadhafi contra os Estados membros são rejeitadas e consideradas como ameaças inaceitáveis, que encorajam deliberadamente o recurso a actos de violência e ameaçam directamente a Europa.

Os Doze indicam que qualquer acção deste tipo terá uma resposta vigorosa e apropriada.

Os ministros comunitários, que não aprovaram a proposta da Holanda, seguida pela Grã-Bretanha, de encerramento das embaixadas e consulados líbios nos seus países, decidiram, no entanto, a aplicação de algumas medidas a esse nível, nomeadamente a aplicação de restrições à liberdade de movimento de pessoal diplomático e consular, assim como a redução do número de pessoal consular e diplomfico nas missões líbias na Europa.

Foi ainda decidido limitar as passagens de vistos a pessoal líbio trabalhando nas embaixadas deste país na Europa.

Pela primeira vez num comunicado final, os Doze reafirmam a sua intenção de pôr termo às exportações de armas e outro equipamento militar para a Líbia.

Os doze reservam ainda o direito de considerar até que ponto novas medidas deverão ser tomadas.

Os Doze continuarão a aumentar a sua cooperação com outros Estados, no sentido de aumentar a segurança e evitar actos de terrorismo e usarão «da sua influência conjunta nos contactos com a Líbia e com outros países que apoiem acções terroristas».

Tripoli reagiu à decisão dos países da CEE, acusando os aliados norte-americanos da Europa Ocidental de «política económica de terrorismo».

«Não tememos as ameaças e os países árabes estão connosco», acrescenta o comunicado líbio.

EUA lançam ataq

«Tripoli está sob ataque». Foi com estas palavras que o correspondente da cadeia de televisão norte-americana «NBC» deu a primeira notícia sobre a acção militar desencadeada esta madrugada. Pouco passava da 1 hora de Lisboa e dez minutos depois as agências noticiosas portuguesas, ANOP e NP, transmitiam os primeiros «flash» do acontecimento. Tudo começara minutos antes da 1 hora, quando 18 aviões F-111, estacionados na Grã Bretanha e 15 bombardeiros A-6 e A-7, que partiram dos porta-aviões «Coral Sea» e «América», iniciaram «raids» contra alvos situados na proximidade de Tripoli e de Benghazi. Os bombardeamentos duraram menos de 30 minutos.

Informações divulgadas mais tarde pela Casa Branca, em Washington, diziam que havia sido atingido o quartel-general de Khadafy, em Tripoli, duas bases de mísseis, o aeroporto da capital líbia e dois campos de treino de terroristas, situados próximo de Tripoli, e um outro junto à cidade de Benghazi.

«Bombas inteligentes» de 225 e 800 quilos, guiadas por um sofisticado sistema lazer, foram utilizadas com o objectivo — segundo a Casa Branca — de limitar ao mínimo a possibilidade de serem atingidas instalações civis.

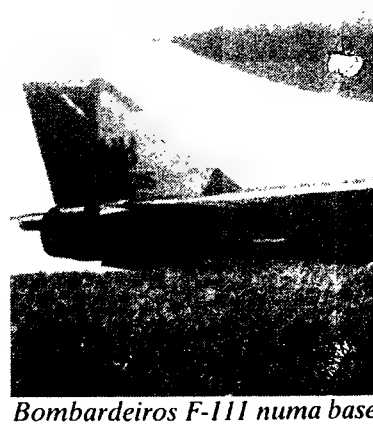
Colunas de fumo foram vistas pelos jornalistas elevando-se nas vizinhanças de Tripoli e, horas depois, era anunciado que familiares de Khadafi — supõe-se que dois dos seus filhos — tinham sido feridos e que a embaixada da França havia sido atingida por estilhaços. Fontes líbias alegam ainda que diversos civis foram feridos, mas esta informação não encontrou ainda confirmação por parte dos jornalistas estrangeiros que se encontram na Líbia. Sabe-se também, através de informação prestada por fonte oficial, que Khadafi nada sofreu.

Desconhece-se por enquanto a verdadeira extensão dos estragos provocados pelos bombardeamentos, mas fontes governamentais líbias dizem que são avultados e se elevam a muitos milhões de dólares.

Da parte das forças atacantes há notícia do desaparecimentos de um F-111, já confirmado por Washington, enquanto os líbios dizem ter abatido pelo menos três aviões americanos.

Na capital líbia, após os primeiros estrondos provocados pelo bombardeamento, populares fugiram de suas casas, tentando abandonar a cidade. O pânico não chegou contudo a generalizar-se e, pouco depois, a calma voltava à cidade, embora até cerca das 4 horas e 30 minutos continuassem a ouvir-se explosões e tiros, consequência provavelmente de incêndios que deflagraram em depósitos militares.

A Rádio Tripoli, depois de vários minutos de transmissão de música marcial, passou a emitir palavras de ordem com incitamentos à luta contra os Estados Unidos.



Bombardeiros F-111 numa base

URSS foi informada

A primeira confirmação oficial do ataque foi feita cerca de 30 minutos após o seu início, pelo porta-voz da Casa Branca, Larry Speaks, que informou ir o Presidente Reagan fazer uma comunicação ao povo americano.

Esta realizar-se-ia cerca das 3 horas da manhã (hora de Lisboa). Reagan disse então que o ataque constituira uma resposta a «provas directas, exactas e irrefutáveis» de que

Esmagadora maioria dos países condena "raid" am

Os governos soviético e chinês condenaram hoje os ataques aéreos norte-americanos contra a Líbia, qualificando-os como «um novo crime sangrento» destinado a intimidar o povo líbio.

Cinco horas depois da sua realização, o ataque americano contra a Líbia só conhecia o apoio das autoridades do Canadá, manifestado em comunicado emitido pelo primeiro-ministro Brian Mulroney e no qual este político aprova «a declaração do presidente Reagan que responsabiliza a Líbia por ataques terroristas».

Na Europa, enquanto aparentemente nenhum país autorizou o sobrevoo do seu território pelos aviões atacantes norte-americanos, o governo britânico foi, até agora, o único a manifestar apoio à acção dos EUA, enquanto a Espanha, Itália e Grécia anunciaram claramente a sua oposição.

Um porta-voz do Ministério holandês dos Negócios Estrangeiros considerou «bastante embaraçoso» para a Comunidade Económica Europeia este ataque. Ontem, os ministros dos Negócios Estrangeiros da Comunidade reuniram-se em Haia, tendo declarado no final que aguardavam «uma solução política» para esta situação.

O governo italiano informava esta madrugada que estava a seguir «com atenção o desenrolar dos acontecimentos» e em Madrid o ministro espanhol dos Negócios Estrangeiros, Fernando Ordoñez garantia seguir «passo a passo» o evoluir da situação.

Em Bona, um membro importante do governo de coligação do chanceler Helmut Khol condenou o ataque norte-americano, qualificando-o como «incompreensível».

A Suécia condenou igualmente o ataque norte-americano contra a Líbia, considerando-o «grave e muito perigoso» e salientou que poderia aumentar uma nova espiral de violência.

«Não podemos tolerar terrorismo, mas este problema tem que ser resolvido com medidas ou acções políticas em vez de actos de guerra», disse o ministro dos Negócios Estrangeiros, Sten Andersson.

O governo brasileiro garantiu horas depois do ataque, seguir com atenção e preocupação o confronto Estados Unidos-Líbia.

Membros do governo da Costa Rica manifestaram a sua preocupação e afirmaram ser altura ideal para meditar sobre o perigo em que se encontra a paz mundial.

Na Índia, o primeiro-ministro convocou os responsáveis pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros para estudar as possíveis consequências.

As autoridades israelitas reagiram com cuidado ao ataque e um porta-voz comentou lacónicamente tratar-se de «algo que não posso comentar».

Um comentário feito pela agência noticiosa oficial soviética afirma que o governo norte-americano está a sujeitar a Líbia ao mesmo tratamento que o Vietname nas décadas de 60 e 70, assim como ao que dá actualmente às questões do Afeganistão e da Nicarágua.

«O imperialismo americano perpetrou um novo crime sangrento», refere o comunicado.

A China, cuja posição foi manifestada através da distribuição de um comunicado do Ministério dos Negócios Estrangeiros, condenou «um tal acto de ataque ao território de um outro país como uma invasão da sua soberania em violação das normas que regulamentam as relações internacionais».

Pequim considerou ainda que o ataque piorou dramaticamente a situação no Mediterrêo e no Médio Oriente.

Esta manhã, a Organização das Nações Unidas ainda não tinha reagido oficialmente ao ataque norte-americano, aguardando a comunicação de Reagan, para depois se pronunciar, segundo um porta-voz da organização.

Ontem o Movimento dos Países Não-Alinhados manifestou a sua solidariedade para com a Líbia, num projecto de resolução divulgado em Nova Deli pelo ministro indiano dos Negócios Estrangeiros, A. P. Venkateshwaran.

O documento, preparado pela Índia, que preside actualmente ao movimento, manifestava «grande preocupação» pelos recentes confrontos no golfo de Sidra e pela «grave situação com que a Líbia se defronta».

Reacções árabes

A Imprensa argelina criticou esta manhã em termos particularmente violentos, o ataque aéreo norte-americano contra a Líbia, embora não tivesse sido ainda divulgada a reacção oficial do Governo de Argel.

A Rádio de Argel interrompeu a programação normal para anunciar, num tom dramático, que a «agressão norte-americana alvejou o coração do povo mártir da Líbia».

Posteriormente, a Rádio de Argel divulgou o apelo lançado pelo coronel Kadhafy aos países árabes para apoiar a Líbia, não unicamente no plano político, mas também de «forma mais concreta».

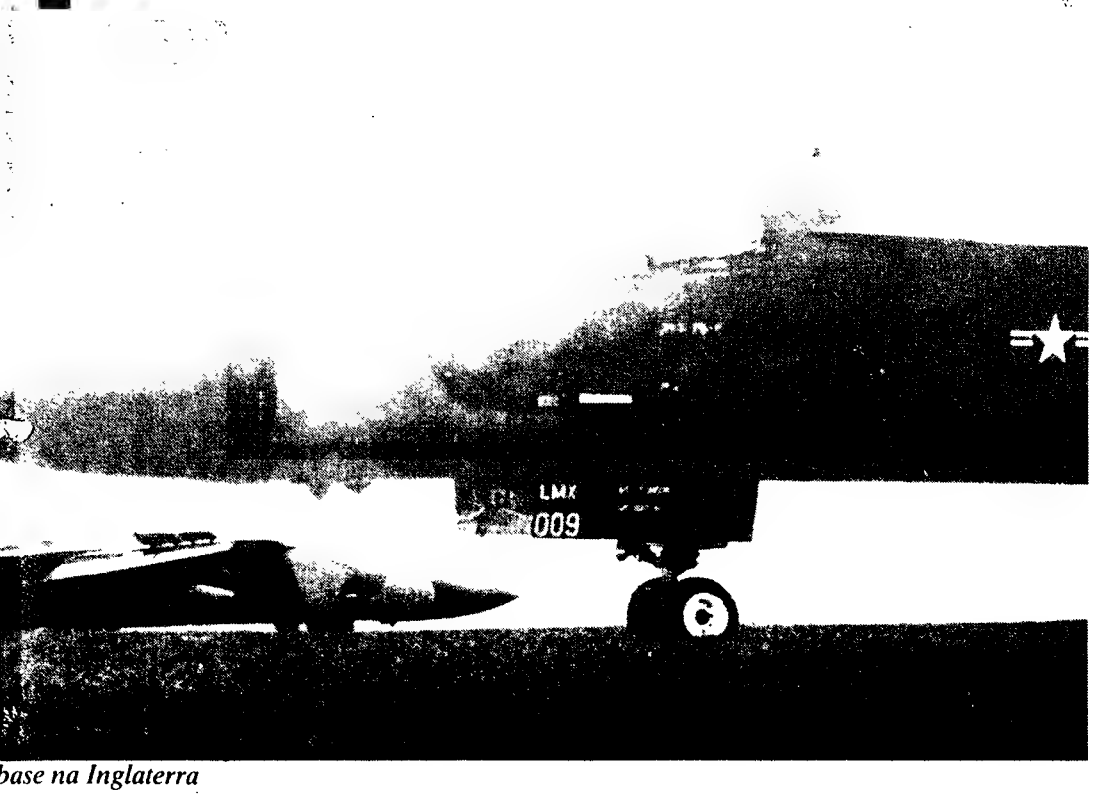
Fontes próximas do Governo de Argel anunciaram para hoje a publicação de uma nota oficial e anteciparam que a «Argélia está firmemente ao lado do povo líbio, tal como o afirmou o documento oficial divulgado» ontem.

Os meios políticos de Argel comentam que a primeira reacção dos países membros da Liga Árabe poderia ser o corte de relações diplomáticas com os Estados Unidos.

O embaixador de Marrocos em Lisboa, Moulay Slama Benzidane, manifestou hoje a sua surpresa pelo ataque dos Estados Unidos contra a Líbia, «quando tuDo fazia prever uma certa acalmia».

O embaixador Benzidane salientou, em declarações à Anop,

que aéreo contra Líbia



base na Inglaterra

o regime líbio estava envolvido no atentado contra uma discoteca frequentada por norte-americanos, em Berlim-Oeste. O Presidente justificou a acção como o exercício do direito de auto-defesa e não excluiu a possibilidade de novos ataques se a Líbia presistir em acções terroristas.

Também o secretário de Estado, George Scultz, e o secretário da Defesa, Caspar Weineberger, deram uma conferência de Imprensa em que disseram que a escalada terrorista forçara o Presidente a agir.

Na altura, Schultz revelou que o encarregado de Negócios da URSS em Washington fora informado previamente do ataque, tendo ao mesmo tempo sido fornecidas «provas directas» do envolvimento líbio no atentado de Berlim ocidental.

Fontes não idenficadas revelaram entretanto que o ataque ocorrera na madrugada de hoje porque os Estados Unidos haviam detectado movimentos de forças navais soviéticas, as quais se dirigiriam para o Golfo de Sidra onde se encontram os porta-aviões americanos, «Coral Sea» e «América».

Europa não foi sobrevoada

Os bombardeiros F-111 que partiram da Inglaterra não sobrevoaram o espaço aéreo de qualquer Estado europeu, dado que nenhum dos aliados dos Estados Unidos havia dado autorização para isso.

Os aviões seguiram uma rota ao longo da costa da Espanha e de Portugal, passaram pelo estreito de Gibraltar e de lá dirigiram-se para a Líbia. O seu reabastecimento fez-se em pleno voo por aviões cisterna KC-10, enviados nos últimos dias para bases inglesas.

Durante o ataque dos F-111 e dos A-6 e A-7, caças F-14 e F-18 da marinha norte-americana deram cobertura aos bombardeiros, enquanto aviões E-C2 guiavam electronicamente a operação, «cegando» os radares líbios.

A rapidez do ataque não permitiu uma reacção eficaz por parte da força aérea líbia, considerada uma das mais fortes dos países árabes, dispondo de 25 caças «Mirage», de fabrica francês, de 143 «Mig-23 Floggers» e 50 interceptores «Mig-25 Foxbat», de fabrico soviético.

Para a ineficácia da reacção líbia terá ainda contribuído o facto da sua principal base de misseis, em Sirte, ter sido neutralizada há dez dias, durante o incidente que opôs forças deste país a aviões norte-americanos, no Golfo de Sidra.

As baterias anti-aéreas líbias e as baterias de SAM-7 soviéticas terão sido insuficientes para se oporem ao ataque, que especialistas militares consideram como o mais poderoso lançado pelos Estados Unidos desde a II Guerra Mundial.

Porque cedeu Thatcher?

Decisiva para a concretização desta ofensiva foram as bases ingleas de onde partiram os F-111.

Até ontem, Londres dava indicações de que não autorizaria os aviões americanos ali estacionados a envolverem-se num ataque contra a Líbia.

Em Washington anunciava-se hoje que a mudança britânica terá sido consequência de fortes pressões de Reagan, que terá recordado à senhora Thatcher o apoio norte-americano no conflito anglo-argentino, sobre as Malvinas.

Vernon Walters, que têm estado na Europa como enviado do Presidente Reagan, terá tido um encontro decisivo com a primeiro-ministro britânica ontem, em Londres.

ericano

Shultz e Weineberger explicam o ataque

que «o rei Hassan II (de Marrocos) fez tudo para tentar persuadir os americanos» a não desferirem o ataque.

Por seu lado, os embaixadores do Egipto e do Iraque, Mahmoud Fathi e Advo El Dairi, disseram à Anop que os seus países condenam a agressão dos Estados Unidos contra o território líbio.

Não obstante as divergências políticas com o regime líbio, disseram os dois embaixadores, os seus países manifestam «preocupação pela situação».

O representante da Organização de Libertação da Palestina em Lisboa, Issam Beseisso, disse por seu lado que o ataque contra a Líbia «atinge toda a nação árabe».

A direcção da OLP mantém relações frias com Tripoli, depois do líder líbio optar por apoiar três facções hostis a Yasser Arafat.

Reagan quando esta manhã se dirigia ao povo americano

Americanos na mira dos "grupos suicidas"

Governo líbio apela à "vingança"

O governo líbio, através da sua Emissora oficial, apelou hoje à «vingança» e a «todos os pilotos» árabes, no sentido de atacarem e destuírem «todas» as bases militares norte-americanas na Europa.

«Os selváticos invasores americanos efectuaram um ataque bárbaro contra a residência do líder máximo da revolução», disse a Rádio Tripoli, captada em Madrid.

A mesma fonte disse ser chegada «a hora da vingança», enquanto a Televisão líbia apelava aos cidadãos para doarem sangue aos hospitais.

Entretanto, a agência noticiosa soviética TASS, em despacho da capital líbia, qualificou os «raids» norte-americasnos contra Tripoli e Benghazi de «hediondo acto de terrorismo de Estado» por parte dos Estados Unidos e acrescentou que Washington actuou «com hipocrisia» ao ordenar o ataque por motivos de autodefesa.

Segundo a Rádio estatal síria, Mohamar Kadhafy informou hoje por telefone o presidente sírio Hafez Assad sobre os ataques aéreos norte-americanos.

A Rádio síria afirmou que Kadhafy telefonou ao maior aliado da Líbia e «debateu os ataques aéreos norte-americanos contra civis em Tripoli e Benghazi».

Ontem, os congressos populares líbios anunciaram que as suas «unidades suicidas» espalhadas pelo Mundo estavam prontas a retaliar contra qualquer ataque norte-americano contra a Líbia.

A agência oficial líbia, JANA, afirmou ainda que os congressos, grupos locais de sindicatos, organizações e associações que exercem uma espécie de poder popular, avisaram os Estados Unidos de que em caso de «agressão global» a «resposta será dura contra todos os interesses norte-americanos no Mundo inteiro».

«Unidades suicidas em todo o Mundo estão em estado de alerta para enfrentar a agressão dos Estados Unidos, da NATO e sionista», afirmava a JANA.

Horas antes, Kadhafy reafirmava a sua posição antiterrorista, pedindo a convocatória de uma conferência internacional sobre o terrorismo, em mensagem enviada à presidente de Malta, Agatha Barbara.

Na mensagem, difundida pela JANA, Kadhafy afirmava que, dadas as «excelentes relações bilaterais», a presidente de Malta «sabe que os líbios não só são contra o terrorismo como vítimas do mesmo».

Depois de apelar para uma cooperação afro-árabe, por um lado, e europeia, por outro, o líder líbio propunha a convocatória de uma conferência internacional mediterrânea, «que discuta as causas da violência, encontre soluções e incremente os laços económicos e culturais da região».

A mensagem de Kadhafy a Agatha Barbara surgiu por motivo do pedido de reinício dos debates sobre a situação no Mediterrâneo do Conselho de Segurança das Nações Unidas, apresentado por Malta.

Mais noticiário na página 14

Aviões americanos não passaram em Portugal

O ministros da Defesa, Leonardo Ribeiro de Almeida, disse hoje à Anop que Portugal «não recebeu qualquer pedid›» para que aviões norte-americanos sobrevoassem território português para atacar alvos líbios. Ribeiro de Almeida esclareceu que não lhe chegou qualquer pedido nesse sentido quer através da Embaixada norte-americana em Lisboa, quer através do Ministério dos Negócios Estrangeiros.

O ministro da Defesa esclareceu também que «não lhe foi solicitada a utilização de material que se encontra estacionado em bases norte-americanas».

Se vier a haver qualquer solicitação nesse sentido — acrescentou o ministro — o pedido terá de ser analisado pelo Governo no seu conjunto.

Ribeiro de Almeida escusou-se a comentar o ataque norte-americano à Líbia, afirmando que terá ainda de aguardar mais informações sobre o assunto e adiantou que vai também entrar em contacto com o Primeiro-Ministro e com o ministro dos Negócios Estrangeiros que se encontram em visita oficial à Alemanha Federal.

De qualquer modo, o ministro da Defesa considerou tratar-se de uma «situação altamente preocupante».

Também o ministro dos Negócios Estrangeiros, Pires de Miranda declarou à Agência Notícias de Portugal em Bona, que não houve qualquer pedido para a utilização do espaço aéreo português e que se encontra em contacto permanente com Lisboa para acompanhar a evolução dos acontecimentos e informações.

Depois de ter participado na reunião dos doze países da CEE em Haia, o ministro português deslocou-se à capital da RFA para acompanhar o Primeiro-Ministro Cavaco Silva na sua visita oficial aquele país europeu.

Pires de Miranda admitiu que «numa acção deste tipo e por razõ es operacionais, talvez não devêssemos ser avisados da utilização do nosso espaço aéreo».

Acrescentou que não foi igualmente usada a base das Lajes. Em sua opinião, tratou-se exclusivamente de uma operação norte-ameiricano-britânica. O ministro português disse também ter conhecimento da recusa da França da utilização do seu espaço aéreo.

Segundo a NP, as autoridades norte-americanas já afirmaram que os seus aviões saídos da Grã-Bretanha voaram sobre o Atlântico e o Mediterrâneo, para não utilizarem espaço aéreo continental.

Possibilidade de acções de terrorismo em Portugal

O ministro dos Negócios Estrangeiros admitiu, no entanto, à NP, que «não são de excluir ataques terroristas em território português».

«Face às declarações líbias sobre eventuais retaliações na Europa do Sul, o Primeiro-Ministro tomou, antes de partir para Bona, as devidas precauções para prevenir tais ataques», afirmou.

O Governo português foi ontem pela primeira vez ameaçado directamente, por alegados «amigos da Líbia», de possíveis «represálias» contra «alvos» da política norte-americana em Lisboa, em telefonema anónimo para a Rádio Comercial.

Um indivíduo que aparentava sotaque estrangeiro telefonou ontem cerca das 19 e 45 para a Rádio Comercial dizendo que «caso o Governo português não se distanciasse da política norte-americana contra a Líbia, Lisboa seria uma das primeiras cidades a sofrer represálias».

Ainda segundo a RC, o indivíduo, que falava muito depressa dando a ideia de estar a ler um comunicado, disse que as represálias teriam por alvo interesses ocidentais tais como Embaixadas e agências de viagem.

Relativamente às eventualidades de ataques militares a Portugal por parte da Líbia, Pires de Miranda afirmou à NP que isso lhe parecia «muito complicado, na medida em que o coronel Kadhafy não tem meios para isso disponíveis sem que entretanto possa haver uma contra-intervenção, considerou.

O ministro declarou-se surpreendido com a notícia do ataque, não tanto pela acção em si, porque «ao ponto a que as coisas chegaram os Estados Unidos encontravam-se ontem numa situação de onde dificilmente a sua administração poderia recuar, quer devido à opinião pública quer ao deslocamento de forças». «A nossa surpresa — afirmou o ministro português — é quanto ao momento escolhido.»

À agência Anop Pires de Miranda reafirmou que a posição do Governo português é a do comunicado dos «doze» de ontem, que considera que a situação no Mediterrâneo se trata de uma questão política e, por isso, deveria ter soluções políticas.

Os ministros da Comunidade Económica Europeia reafirmaram igualmente que a escalada militar, bem como a escalada terrorista, deveriam ser sustidas.

Pires de Miranda não quis comentar o ataque por considerar que ainda não tem informações suficientes para o fazer.

Região Autónoma dos Açores também não recebeu pedidos

O presidente do Governo Regional dos Açores, Mota Amaral, disse à ANOP não ter «conhecimento de algum pedido norte-americano no sentido da utilização da base das Lages».

Mota Amaral referiu que, «a existir algum pedido nesse sentido, por parte dos Estados Unidos, ele seria feito directamente ao Ministério dos Negócios Estangeiros e comunicado ao Governo da Região Autónoma, o que não aconteceu».

«Também não tenho conhecimento de qualquer movimento anormal na base localizada na Terceira» — acrescentou Mota Amaral, especificando que «as forças navais norte-americanas presentes no Atlântico poderiam ser suficientes e mais úteis para a escala dos aviões com destino à Líbia».

O presidente do Governo Regional açoriano lembrou que, «nem mesmo aquando da crise do Golfo de Sidra, a administração norte-americana solicitou ao governo português qualquer tipo de facilidade ou autorização para sobrevoar território português».

Mas fonte militar das Lajes declarou à ANOP que a passagem de aviões de abastecimento norte-americanos nas Lajes é «muito normal», daí que seja admissível que os aparelhos utilizados para abastecimentos no ataque à Líbia tenham escalado esta base açoriana.

O mesmo informador referiu que apenas as tripulações sabem, em princípio, o destino das aeronaves. Não é por isso fácil saber-se se os aviões que passaram nos últimos dias nas Lajes se terão destinado ao conflito.

A mesma fonte assegurou que o movimento hoje nesta base é «absolutamente normal».

Também à Anop um responsável da Força Aérea Portuguesa afirmou que «nenhuma base militar portuguesa foi usada por qualquer avião militar norte-americano para o ataque contra a Líbia».

O major Oliveira Carvalho, chefe da área da Segunda Divisão do Estado-Maior da Força Aérea, garantiu que as bases portuguesas não foram utilizadas pela aviação norte-americana na operação contra a Líbia.

PCP e UDP tomam posição

Em notas ontem difundidas e hoje já desactualizadas até certo ponto, o Partido Comunista Português e a União Democrática Popular condenaram as «ameaças de agressão militar dos Estados Unidos à Líbia».

Em nota da sua Secção de Informação e Propaganda, o PCP refere que o governo dos Estados Unidos, «a pretexto do combate ao terrorismo», pratica «autêntico terrorismo de Estado e atiça deliberadamente a tensão internacional», pondo em risco a segurança e paz mundiais.

«O PCP denuncia as tentativas para criar em Portugal um clima favorável à agressão dos Estados Unidos contra a Líbia», refere a SIP do Partido Comunista.

Para os comunistas portugueses, a RTP «transformou-se num veículo servil da propaganda agressiva» de Washington.

«A situação de tensão criada no Mediterrâneo insere-se na política de corrida aos armamentos e de agravamento da tensão internacional prosseguida pelo imperialismo norte-americano», conclui o PCP.

A moção aprovada domingo no fim dos trabalhos da conferência nacional da UDP, refere-se também à questão da crise no Mediterrâneo, mostrando-se contrária à utilização da base norte-americana das Lages, Açores, como «apoio à agressão dos Estados Unidos à Líbia».

Para a UDP, as «posições de submissão do Governo português perante o imperialismo americano, além de imporem ao nosso país a sua presença no bloco agressivo da NATO, atrelam-nos às posições belicistas e aventureiras dos Estados Unidos e tornam (o primeiro-ministro) Cavaco Silva cúmplice do terrorista (presidente norte-americano) Ronald Reagan».

Embaixador líbio: "Portugal está seguro"

O embaixador da Líbia em Portugal disse hoje em declarações à agência Notícias de Portugal que o seu país nada fará contra Portugal ou os portugueses, na sequência dos ataques norte-americanos contra solo líbio.

«Portugal não apoiou o ataque aéreo norte-americano contra a Líbia, como o fez a Grã-Bretanha» lembrou o embaixador Nuri Bethemal.

O responsável pelo «Bureau» Popular da Líbia em Lisboa comentava as declarações hoje prestadas à NP, em Bona, pelo ministro dos Negócios Estrangeiros, Pires de Miranda, reconhecendo «não serem de excluir ataques terroristas em território português».

1979/1980

2 Dezembro 1979 — Uma multidão gritando palavras de ordem de apoio ao Irão do Ayatollah Khomeini ataca e incendeia a Embaixada dos Estados Unidos em Tripoli.

6 Fevereiro 1980 — Os Estados Unidos encerram virtualmente a sua Embaixada, após ataques a duas missões francesas na Líbia.

Abril/Maio 1980 — Os Estados Unidos expulsam diplomatas líbios depois destes terem sido acusados de intimidarem estudantes líbios nos Estados Unidos e de se ter registado uma série de assassínios de líbios na Europa.

6 Maio 1981 — O governo dos Estados Unidos encerra a Embaixada líbia em Washington, e expulsa os seus funcionários, acusando-os de conduta contrária aos padrões internacionalmente aceites.

19 Agosto 1981 — Dois F-14 norte-americanos abatem dois SU-22 de fabrico soviético sobre o Golfo de Sidra, reivindicado pela Líbia como águas territoriais. Os Estados Unidos replicam que o Golfo está em águas internacionais e que os aviões líbios dispararam primeiro.

Novembro 1981 — Circulam informações de que a Líbia enviou «equipas de executores» para os Estados Unidos para assassinar o presidente Reagan, o vice-presidente George Bush e outros funcionários superiores.

11 Dezembro 1981 — Os Estados Unidos restringem o uso de passaportes norte-americanos para viajar para a Líbia.

10 Março 1982 — O governo dos Estados Unidos anuncia a proibição de importação de petróleo líbio e amplia o controlo sobre as exportações de produtos norte-americanos para a Líbia.

Fevereiro 1983 — Os Estados Unidos enviam quatro aviões-radar «AWAC» para o Egipto, por entre informações de uma concentração militar líbia perto da fronteira com o Sudão.

Março 1984 — Os controlos às exportações norte-americanas são ampliados para impedir futuras exportações para o complexo petroquímico líbio de Ras Lanuf.

4 Junho 1985 — Os Estados Unidos expulsam um diplomata líbio da missão de Tripoli nas Nações Unidas, alegando que estava envolvido numa conspiração contra dissidentes líbios nos Estados Unidos.

Janeiro 1986 — O presidente Reagan toma medidas para isolar a Líbia, após acusar o seu líder, Muammar Khadafy, de patrocinar o terrorismo internacional e acolher o grupo terrorista palestiniano Abu Nidal, acusado de ataques contra os aeroportos de Roma e Viena, no mês de Dezembro anterior. Morreram nos atentados 20 pessoas, incluindo cinco norte-americanos. Reagan anuncia novas sanções económicas contra a Líbia, 11 dias depois dos ataques contra os dois aeroportos.

24-25 Março — A Líbia lança mísseis contra aviões norte-americanos no golfo de Sidra durante manobras militares dos Estados Unidos na área. Washington retalia lançando ataques de mísseis contra barcos-patrulhas líbios e bases de mísseis em terra. A Líbia anunciara em 1973 que considerava todo o golfo como fazendo parte integrante das suas águas territoriais.

2 Abril — Uma bomba explode num avião norte-americano sobre a Grécia. Quatro pessoas, incluindo um bebé, são projectadas para a morte através de um buraco aberto no avião.

5 Abril — Uma bomba rebenta numa discoteca de Berlim Ocidental frequentada por militares dos Estados Unidos, matando um soldado norte-americano, uma mulher turca e ferindo mais de 200 pessoas.

9 Abril — O presidente Reagan chama a Kahdafy o «cão raivoso do Médio Oriente» e diz que a Líbia é suspeita no ataque à discoteca e ao avião. A Alemanha Federal expulsa dois diplomatas líbios, acusando-os de actividades incompatíveis com o seu estatuto diplomático, mas indica que não estavam relacionados com o ataque à discoteca.

10 Abril — A Espanha chama o seu embaixador em Tripoli para consultas, depois de Khadafy ter, segundo a agência noticiosa JANA, afirmando que o seu país atacaria alvos civis e militares em nações com base militares norte-americanas, se a Líbia fosse atacada pelos Estados Unidos.

12 Abril — Washington manda o enviado especial Vernon Walters para consultas com aliados europeus enquanto navios norte-americanos se concentram a norte de Tripoli.

13 Abril — A Líbia distribui uma declaração afirmando que se opõe a todas as operações terroristas e apelando ao apoio árabe em caso de ataque norte-americano.

14 Abril — Ministros dos Negócios Estrangeiros da Comunidade Económica Europeia reúnem-se numa sessão de emergência, numa tentativa de apaziguar o confronto entre Reagan e Khadafy. Anunciam uma proibição da venda de armas à Líbia e restrições aos movimentos dos diplomatas e cidadãos líbios. A Líbia indica que tem sob mira as bases nucleares norte-americanas na Europa para retaliação em caso de ataque. Khadafy afirma que esquadrões suicidas estão prontos a atacar os Estados Unidos.

15 Abril — A Líbia é atingida por ataques aéreos norte-americanos. A CAsa Branca afirma que a Líbia é directamente responsável pelo atentado da discoteca de Berlim Ocidental e que há indícios claros de que planeia novos ataques. O presidente Reagan diz ao povo norte-americano: «Hoje fizemos o que tínhamos de fazer — se necessário fá-lo-emos outra vez.»

78 mil trabalhadores de cerca de mil empresas

Salários em atraso em Dezembro de 85 subiam a seis milhões de contos

— confirmou a Inspecção-Geral do Trabalho

O relatório de 1985 da Inspecção-Geral de Trabalho regista a existência em Dezembro do ano passado de 78 659 trabalhadores, de 953 empresas e estabelecimentos, num total de 629 firmas, com remunerações-base mensais em atraso. Este documento, elaborado com dados recolhidos a partir da actuação da Inspecção-Geral de Trabalho, através do conhecimento das situações que merecem intervenção, afirma que o montante das remunerações mensais em atraso eram em Dezembro de 5 826 340 contos, além de 1 777 296 contos de outras remunerações em atraso nas referidas 953 empresas.

Dos dados do relatório verifica-se que em 1885 outras empresas e estabelecimentos, que empregam 41 468 trabalhadores, há situações diversas de incumprimentos, nomeadamente mais de um milhão de contos de dívidas de diferenças salariais, 219 244 de retroactivos, 26 764 de férias e 413 925 contos de subsídios de férias e Natal.

No total, a Inspecção-Geral de Trabalho, no ano de 1985, realizou 2838 apuramentos a nível de todas as retribuições dos trabalhadores, que envolveram 120 127 trabalhadores e um total de 34 298 109 contos, dos quais 19,5 milhões de contos de dívidas à Segurança Social e 5,5 milhões ao Fundo de Desemprego.

Uma fonte do Ministério do Trabalho disse à Anop que as estimativas do Ministério do Trabalho apontam para 516 empresas com 55 165 trabalhadores com salários-base mensais em atraso no final de Fevereiro, com uma dívida que deverá elevar-se a cerca de 6,1 milhões de contos.

O relatório assinala que em 684 empresas empregando 70 035 trabalhadores com remunerações mensais em atraso a Inspecção teve uma acção informativa, enquanto em 269 empresas com 8624 trabalhadores desenvolveu uma acção coerciva, com levantamento de autos de notícia.

Acrescenta que os «acordos de solução» para resolução do pagamento de salários envolveram 71,8 por cento das empresas e 89 por cento dos trabalhadores.

A análise da situação salarial nas empresas com mais de 50 trabalhadores, que representam 5,7 por cento do total de empresas e 62,9 por cento do emprego, revela que apenas 2,1 por cento destas empresas empregando 2,6 por cento dos trabalhadores deste universo têm salários em atraso.

O relatório acrescenta que os distritos onde se verifica um grau mais elevado de remunerações mensais em atraso no universo de empresas com mais de 50 trabalhadores sã0 os de Setúbal (22,9 por cento dos trabalhadores / 7,8 por cento das empresas), Santarém (11,1 / 8,4), Faro 12,7 / 4,8) e Leiria (6,5 / 3,1).

A Inspecção de Trabalho sublinha que quatro empresas da indústria naval representam 19,2 por cento do total das empresas com mais de 50 trabalhadores com remunerações em atraso e 7,2 por cento do total nacional.

Assinala que se pode concluir que os distritos de Setúbal, Santarém e Leiria são aqueles onde se constata um maior grau de incidência de empresas e trabalhadores em situação de salários em atraso.

Por sectores de actividade, os de maior incidência são o têxtil, vestuário e confecção, metalurgia e metalomecânica, construção civil, cerâmica e cimento e hotelaria.

A Inspecção do Trabalho assinala que no total de 2838 empresas e estabelecimentos com situações de incumprimento salarial com 120 127 trabalhadores, foram visitadas 696 com 39 638 trabalhadores no primeiro trimestre, 782 empresas com 34 618 trabalhadores no segundo trimestre, 681 com 24 709 empregados no terceiro trimestre e 679 com 21 162 trabalhadores nos últimos três meses.

O relatório revela que as acções coercivas em 1985 tiveram maior incidência nos distritos do Porto (20,6 por cento dos trabalhadores / 14,8 por cento das empresas), Lisboa (13,4 / 19,2), Santarém (12,6 / 8,2), Coimbra (10,4 / 10,0) e Setúbal (10,1 / 8,2).

Os acordos de pagamento tiveram maior incidência nos distritos de Setúbal (45,7 por cento dos trabalhadores / 19,7 por cento das empresas), Aveiro (18,4 / 7,6), Faro (8,3 / 3,4), Leiria (4,7 / 10,5) e Lisboa (45 / 5,8).

A evolução dos números

A variação do número de empresas e de trabalhadores com salários em atrasoé de fins de Janeiro de 84 até fim de Dezembro de 85 foi a seguinte:

Datas	31/1/84	31/3/84	31/12/85	
Empresas	316	345	350	950
Trabalhadores	50.552	51.968	45.067	78.659
Salários mensais em atraso	2.654.706	2.989.042	2.947.716	5.826.340
Total da dívida	14.176.996	15.396.399	14.056.403	29.826.340

Nota: o valor da dívida total e dos salários em atraso está referido a milhares de escudos. Na dívida total incluem-se outras remunerações, Segurança Social e Fundo de Desemprego.

Menos 30 por cento em dois meses segundo nota oficiosa do Governo

A propósito dos dados deste relatório e das notícias que entretanto foram publicadas, com base neles, o Ministério do Trabalho emitiu uma nota oficiosa em que garante ter diminuído o número de trabalhadores com salários em atraso, em Janeiro e Fevereiro, em cerca de 30 por cento do total. Diz essa nota oficiosa:

«Um semanário publicou recentemente dados sobre o número de trabalhadores com salários em atraso, pretensamente baseados no último relatório da Inspecção-Geral do Trabalho, reportado a 31 de Dezembro de 1985.

«As afirmações proferidas referiam como fonte esse relatório, mas, lamentavelmente, deturpavam os números e as informações aí inseridas.

«Importa, pois, esclarecer correctamente, divulgando os dados efectivamente constantes desse relatório anual, acrescidos agora daqueles que já existem mais actualizados.

«Assim;

«1. — De acordo com apuramento efectuado pelos serviços da Inspecção-Geral, e no que respeita a empresas e trabalhadores com remunerações em atraso, a situação em 31 de Dezembro era a seguinte:

« — 629 empresas com salários em atraso, envolvendo 78 659 trabalhadores.

«2. — Neste momento e referente a 28 de Fevereiro é possível constatar uma nova situação:

« — 516 empresas com salários em atraso envolvendo 55 165 trabalhadores.

«3. — Assim, e comparando a situação presente com a de 31 de Dezembro, pode-se afirmar sem margem de dúvida que: o número de trabalhadores com salários em atraso diminuiu em 30 por cento.

«4. — No que respeita à cobertura social dos trabalhadores que se debatem com salários em atraso, a situação presente é a seguinte:

« — 4952 trabalhadores requereram já a aplicação do Decreto-Lei 7-A/86, optando pela suspensão ou pela rescisão do contrato;

« — 3401 trabalhadores recebem subsídio social de desemprego ao abrigo do despacho normativo 35/84, referente a empresas paralisadas.»

CEE vai confirmar membros portugueses do Comité Económico

O Conselho de Ministros da CEE deverá proceder na próxima segunda ou terça-feira à nomeação dos membros portugueses do Comité Executivo e Social. Os nomes propostos pelo Governo português serão certamente aprovados pelo Conselho, como é uso neste tipo de nomeações, mas os diferentes grupos em que o CES está organizado terão depois que confirmar os novos membros.

Em princípio também aí não deverá surgir qualquer problema, visto que só em casos muito excepcionais — como aconteceu com a indigitação, há alguns anos atrás, de um membro do Movimento Social Italiano (neofascista) para o Comité — é que os grupos se opõem às escolhas dos diferentes governos.

O atraso verificado na nomeação dos conselheiros portugueses impediu que eles participassem na última sessão plenária do CES e inviabilizará igualmente a sua presença na sessão que se efectua na próxima semana. A sua posse ficará assim adiada para a reunião de 22 e 23 de Maio.

Por mais três dias

Enfermeiros do Miguel Bombarda voltam a fazer greve amanhã

Os enfermeiros do Hospital Miguel Bombarda iniciam quarta-feira uma greve de três dias para exigirem melhores condições de trabalho — revelou o Sindicato dos Enfermeiros do Sul.

Um dirigente sindical assinalou que os enfermeiros lutam pela abertura do diálogo com a ministra da Saúde, Leonor Beleza, a quem solicitaram uma audiência, e pretendem que lhes seja atribuído o regime de tempo completo prolongado, de 45 horas semanais.

Um comunicado da Comissão de Luta dos Enfermeiros do Miguel Bombarda sublinha que o início da greve no dia 16 não está ligado à visita do Presidente da República, que nesse mesmo dia se desloca àquele hospital no âmbito de uma homenagem ao professor Eduardo Cortesão.

O Presidente da República «é bem-vindo» porque esta greve visa apenas «o início de um diálogo construtivo».

O Sindicato dos Enfermeiros recorda que os enfermeiros do Miguel Bombarda fizeram já uma greve de três dias, que teve uma adesão de 87 por cento, e considera que «a indiferença da ministra da Saúde» perante aquela greve se deve ao facto de «a consciência dos enfermeiros/as não lhes permitir abandonar pura e simplesmente os seus doentes».

Abastecimento de aeronaves

Tecto salarial furado uma vez mais

Foi assinado no passado dia 10 de Abril o primeiro acordo colectivo de trabalho para o sector das abastecedoras de aeronaves que agora deixou de estar integrado no CCT hotéis Centro/Sul.

Este processo negocial, que decorreu entre Março de 1985 e o corrente mês, consubstanciou-se na negociação de todo o clausulado, o enquadramento de cerca de 250 trabalhadores, no total de 952, a redução do horário de trabalho para a generalidade dos trabalhadores em 2 horas e 30 minutos e/ou 3 horas.

Para além da melhoria do clausulado e enquadramento, negociou-se uma tabela salarial com aumentos de cerca de 21%, sendo o crescimento da massa salarial superior a 23%.

O sindicato comentou, entretanto, este aumento dizendo que «mais uma vez o tecto salarial que o Governo de Cavaco Silva tenta impor aos trabalhadores foi ultrapassado pela força, pela organização e capacidade de luta demonstradas pelos trabalhadores das abastecedoras de aeronaves, e que assim viram os seus salários repostos acima da inflação».

COTAÇÕES CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por unidade) COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	50$20	56$20
ALEMANHA FED. (marco)	64$95	66$15
ÁUSTRIA (xelim)	9$20	9$40
BELGICA (franco)	3$041	3$241
BRASIL (cruzado)	4$00	6$50
CANADÁ (dólar – notas de 1 e 2)	107$50	110$00
(notas de 5 a 1000)	108$00	110$00
DINAMARCA (coroa)	17$65	18$05
ESPANHA (peseta)	1$00	1$120
EUA (dólar – notas de 1 e 2)	150$65	154$15
(notas de 5 a 1000)	151$15	154$65
FINLÂNDIA (marka)	28$95	29$55
FRANÇA (franco)	20$40	21$10
HOLANDA (florim)	57$70	58$80
IRLANDA (libra)	198$75	202$75
ITÁLIA (lira)	$086	$096
JAPÃO (iene)	$815	$850
NORUEGA (coroa)	20$80	21$30
REINO UNIDO (libra)	223$50	228$05
SUÉCIA (coroa)	20$55	21$05
SUÍÇA (franco)	77$70	79$20
VENEZUELA (bolívar)	6$90	7$90

Observações:

1 – No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 – Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

Benfiquistas em congresso

Felicita-se a iniciativa. Depois dos magníficos exemplos dados pelo êxito dos congressos levados a efeito nos últimos anos pelo Sporting e pelo FC Porto fazendo reunir em diferentes locais os elevados núcleos dos seus associados espalhados pelo País e radicados no estrangeiro, eis que o Sport Lisboa e Benfica resolveu juntar as suas filiais num dos seus pavilhões do complexo desportivo da Luz.

Jornalistas: 300 nos "Jogos Ibéricos"

O Clube de Jornalistas apresentou em Lisboa a segunda edição dos Jogos Ibéricos desta classe profissional, que vão decorrer em Puerto de Santa Maria, organizados pela Union de Periodistas de Espanha.

A primeira edição destes jogos decorreu no ano passado, em Tróia, organizada pelo Clube de Jornalistas Portugueses e o seu êxito, com a presença de 250 profissionais dos dois países ibéricos, motivou a renovação da iniciativa.

Em Tróia, Eloy Castañares, da Union de Periodistas, anunciava que esta organização asseguraria a continuação dos jogos em Espanha, e ontem confirmou em Lisboa a sua concretização, na Baía de Cadiz, entre 1 e 4 de Maio proximo, com a participação de 300 jornalistas dos dos países.

O volume das inscrições, nas redacções portuguesas, ultrapassou já o limite previsto, informou o Clube dos Jornalistas, o que demonstra o entusiasmo por esta iniciativa, que o clube considera já institucionalizada e que corresponde a «uma ideia ainda em crescimento». «Espírito de convívio e confraternização, fora das pressões profissionais» é o que se pretende entre os jornalistas dos dois países vizinhos, que durante três dias vão competir em xadrez, atletismo, basquetebol, futebol, futebol de salão masculino e feminino, golfe, natação, ténis e ténis de mesa.

"Seul-88": critérios e mínimos olímpicos serão revelados amanhã

Os critérios e mínimos olímpicos para os jogos de Seul, em 1988, estão decididos e entram este mês em vigor anunciou o Comité Olímpico Português.

A divulgação pública dos critérios e mínimos será feita em Conferência de Imprensa, amanhã, concluído o trabalho preliminar da Comissão Técnica do COP junto das federações e obtido já o consenso a nível da Comissão Executiva do Comité.

A Comissão técnica é presidida por Celorico Moreira, (vice-presidente do COP) e integra Manuel Robalo Gouveia, José Sacadura, Costa Matos e Fernando Mota, sendo secretariada por Jorge Adelino Gonçalves.

RFA: Bayer processa Federação

O clube alemão-federal Bayer Uerdingen anunciou que tenciona exigir uma indemnização da Federação de Futebol da RFA (DFB) no valor de um milhão de marcos (cerca de 64 mil e 500 contos) por recusa em prolongar a época.

O Bayer, que defrontará o Atlético de Madrid amanhã em jogo das meias-finais da Taça dos Campeões Europeus, tem programados cinco jogos do campeonato em nove dias, após a DFB ter recusado um pedido de adiar o final da prova, previsto para 26 de Abril.

O presidente do clube Arno Escheler disse que a concentração de jogos poderia custar ao Bayer um lugar na Taça UEFA, e prejuízos avaliados em um milhão de marcos. O Bayer é actualmente quinto classificado no campeonato alemão-federal e tem de disputar os seus cinco últimos jogos entre 18 e 26 de Abril.

A DFB insistiu que o final do campeonato termina na data prevista para não prejudicar a preparação da selecção nacional para o «mundial» do México.

Barcelona: treinador continua

O britânico Terry Venables renovou por um ano como técnico de futebol do Barcelona, chegando a acordo com o presidente do clube catalão, José Luís Nunez, para continuar no Barcelona por mais uma época, mas as condições do contrato não foram anunciadas.

O Barcelona garantiu o segundo lugar no campeonato, que termina no próximo fim-de-semana, com o Real Madrid como campeão.

Ciclismo: Volta ao Algarve

Treze equipas vão dar ao pedal

Uma equipa espanhola, uma inglesa e outra francesa, irão estar presentes na XII Volta ao Algarve em Bicicleta a disputar de 30 de Abril a 4 de Maio, percorrendo todos os concelhos do Algarve e terminando em Almodôvar. Trata-se das equipas da Peugeot, do Clube de Ciclismo de Sevilha e de uma equipa britânica ainda por indicar à organização da prova.

Pela primeira vez a Volta ao Algarve termina no Alentejo, abrangendo um total de 700 quilómetros e terá, para além das equipas estrangeiras já citadas, as participações das equipas profissionais do Sporting, Lousa, Olhanense, Boavista, Tavira, Louletano, Sangalhos, Garcia Joalheiros, Torreense e Ajacto Morphy Richards.

O início desta prova, considerada a segunda mais importante do calendário velocipédico nacional será em Lagos, numa etapa com uma extensão de 173 quilómetros que terminará em Faro.

No dia 1 de Maio terão lugar duas etapas: Quarteira-Vila do Bispo numa distância de 103 quilómetros e Sagres-Albufeira (118) todas estas corridas em linha. No dia 2 será corrida a etapa mais difícil e que ligará Estoi a Foia, sendo, no dia 3, o contra-relógio individual, Loulé-Loulé, numa distância de 36 quilómetros e, na parte da tarde, o festival de pista naquela vila algarvia, com uma distância de 10 quilómetros.

Finalmente, no dia 4, disputa-se a 7.ª etapa, corrida entre Tavira e Almodôvar, numa distância de 170 quilómetros.

Jogos na neve dos jornalistas

Serra da Estrela revelou esquiadores com aptidões

José Domingos, delegado da Anop na Guarda (apesar de ainda ferido pelo ataque da GNR durante a greve dos camiões TIR em Vilar Formoso) foi o grande vencedor do «I Slalom-Gincana em Esqui-Imprensa/86», organizado pelo Clube Nacional de Montanhismo (CNM) e o Clube da Imprensa na Serra da Estrela, estância de Covões de Loriga. Em senhoras a triunfadora foi Maria Faustina Guedelha, que recebeu a medalha alusiva das mãos da esposa do presidente da CM de Manteigas.

Depois de José Domingos, acostumado já a esta prática desportiva e que fez uma prova praticamente limpa, seguiram-se Paulo Jorge (15 anos), Nuno Gomes dos Santos (uma das revelações da disputa), Gabriel Correia (RDP/Guarda), Ricardo Jorge, Júlio Miguel Rodrigues (11 anos) e José Luís Semedo (Anop). Na prova participaram, igualmente, familiares de jornalistas. O 1.º em crianças foi — como atrás se vê — Paulo Jorge, e o 2.º Júlio Miguel Rodrigues.

Procederam à distribuição dos prémios o governador civil da Guarda (Valério Couto), os presidentes dos Municípios da Covilhã e Manteigas (Álvaro Ramos e Abílio Leitão).

Colectividades

«O Praiense» utilidade pública

A Câmara Municipal do Barreiro decidiu propor o estatuto de Utilidade Pública à Associação Desportiva e Cultural «O Praiense», que surgiu há aproximadamente dez anos, centrando os seus esforços na prática do futebol de 11.

Hoje, a sua actividade desportiva está dirigida para diversas modalidades de carácter desportivo, nomeadamente a pesca desportiva, o atletismo, o futebol de salão. Merece particular referência a prática organizada do bilhar, modalidade recreativa tradicional no meio onde está situada a sede social desta associação e que estava quase extinta.

Do ponto de vista cultural, ganha dimensões a actividade voltada para a biblioteca e para o debate em colóquios dos problemas recreativos e desportivos locais.

Microscópio

Ténis
Joguslavo vence Open de Portugal

O jugoslavo Marko Ostoja ganhou o «Open» de Portugal em ténis ao bater na final o australiano John Frawley com os parciais de 6-2, 2-6 e 6-2. Com esta vitória, Ostoja (sétimo cabeça-de-série) arrecadou 30 pontos ATP que lhe irão possibilitar o acesso ao quadro principal do «open» de França.

Ostoja, jogador da Taça Davis, necessitou de duas horas e 16 minutos para bater Frawley e pelo triunfo embolsou cinco mil dólares, cerca de 800 contos, ao passo que Frawley recebeu metade.

Juventude dos campeões: uma tendência inquietante

Inquietante, sobretudo para os educadores, é a tendência que, ao longo dos últimos anos, tem vindo a acentuar-se no âmbito do fenómeno desportivo de alta competição: a juventude dos campeões.

Com efeito, a juventude dos campeões, uma juventude «cada ano mais jovem», implica uma redução substancial da média de idades no tocante à iniciação desportiva.

O facto preocupa, obviamente, todos os educadores, atendendo a que a saúde das crianças poderá, de algum modo, ser afectada quando submetidas a intensos esforços físicos e psíquicos que, em muitos casos, mais apropriados seriam para os adultos.

A verdade, porém, é que, pouco a pouco, os especialistas vão-se dando conta de que esta questão corresponde, objectivamente, a uma fase específica do processo de desenvolvimento do desporto a nível mundial.

Suposições

Talvez que certas particularidades fisiológicas, biomecânicas e psicológicas do organismo infantil permitam que, com mais rapidez, se atinjam resultados altos em determinadas modalidades.

Talvez, igualmente, que o peso escasso do corpo infantil, bem como a sua flexibilidade elevada, a sua capacidade aguda de percepção e a sua facilidade de coordenação dos movimentos, para além da sua ousadia em geral por carência de conhecimentos e da sua confiança total no respectivo treinador, possam exercer, também, uma influência decisiva.

Talvez, ainda, que os técnicos, sabendo que os jovens de vinte anos não têm já a indispensável disponibilidade de tempo para a preparação mais correcta, prefiram trabalhar com crianças cujas idades lhes não causam problemas em relação aos seus tempos livres.

Se estas três suposições estiverem certas no fundamental, então não há dúvidas de que veremos aumentar o número de modalidades em que a idade dos seus praticantes irá diminuindo.

De realçar, todavia, que só em algumas disciplinas desportivas tal será possível, dado que ninguém consegue imaginar um adolescente de 14 anos, por exemplo, a tentar estabelecer recordes em halterofilia, naturalmente.

Rejuvenescer-se-á, então, o desporto, tanto qualitativa como quantitativamente? Talvez. Mas, para isso, é necessário que se aumentem os esforços durante os treinos, os quais, por seu turno, terão de ser cada vez mais prolongados, evidentemente, no que à alta competição diz respeito.

Inconvenientes

Para que possam ser adquiridos os mais subtis hábitos quanto ao domínio do corpo, e para que o corpo possa ser dotado de músculos a um tempo fortes e dóceis, é insofismável que se deve trabalhar, no ginásio e/ou na pista, na piscina e/ou no estádio, ao longo de horas sobre horas.

Contudo, isso provoca inconvenientes a, pelo menos, dois níveis: de um ponto de vista psicológico, por um lado, e, por outro, de um ponto de vista social.

No primeiro caso, é claro que o que constituía um passatempo divertido passa a tornar-se uma tarefa aborrecida, até porque não é qualquer um que pode suportar esses excessos, por mais que o queira, ainda por cima sendo jovem.

No caso segundo, é nítido que não pode prolongar-se infinitamente o tempo de treino, pois o jovem atleta tem de descansar o bastante, tem de se divertir e, na maioria esmagadora dos casos, tem de estudar.

Afinal, aumentar o volume dos esforços e a duração dos treinos conduz a um autêntico beco sem saída e podemos aperceber-nos disso se tomarmos em consideração a tremenda «febre-de-doping» que, ultimamente, vem assolando o desporto.

Transformar-se-á, então, o desportista de alta competição num robô? Deseja-se que não. A verdade, no entanto, é que os educadores estão preocupados, e com razão: o desporto não deve cair na maturidade prematura, porque a sua missão consiste em prolongar a juventude... e não arruiná-la.

Equipa "DL": empate injusto

A equipa do «DL» fez no passado sábado a sua sensacional estreia no torneio de futebol de salão organizado pelo Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias de Celulose, Fabricação e Transformação de Papel, Gráfica e Imprensa do Sul e Ilhas, defrontando a aguerrida e bem estruturada equipa da Envelopel.

O resultado, ainda que os «pupilos» do Zé Manel tenham evidenciado clara supremacia sobre o seu opositor, foi um «nulo» a dois golos cabendo a Romão e Paraíso os remates certeiros da nossa representação. Quanto aos intervenientes do agradável e bem disputado prélio que foi dirigido pelo sabedor juiz Paulo Jorge, foram:

ENVELOPEL: Messias, Lourenço, Alexandre, Vieira, Martins, Almeida, Correia e Amoros.

«DL»: Acácio, Carlos Dias, Carlos Martins, João Brás, Paraíso (Romão e José António). No banco estiveram ainda Óscar e Júlio.

No encontro de apresentação (que a foto documenta) o «DL» fez-se representar por: Zé Guerreiro (delegado) Acácio, Armando (massagista), Paraíso, Carlos Dias, Júlio e Zé Manel (treinador) situados no primeiro plano e Carlos Martins, Romão, João Brás e José António (segundo plano).

"Mundial-86": finalistas reúnem

Representantes das 24 selecções finalistas no campeonato mundial de futebol México-86 terminam hoje em Zurique uma reunião de dois dias para ultimar pormenores relativos à competição.

Durante a reunião a delegação portuguesa apresentou duas propostas, uma que prevê a utilização de qualquer dos 11 suplentes presentes no banco e outra que defende a anulação dos cartões «amarelos» mostrados aos jogadores durante a fase de qualificação.

As conclusões da reunião serão divulgados hoje em Zurique em conferência de Imprensa.

A Federação Portuguesa de Futebol está representada em Zurique por Silva Resende, presidente, Amândio de Carvalho, vice-presidente e coordenador das selecções nacionais, e César Grácio, secretário-geral.

Itália: suborno regressa

Um empregado bancário italiano foi detido por envolvimento em suborno de futebolistas, para viciar as apostas desportivas. Fontes da Polícia italiana anunciaram que foi igualmente enviada uma notificação judicial a um futebolista do clube da Segunda Divisão (Pescara) mas não foi revelado o seu nome.

O presidente da Liga, António Matarrese, disse que «este escândalo é doloroso mas confirma a coragem do futebol em procurar a verdade a todo o custo».

O maior escândalo nas apostas desportivas italianas ocorreu em 1980, implicando a despromoção do campeão AC Milão à Segunda Divisão e a suspensão de prestigiados futebolistas como o avançado Paolo Rossi.

Itália: jovem romano carbonizado

Um jovem adepto do Roma, Paolo Saroli, morreu carbonizado e 11 pessoas ficaram feridas no incêndio ocorrido na última carruagem do comboio Pisa-Roma.

No momento do acidente, viajavam na carruagem sinistrada 35 pessoas, na sua maioria adeptos do clube treinado pelo antigo técnico benfiquista Sven-Goran Eriksson que regressavam à capital italiana depois de assistirem ao jogo com o Pisa.

Segundo uma versão não oficial, o sinistro foi provocado por um grupo de «tifosis» do Roma, exaltados pelo triunfo da sua equipa sobre o Pisa, o que lhe permitiu alcançar o Juventus no primeiro lugar do campeonato transalpino.

O corpo do infortunado jovem, de 17 anos, foi encontrado pelos bombeiros no meio dos restos da carruagem, completamente destruída pelas chamas ocasionadas, segundo parece, pela explosão de um petardo no interior do compartimento.

Quem não se sente...

Árbitros repudiam acusações

A Associação Portuguesa de Árbitros repudiou energicamente as acusações «infundadas» e a linguagem «injuriosa» utilizada por directores, treinadores e jogadores.

Em reunião efectuada ontem à noite e que acabou ao princípio da madrugada, **a Associação Portuguesa de Árbitros chama a atenção para os órgãos disciplinares competentes para que «tais insinuações e desmandos não fiquem sem a devida resposta».**

Têm razão os árbitros de futebol para virem a terreiro esgrimir a favor da sua honorabilidade nos últimos tempos colocada em dúvida por diversos elementos afectos ao futebol, com destaque para uns tantos dirigentes, certos treinadores e alguns futebolistas profissionais, que, mandando às urtigas o culto de respeitabilidade devida a todas as pessoas, atiram um chorrilho de calúnias, ofensas, denúncias e suspeições sem qualquer base de consistência que as apoie.

Entendem determinados dirigentes que os adeptos e simpatizantes do clube do seu emblema, ignoram as insuficiências de gestão e incompetência administrativa (fomento, aquisição e dispensa de atletas também são normas que passam por actos de mera gestão clubista) e alijar os seus insucessos como elemento do «executivo» remetendo os inêxitos desportivos para cima dos árbitros é a forma mais cómoda que encontram para escamotear hiatos próprios.

Julgam alguns treinadores que ficam banidos de qualquer responsabilidade quanto às derrotas das equipas por si orientadas, desde que venham à praça pública argumentar que o árbitro foi desonesto, incompetente e parcial nos seus julgamentos.

Pensam certos futebolistas que ao acusar o árbitro de ter marcado ou ignorado um «penalty», os associados do clube que representam lhes perdoam o mau rendimento físico-atlético ou técnico-táctico evidenciado neste ou naquele encontro e alguns ao longo de toda uma temporada.

Os árbitros de futebol tudo vão suportando com evangélica paciência e denotando uma tolerância e contemporização que nos parece fincada em conceitos demasiado cristãos. Acusações graves, calúnias infames, denúncias sem prova e suspeições de toda a índole, surgem como faíscas mortais em cima dos mais desprotegidos e incompreendidos servidores do futebol e as entidades oficiais (associações, Federação, DGD, secretaria de Estado dos Desportos e ministério da tutela) vão ignorando tantas e tamanhas ofensas, quando a mais simples norma vinculada a preceitos de moralização sociodesportiva determinaria que fossem accionados os mecanismos jurídico-constitucionais para salvaguarda de honra e dignidade dos árbitros.

O comunicado que acima citamos e que a NP nos fez chegar refere a correcta posição da APA-Associação Portuguesa de Árbitros, cremos que, no entanto, terá pecado por tardio.

Alves Henriques

Torres prepara "Esperanças"

A selecção portuguesa de «esperanças», em futebol, efectuou ontem um ligeiro treino, integrado na preparação para o torneio internacional de Toulon, a disputar entre 4 e 11 de Maio.

A sessão teve lugar ao fim da tarde no relvado principal do Estádio Nacional, orientada pelo seleccionador nacional, José Torres, auxiliado por Juca e Marinho.

Dos 13 jogadores presentes no Jamor, não chegaram a equipar-se Samuel, do Benfica, e Vítor Santos, do Sporting da Covilhã, lesionados no último fim-de-semana, enquanto o vimaranense Bobó abandonou o relvado pouco depois do início dos trabalhos, ressentindo-se de uma anterior mazela.

Os trabalhos consistiram num ligeiro período de desentorpecimento e duraram apenas 45 minutos, seguidos de banhos e massagens, devendo os seleccionados regressar hoje ao Estádio Nacional para um treino mais longo.

Depois de um curto período de aquecimento, José Torres e Marinho treinaram durante cerca de um quarto de hora os guarda-redes Sérgio, do Sporting, e Valente, do Atlético, enquanto os restantes 11 jogadores efectuavam o habitual «carrossel». Seguiu-se uma «peladinha» de 30 minutos em metade do campo, com seis contra seis, disputada sob um ritmo vivo e no meio de óptimo ambiente entre jogadores e técnicos.

José Torres e Marinho integraram os «azuis», juntamente com Valente (Atlético), Justiniano (Famalicão), Rui Pedro (Benfica) e Paulo Monteiro (Belenenses).

Por seu lado, os «amarelos» alinharam com Sérgio (Sporting), Passos (União da Madeira), César Brito (Benfica), Chico Faria (Rio Ave), Edgar (Salgueiros) e Augusto (Portimonense).

Mundial-86

Selecções esmerilam arestas

O avançado Trevor Francis, que completa 32 anos no sábado, recebeu um «presente inesperado» quando o técnico da selecção inglesa de futebol o convocou para o jogo particular frente à Escócia, marcado para o dia 23.

Francis, um dos futebolistas «exilados» em Itália e que representa o Sampdoria, tem estado afastado dos relvados, sendo esta uma oportunidade única de o jogador tentar a sua inclusão na selecção inglesa para o México.

A Inglaterra integra o Grupo «F» do Mundial em Monterrey, tendo como adversário Portugal, Polónia e Marrocos.

•

Entretanto, o treinador escocês Alex Ferguson elaborou uma lista de 21 jogadores para o jogo com a Inglaterra em Wembley e da qual faz parte Graeme Souness, colega de Trevor Francis no Sampdoria de Itália.

A Escócia está no Grupo «E» do Mundial com a RFA, Uruguai e Dinamarca. Refira-se, ainda, que a turma escocesa defrontará no dia 29 a Holanda em jogo de preparação para o «Mundial».

•

Os convocados de ambas as equipas são os seguintes:

INGLATERRA: Guarda-redes: Peter Shilton, Chris Woods e Gary Bailey; defesas: Viv Anderson, Gary Stevens, Kenny Sansom, Terry Butcher, Terry Fenwick e Dave Watson; médios: Bryan Robson, Ray Wilkins, Glenn Hoddle, Peter Reid, Trevor Steven, Gary Stevens e Steve Hodge; avançados: Gary Lineker, Mark Hateley, Kerry Dixon, Chris Waddle e Trevor Francis.

ESCÓCIA: Guarda-redes: Alan Rough, Andy Goram e Campbell Money; defesas: Richard Gough, Maurice Malpas, Arthur Albistom, Steve Nicol, Wille Miller, Alex McLeish, David Narey e Alan Hansen; médios: Graeme Souness, Paul Mestay, Gordon Strachan, Aemonn Bannon, Roy Aitken e Jim Bett; avançados: Kenny Dalglish, Charlie Nicholas, Graeme Sharp e David Speedie.

Irlanda «recruta» Billy Hamilton

O técnico da selecção norte-irlandesa de futebol, Billy Bingham, convocou o avançado Billy Hamilton para o jogo particular de dia 23 frente a Marrocos com vista à preparação para o Mundial.

Hamilton, um dos 'heróis' da equipa da Irlanda do Norte no último Mundial-82 em Espanha, esteve inactivo durante largos meses devido a uma lesão no joelho.

A lista dos convocados para o jogo com Marrocos é a seguinte: Jennings, Plat, ONeill, McDonald, McClelland, Ramsey, Donaghay, McIlroy, McReery, Armstrong, Penney, McNally, Quinn, Whiteside, Stewart, Hamilton, Clark e Campbell.

México vence Uruguai

Javier Aguirre (15) marcou o golo da vitória da selecção de futebol do México sobre a sua congénere uruguaia, por 1-0, em jogo particular de preparação do Mundial. Assistência: 45 mil espectadores.

Judo: "Mundial" de juniores

Um troféu para Portugal

O judo masculino português conquistou pela primeira vez um troféu em campeonatos do mundo de juniores da modalidade, ao obter o quinto lugar na categoria de menos de 65 quilos do mundial, que terminou domingo em Roma.

O atleta Augusto Almeida, do Clube de Judo 82 do Porto, que quase atingiu o terceiro lugar final, esteve bem na primeira fase do torneio, em que venceu três combates (frente a adversários da Hungria, Tunísia e Coreia do Sul) e perdeu o quarto e derradeiro frente ao japonês Okuma. No seu último combate, perdeu com o soviético Alie.

Augusto Almeida, que faz 20 anos na terça-feira, obteve o quinto lugar final, tendo vencido a categoria o francês Carabetta.

O segundo português a participar nos «mundiais» de Judo em Roma foi Miguel Almeida, na categoria de menos de 71 quilos, tendo sido eliminado logo no primeiro combate, contra um atleta da Formosa.

Participaram 40 países no mundial de Roma, para atletas com menos de 21 anos, com as vitórias nas sete categorias para o Japão (2), França, Bélgica, Coreia do Sul, União Soviética e Polónia.

Morte da feminista paradigmática

Simone de Beauvoir: o sexo da vida

Simone de Beauvoir, escritora e filósofa francesa, considerada pioneira do moderno feminismo após a publicação do seu livro «O Segundo Sexo» morreu ontem em Paris aos 78 anos. A morte de Beauvoir ocorreu num hospital e, segundo fontes oficiais, o internamento da consagrada autora ocorreu há três semanas. Os meios de informação franceses referiram que a morte da escritora ficou a dever-se a edema pulmonar, embora recentemente Simone de Beauvoir tenha sido submetida à remoção do apêndice. A sua morte ocorreu precisamente seis anos após o falecimento daquele que foi o seu companheiro durante mais de 50 anos, o filósofo existencialista Jean-Paul Sartre. Entre as condolências apresentadas, figura a do Presidente da República portuguesa.

Simone no momento em que se internava

Enquanto os meios literários franceses se mostram perturbados com a morte da escritora, o ministro francês da Cultura, François Léotard, referiu-se ao óbito como «uma grande perda.» Como detestava aceitar ideias e convenções, pôs um pouco de tudo no seu trabalho, luta que partilhou com o seu companheiro, Sartre — lembrou ainda Léotard.

«O Segundo Sexo»

Simone de Beauvoir, no entanto, é um nome que fica quer na literatura francesa, quer na mundial. Nascida na capital francesa em 9 de Janeiro de 1908, licenciou-se em Filosofia pela Sorbonne aos 21 anos e leccionou de 1931 a 1943 fora da capital. De regresso a Paris, fundou a revista «Temps Modernes» com Jean-Paul Sartre em 1945, iniciando-se aí a sua ligação de trabalho e de vida.

Autora de vários romances, peças de teatro e ensaios, dedicou particular atenção aos problemas da mulher no mundo contemporâneo. É neste campo que se destaca precisamente «O Segundo Sexo».

Companheira de Sartre — com quem se casaria à hora da morte, em 15 de Abril de 1980 — foi dos nomes mais representativos da cultura francesa, sobretudo da corrente do existencialismo.

Títulos mais notáveis

Da sua obra destaca-se «A Convidada», de 1943, «O Sangue dos Outros», de 1944, «Les Bouches Inutiles», de 1945, «Todos os Homens são Mortais», de 1946, «Pour une Morale de l'Ambiguité», de 1947, e «L'Amérique au Jour le Jour», de 1948.

Com «O Segundo Sexo», de 1949, Beauvoir desmitificou mitos sobre a feminilidade e denunciou as limitações seculares impostas às mulheres. Pode dizer-se que este livro foi uma contribuição decisiva para a consciencialização e processo de emancipação das mulheres no terceiro quartel do século XX.

Mas uma outra obra «Os Mandarins», de 54, é também um termo de referência. Trata-se de um romance-ensaio do existencialismo que lhe valeu o Prémio Goncourt, em que se descreve o ambiente da França no pós-guerra, as suas contradições e as repercussões da ocupação e da Resistência.

Em 1957 publicou «A Longa Marcha», um estudo sobre a China contemporânea — e escreveu ainda obras de carácter autobiográfico como, por exemplo, «Memórias de uma Rapariga Bem Comportada» (contando a formação católica que marcou os seus primeiros anos), «A Força da Idade», «A Força das Coisas» e «Uma Morte Tão Suave», em que conta a morte de sua mãe, vítima de cancro.

Em 1966, publicou «Les Belles Images» e no ano seguinte «A Mulher Destruída». Quatro anos depois publicou «A Velhice», ensaio sobre os problemas da Terceira Idade, e, em 72, «Feitas as Contas».

No prefácio do álbum «James Joyce em Paris», em 65, citou como fundamentais à sua formação literária os conceitos de Willim Faulkner. Porém, sempre foi considerada a principal discípula de Sartre, retomando nas suas obras as suas teses essenciais com um vigor dramático e «actual» que determinaram muito da sua popularidade.

Emblema de uma época crucial

Saint-Germain-des-Près, pós-guerra, existencialismo, Sartre e Beauvoir são nomes de uma época, são nomes indissociáveis. Beaufoir e Sartre fazem o emblema de um tempo crucial, cheio de contradições e pleno também de novas vias.

Relativamente a Simone, ela surge sobretudo como teórica do feminismo», a mulher que escreveu «O Segundo Sexo», traduzido em vinte línguas, e para muitas feministas uma espécie de bíblia sobre a matéria.

«Ela foi a mulher que me disse, através dos seus livros, que a mulher era, realmente, um ser humano, alguém que conseguia fazer coisas. Sempre me tinham garantido o contrário» — lembra, sobre a hora, Maria Teresa Horta.

E ainda: «Simone de Beauvoir ensinou-me a coragem e o prazer de ser mulher. Foi o mito da minha adolescência. «O Segundo Sexo», porventura o mais conhecido dos livros da escritora francesa, determinou a vida de muitas mulheres, veio modificar a condição feminina.»

Sartre e Simone: companheiros de uma longa vida com diversos «casos» de permeio

Na altura dos «Temps Modernes», revista que marcou uma época

Opiniões

«Quando me olho no espelho, penso no êxito que tenho obtido em todas as pessoas célebres que conheço, em todos os sítios bonitos em que estive, mas não posso deixar de considerar que a vida me enganou» — escrevia Simone de Beauvoir no final de «A Força das Coisas».

«Comentei diversas vezes com Samuel Beckett essa frase — afirma um dos editores de Simone — Relembrámos que Freud dizia que as mulheres nunca sabem muito bem o que querem. Mas foi uma mulher que viveu em pleno, sexual e intelectualmente.»

Simone de Beauvoir, quando na juventude, nunca se casou, nem sequer com Sartre. Só quando este se aproximou da morte, é que o consórcio se deu. Partilhou durante meio século a sua vida com Sartre, mas ambos tiveram «outros casos», muitas vezes com indivíduos mais novos.

«Vejo as mulheres como seres capazes de mudar as suas vidas e a sociedade. Simone foi a primeira mulher a chamar a atenção para a recusa de plena individualidade da mulher na sociedade francesa moderna» — comentava a feminista Betty Friedman.

Refira-se, no entanto, que Simone de Beauvoir muitas vezes afirmou nunca se ter sentido inferior aos homens pelo simples facto de ser mulher. Dizia-se antes inspirada para explorar e investigar o papel da mulher na cultura ocidental.

Partindo do ponto de vista existencialista de que todo o ser humano tem o direito de enveredar livremente por qualquer actividade, Simone de Beauvoir apresentou a subjugação tradicional feminina como um resultado das diferenças sociais entre os dois sexos e não como uma diferença biológica. O futuro o dirá, mas adiantamos já este juízo: entre homens e mulheres, Simone de Beauvoir foi um ser humano.

Uma história de Natal

Carlos Porto

NO NATAL A GENTE VEM-TE BUSCAR! **Texto, Encenação e Cenografia:** Naum Alves de Sousa. **Figurinos:** António Marques. **Interpretação:** Cecília Guimarães, Anna Paula, Santos Manuel e António Marques. **Teatro Experimental de Cascais. Estreia: 31.1.1986 (Auditório Nacional Carlos Alberto, 29.3.1986).**

O êxito de «Aurora da Minha Vida» explica o facto de o TEC ter optado para o seu mais recente espectáculo por uma outra peça do mesmo autor, o dramaturgo, encenador e cenógrafo brasileiro Naum Alves de Sousa. No entanto, o êxito do primeiro espectáculo teve muito a ver com a qualidade do trabalho de Carlos Avilez, justamente considerado uma das suas melhores encenações. Isso foi, aliás, confirmado pela opinião das críticas e artistas do teatro brasileiro que viram o espectáculo do TEC no FITEI-84 e o consideraram superior à criação brasileira.

Desta vez, Carlos Avilez preferiu convidar o autor para dirigir o seu texto, com resultados talvez menos interessantes já que Naum Alves de Sousa pareceu menos à vontade a dirigir o grupo de Cascais do que teria acontecido necessariamente com o director do TEC. Como não me foi possível ver o espectáculo quando da sua estreia aproveitei a coincidência de uma digressão do grupo ao Norte e de uma passagem minha pelo Porto para isso. Com a vantagem de ver o grupo a actuar noutro contexto e portanto de forma diferente, como sempre acontece em contacto com outro público. Um juízo do espectáculo não pode deixar de passar por aí: o espectáculo que eu vi não era o mesmo, não podia ser o mesmo, além do mais por ser muito diferente o espaço do Porto, um teatro à italiana, espaço ainda menos adequado pelo facto de a sala ter muito pouca gente, o que me parece lamentável, confirmando a inadequação de espaços grandes para espectáculos do tipo deste.

«No Natal a Gente Vem-te Buscar» é uma peça sobre o Tempo, a passagem do tempo, essa funda ferida incicatrizável que vai marcando as pessoas até ao fim. O tempo, porém, não é uma entidade metafísica, é o veículo, ao mesmo tempo que é a viagem, em que transportamos projectos e sonhos, aventuras e desastres, formas de educação e opções pessoais. Não só isso: o Tempo tem um conteúdo, a classe a que pertencemos, o que nos ensinaram e o que aprendemos, as lutas, as alienações; a solidão, os desencontros, o amor e a hipocrisia, a sordidez e a glória, as pequenas vitórias e as pequenas mortes do quotidiano.

Na peça de Naum Alves de Sousa, quatro personagens, cada uma delas com as suas cicatrizes: uma família da classe média de uma pequena cidade do interior, os problemas económicos, os problemas familiares, os problemas sociais, os problemas... E no fim, a velhice. Fragmentos de gente, de histórias, de sentimentos, ou do seu fingimento em valores estabelecidos de uma sociedade em mutação. O sofrimento também. Que pode ir até à morte imposta quando o combate pela liberdade implica esse sacrifício. Aqui, e não por acaso, identificado numa personagem livre das amarras do sangue.

Estas quatro personagens que vemos na infância, na adolescência, na maturidade, na velhice, exigem grandes intérpretes. Embora longe de um texto como «A Longa Ceia de Natal», de Thornton Wilder, em que vemos as personagens envelhecer à nossa frente, «No Natal a Gente Vem-te Buscar» impõe esse jogo múltiplo de intérpretes capazes de fazer essa acrobacia sem rede: passar de personagem para personagem, da rosa em botão à rosa murcha, do sonho ao vazio. O que há neste espectáculo de magnífico é sem dúvida a capacidade dos quatro intérpretes em procederem a esse desdobramento, em entremostrarem com uma simplicidade que equivale à da peça e uma eficácia que a defende, esse jogo tão absolutamente teatral do Tempo, sobre o Tempo. De Cecília Guimarães, a Solteirona, às várias personagens de Anna Paula, de Santos Manuel, entre o Irmão e o Pai, e António Marques, o Primo criado na família e a quem a família fascista se encarrega de destruir — quatro trabalhos soberbos de que Cecília Guimarães e Santos Manuel levantam solos duma grande energia dramática, duma grande subtileza humana.

Lamento que a simplicidade do texto e da cenografia, e mesmo da encenação, seja prejudicada pela ênfase de certas marcações à boca de cena sublinhadas por uma música demasiado expressiva.

Não sendo um espectáculo tão interessante como o anterior do dramaturgo brasileiro, talvez por ser menos rico em registos. «No Natal a Gente Vem-te Buscar» é uma obra limpa, eficaz, rigorosa e convincente.

"Almada antiga e moderna": a representação possível da história de uma freguesia

«Há em Almada património a preservar e/OU A RECONSTITUIR» — eis uma das conclusões de Alexandre M. Flores, responsável da biblioteca municipal daquela cidade, expressa no prefácio do seu livro «Almada antiga e moderna — Roteiro iconográfico», respeitante unicamente à freguesia que detém o nome do concelho. Maior importância ressalta da obra pelo facto de ter sido a autarquia a assumir a edição, que até nem é a única dos levantamentos históricos do concelho.

A própria Câmara aproveita o ensejo para dar algumas notas das dificuldades sentidas por quem preside aos destinos de uma autarquia, muitas vezes também responsabilidades nas destruições de desaparecimentos verificados. Neste caso concreto de Almada, diz a autarquia, apresentando o livro de Alexandre Flores, que «o camartelo insensível, o «bulldozer» ávida de lucro, a indiferença, os incêndios, as causas naturais, mudaram a velha Almada imutável de séculos».

Por seu turno, o autor define a obra como «uma breve antologia histórica, abrangendo múltiplos aspectos, designadamente a ocupação social do espaço; a evolução do espaço formal geográfico e administrativo; evolução da economia agrícola, comercial e industrial; meios e relações socioculturais; o património artístico, paisagístico, ambiental...»

O conjunto resultante de tudo isto, referente apenas, como se disse, à freguesia de Almada, é um repositório importantíssimo da vida daquela que é hoje uma das mais importantes cidades portuguesas, tanto mais porque se situa na área da Grande Lisboa, ainda pelas reconhecidas tradições: culturais, políticas, associativas.

Assim, o livro começa pela reprodução dos dois brasões almadenses, o antigo e o actual, seguidos das armas que foram da vila e das que hoje simbolizam a cidade.

Depois, é um somatório de reproduções de cartas referentes à península de Setúbal, incluindo o estuário do Tejo, das mais diversas origens: de estampas que remontam ao século XVII e posteriores; e, no que se refere ao começo do século, já reproduções de fotos e postais que se salvaram eles próprios do desinteresse comum.

Claro que, reproduzindo aspectos da freguesia até aos dias de hoje, o livro acaba por fazer a história do crescimento da vila até ser cidade, das suas instituições, personalidades, datas. E o caso, para dar um exemplo, de uma manifestação de protesto, em 1921, devido à falta de pão em Almada (e Alexandre Flores explica: «Por aquela data, o pão aumentou cinco réis em cada quilo, o que deu origem a manifestações de protesto por parte do operariado do concelho»).

Depois de tudo, um estudo ainda possível porque a iniciativa teve bom acolhimento por parte de muitos munícipes que cederam o que era possível: gravuras, fotos, postais ilustrados e, importante, passos da sua memória viva. A investigação do autor completou o que faltava.

RV

Festival de Troia-Primavera de 7 a 10 de Junho

De 7 a 10 de Junho, Tróia terá, pela segunda vez consecutiva o seu «Festival de Primavera». É o corolário lógico do êxito alcançado pelo primeiro Festival, realizado o ano passado, que transformou aquele centro turístico da Costa Azul no palco, privilegiado, dum acontecimento, cultural e artístico, de relevo internacional.

Francisco Nicholson foi, uma vez mais, convidado a assumir a direcção do Festival. Homem do espectáculo, ele estará por detrás de todos os acontecimentos, que desde as 9 horas da manhã do dia 7 de Junho, às 24 horas do dia 10, que vão do rock ao fado, do folclore à magia, das bandas filarmónicas ao bailado, passando pela exibição de grandes instrumentistas e sem esquecer o espaço destinado ao Teatro e à Animação Infantil.

Extremamente rico e variado, unicamente composto por artistas nacionais, o programa, que dentro de dias será anunciado, contém algumas novidades que irão aguçar o interesse de muitos milhares de espectadores que à semelhança do ano passado, acorrerão a assistir aproveitando para um bom dia de praia ou piscina neste maravilhoso recanto que a natureza caprichou em colocar a menos de uma hora de Lisboa.

Iniciativa da APCT

Conhecer o(s) Teatro(s) passo a passo

É no próximo sábado, dia 19, pelas 15 horas, que tem início a primeira visita guiada organizada em colaboração com a SPA pela Associação Portuguesa de Críticos de Teatro. Trata-se de uma iniciativa que visa dar a conhecer por dentro as várias realidades teatrais desde o espaço, estrutura e história, até à realidade final que é o espectáculo. Estão por isso planeadas várias viagens não só a teatros antigos, ou à sua lembrança, como a trabalhos de teatro em fase de montagem e a entidades relacionadas com a actividade teatral; viagens não só por Lisboa como pelo resto do país.

Por razões de antiguidade mas também por razões simbólicas a primeira desta série de visitas «O teatro passo a passo» tem por objectivo as ruínas do Teatro romano, servindo de cicerones a dr.ª Ana Cristina Leite, dos respectivos serviços da CML, e um professor de Clássicas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Em futuras visitas espera-se fazer a leitura de excertos de textos dramáticos relacionados com os respectivos locais.

Portanto, no sábado 19, às 15,00 horas, ponto de encontro, junto da fachada do Teatro Nacional D. Maria II. Dedicada à gente de teatro esta iniciativa está aberta a todos os interessados, sendo conveniente a inscrição gratuita junto da SPA: tel. 55 76 13, D. Maria Teresa.

C.P.

Escultor português elogiado

O escultor português José Pedro Croft está a ser um dos artistas mais elogiados na Arco 86, que começou quinta-feira e se prolonga por uma semana.

A Arco 86, que é actualmente uma das maiores feiras de arte da Europa, conta este ano com a participação de nove galerias portuguesas.

José Pedro Croft está representado apenas com um trabalho, uma escultura em mármore.

Esta escultura foi classificada pela crítica madrilena como uma das mais importantes da feira.

Fez anos que o rock deu a volta ao relógio

Manuel Falcão, NP

No passado sábado fez 32 anos que o rock deu a volta ao relógio, ou seja, que Bill Haley gravou o seu «Rock Around the Clock» e na Grã-Bretanha tem estreias nacionais um filme que conta como foram os anos 50 em Londres, «Absolute Beginners». Para muitos dos que hoje ouvem música moderna, os anos 50 são a década em que nasceram, o tempo das suas primeiras memórias. A primeira década do pós-guerra, o tempo em que surgiram as coisas novas.

O tempo em que o Jazz ficou Cool, em que as saias subiram, em que a população aumentou. Baby Boom no mundo, Drive-Ins e Chevrolets na América, Scooters na Europa. O tempo em que o Rock'n'Roll foi descoberto. Prometeram-lhe vida curta, ainda cá anda a fazer das suas.

Gravado em 1954, «Rock Around the Clock» é uma canção que correu mundo e que foi pioneira de uma música que, se não transformou o mundo, fez modificar muitos comportamentos.

A canção de Bill Haley e dos Comets surgiu a meio de uma década fértil em acontecimentos, muitos deles hoje já quase esquecidos e que merece ser recordada.

1950: a guerra tinha acabado há cinco anos, a Europa começava a sair das ruínas, dançava ao som do novo jazz e preparava-se para um novo vício: a televisão.

No mesmo ano começa noutro ponto do mundo uma nova guerra — a da Coreia — que havia de durar até 1953.

Nela morreram 54.000 soldados norte-americanos. Ao mesmo tempo começam-se a descobrir as maravilhas da electrónica: em 1951 realiza-se a primeira transmissão de televisão de uma costa a outra dos Estados Unidos.

Em 1952 os norte-americanos ensaiam a sua primeira bomba de hidrogénio. Em Itália prepara-se o arranque de uma indústria cinematográfica que deu ao mundo Gina Lollobrigia e Sofia Loren. As Scooters tornam-se obrigatórias para levar as namoradas a passear e tornam-se obrigatórias para os jovens britânicos.

1954: na Argélia começa a guerra da independência, o primeiro sinal do fim dos impérios coloniais. Em 1956 tanto a França como a Grã-Bretanha começam a sair das suas colónias. Na Indochina os franceses tiveram uma guerra dura e na Índia os britânicos tiveram pela frente a obstinação de Gandhi.

Ainda em 1956, na Hungria, uma revolta contra o regime comunista depõe o governo mas é afogada em sangue por tropas soviéticas. Nos Estados Unidos o presidente Eisenhower assina o decreto de abolição da segregação racial nas escolas.

Em 1957, a 4 de Outubro, começa a conquista do espaço. A União Soviética coloca em órbita terrestre o satélite Sputnick I. Poucos depois, a 31 de Janeiro de 1958, os Estados Unidos lançam igualmente o seu primeiro satélite, Explorer I.

Ainda nos Estados Unidos, 1958 é o ano do primeiro voo comercial feito num avião a jacto — foi entre Nova Iorque e Miami. A 1 de Janeiro de 1958 a Europa dá novo salto em frente com a criação do Mercado Comum — que então englobava a Bélgica, França, Alemanha Federal, Itália, Luxemburgo e Holanda.

1959 — A década chega ao fim. Em Cuba, Fidel Castro derruba o Fulgêncio Batista depois de uma guerra civil de três anos. No mesmo ano, a 15 de Setembro, os presidentes dos Estados Unidos e da União Soviética, respectivamente Eisenhower e Nikita Kruschev, reunem-se em Camp David.

James Dean passa a herói lendário com «Juventude Rebelde» e Marlon Brando é o protótipo do adolescente violento impingido pela América ao mundo. O rock, entretanto, passara o Atlântico e começara a invadir a Europa, ao mesmo tempo que o Cool Jazz e o Bepop Little Richards era tão escutado pelos jovens londrinos como Miles Davis. Na Europa, as coisas andavam a outro ritmo.

Londres, 1959. Um escritor com créditos firmados e dois livros nos escaparates começa a escrever aquela que virá a ser a sua obra mais conhecida. O escritor é Colin Mac Innes e a história que escreve conta como Londres era em 1958: as jovens estrelas de uma nova música a nascerem, os primeiros empresários, as ruas cheias de gente nova — o nascimento dos teenagers — os adolescentes que já não queriam ficar todo o tempo em casa. As ruas são então invadidas pelos «Absolute Beginners», nome que Mac Innes deu ao seu livro.

Nessa altura tudo era diferente. Elvis acabara de ir para a tropa, West Side Story realizava os primeiros ensaios e na televisão os cantores só apareciam da cintura para cima. O Jazz não se ouvia, dançava-se, e Miles Davis reinava com Sonny Rollins a seu lado.

Em 1985, um quarto de século depois do fim da década de 50, um jovem realizador londrino, Julien Temple, inicia as filmagens de um filme baseado na obra de Colin Mac Innes, «Absolute Beginners», que entretanto se havia tornado numa obra de culto — e, incidentalmente, numa canção de Paul Weller para os Jam.

Temple tem, ele próprio, uma história: foi o realizador de serviço aos Sex Pistols na época da propaganda do Punk e é a estrela querida entre os realizadores de telediscos — filmou os Rolling Stones, David Bowie, os Kinks e os Culture Club entre outros. Esta é a sua segunda longa metragem.

Absolute Beginners, o filme, move-se em torno do romance de dois jovens à descoberta de um mundo novo, inesperadamente vitalizado, dinâmico: são eles próprios dois Absolute Beginners, Colin e a sua miúda, Crepe Suzette. Ao lado, gira um mundo em ebulição.

No filme, que sexta-feira teve estreia nacional na Grã-Bretanha depois de um ano de trabalho intenso, participam, entre outros, David Bowie (que escreveu também a canção-tema), Ray Davies dos Kinks, Sade Adu e Sandie Shaw.

São 104 minutos de filme com 20 canções inéditas e muitos velhos clássicos. Na opinião do New Musical Express, «Absolute Beginners» é a primeira alternativa à imagem estereotipada dos adolescentes dos anos 50 fornecida pelos filmes norte-americanos. Ainda segundo o mesmo jornal, ver este filme é como passar num tunel do tempo, voltando anos atrás. «Absolute Beginners» ainda não tem estreia marcada em Portugal.

TEATRO ESTÚDIO DE LISBOA APRESENTA NO

TEATRO

VASCO SANTANA

ENTRECAMPOS

FEIRA POPULAR

CESÁRIO QUÊ?

TEXTO E ENCENAÇO DE: LUZIA MARIA MARTINS

CENOGRAFIA DE: FERNANDO FILIPE: ACTORES POR ORDEM DE ENTRADA EM CENA: FERNANDA MONTEMOR•CARLOS SANTOS•CLARA JOANA• HELENA FÉLIX•LUÍSA ORTIGOSO•FERNANDA COIMBRA•JOÉ BRÁS•VÍTOR HUGO• MANUEL MENDONÇA•PEDRO PAIVA

Terça a sábado às 21.30
Domingo às 16

Prémios do Festival de Cinema de Santarém

O filme indiano «The Qest for the Golden Richter» obteve o prémio de «Valores Humanos» no Festival Internacional de Cinema que terminou domingo em Santarém.

O prémio do «melhor director» foi para o alemão-federal Percy Adlon, realizador do filme «Celeste», que obteve o «Cacho de Ouro» do festival.

A realizadora Elja-Elina Bergholm obteve o prémio do «melhor argumento» na película classificada em terceiro lugar «Angela's War».

Dragos Pislaru foi considerado o «melhor actor» no filme romeno «O Olho de Urso», e Daisy Granados a «melhor actriz» no filme cubano «Habanera».

O júri do Festival Internacional de Cinema de Santarém era constituído por Hélder Mendes (realizador), Isabel de Castro (actriz) e Paul Iber (crítico).

Compositores espanhóis distinguidos com prémios

O compositor Rodolfo Halffter e o musicólogo Miguel Querol foram distinguidos com os prémios nacionais de música de Espanha.

Halffter, 86 anos, vive desde 1939 no México, em cujo conservatório dá aulas de análise musical, e é membro vitalício da Academia Mexicana de Artes.

Discípulo de Manuel de Falla em 1929, partiu cinco anos depois para Paris e em 1936 regressou a Espanha.

No exílio, durante 37 anos não manteve contactos com a música espanhola. Em 1970, restabeleceu uma relação directa com Espanha através de cursos anuais de composição e concertos.

Halffter sofreu, numa primeira fase, influências de Falla e, na segunda, mexicana, aproximou-se a partir de 1954 da música séria.

Da sua obra, mais de 50 peças, fazem parte «marinheiro em terra», para piano e canto, «Don Lindo de Almeria», Bailado, «Para O túmulo de Lenine» e «Homenagem a António Machado», piano.

Querol, 74 anos, estudou no mosteiro de padres beneditinos de Montserrat, tradicional centro de formação de compositores e instrumentalistas.

É académico correspondente da Real Academia de Belas-Artes de San Fernando e da de Santa Isabel de Hungria, de Sevilha, e membro honorário da Sociedade Folclórica do México.

A sua obra é composta por 42 partituras, 22 livros sobre musicologia, 32 artigos e 102 conferências sobre Filosofia, Estética, História e e Música.

CULTURAL ROTEIRO

João Mota e Paulo Ferreira, numa cena da peça «Calígula»

Teatro

● Na Comuna — Teatro de Pesquisa, continua em cena, pelas 21.30 horas a peça de Albert Camus, «Calígula». Sobre a peça escreve a companhia, no programa: «'Calígula' de Camus é uma ficção. O 'Calígula' de hoje, da Comuna, é uma ficção sobre inúmeras ficções. A vida do célebre imperador romano serve de pretexto a Camus para escrever um maravilhoso texto teatral sobre as várias facetas do poder. Uma reflexão sobre o poder político, cultural e humano. O poder sem limites, até à negação do homem». A peça tem, como habitualmente, encenação de João Mota, direcção musical de José Pedro Caiado, figurinos de Carlos Paulo. A construção das máscaras e adereços é de Carmem Marques e Jorge Loureiro, e a interpretação está a cargo de António Melo, Abel Neves, Almeno Gonçalves, Alfredo Brissos, Carlos Paulo, Cecília de Sousa, Isabel Medina, João Mota, Jorge Loureiro, José Pedro Gomes, Marques Arede e Paulo Ferreira. Tal como aconteceu na peça anterior, também neste espectáculo a Comuna mantém a modalidade de «veja teatro a preços reduzidos», às terças, quartas e quintas, com o preço único de 150$00.

● Entretanto, no Teatro da Graça, o Grupo Teatro Hoje mantém em cena a peça «Bem-Vindo Sr. Sloane» do dramaturgo inglês Joe Orton. Escalpelizando através de um humor feroz e bem negro, «à inglesa», o pequeno mundo da pequena burguesia suburbana e do seu emaranhado de falsos valores e falsos sentimentos, Orton punha a nu a miserável existência de uma sociedade vazia de sentido. «Bem-Vindo Sr. Sloane» está em cena pelas 21 horas, numa encenação de Carlos Fernando, que juntamente com António Montez, Filipe Domingues e Maria José tem a seu cargo a interpretação.

Conferências

● «A migração Italiana: Passado, Presente e Futuro» é o tema da conferência que o prof. Luigi Di Comite, da Universidade de Bari, profere esta tarde, pelas 18.30 horas, na sede do Instituto Italiano de Cultura em Portugal (R. do Salitre, 146).

● Pela mesma hora, mas no auditório dois da Sociedade de Língua Portuguesa (R. de S. José, 41-2.º), o escritor Rafael Gomes Filipe realiza uma conferência sob o tema «Malheiro Dias e Sérgio — Uma Polémica Histórica». Nesta conferência, a propósito do seu último livro, o dr. Rafael Gomes Filipe propõe-se desenvolver o esquema seguinte: 1. Breve apresentação de Carlos Malheiro Dias (o homem e a obra) e 2. **A Polémica do «Desejado»** entre Carlos Malheiro Dias e António Sérgio, a propósito da publicação da obra **Exortação à Mocidade**, de Carlos Malheiro Dias. Análise das principais peças da polémica e proposta de uma interpretação do seu sentido no contexto internacional e social da época (1924-1925).

Exposições

● A exposição de pintura de **Lourdes Leite** é inaugurada hoje, pelas 19 horas, na Galeria Permanente de Artes Plásticas do Pátio Alfacinha.

● Um pouco mais cedo, pelas 17 horas, é também inaugurada no Palácio Foz a exposição de **fotografia e artesanato da República Popular Democrática da Coreia**.

● E pelas 21.30 horas tem lugar a terceira inauguração de hoje, na Galeria Municipal da Amadora. Trata-se da **primeira exposição colectiva de gravura** dos artistas fundadores da Associação D'AGA. A mostra é composta por gravuras de várias técnicas: xilogravura, calcografia, litografia e serigrafia. Os trabalhos apresentados são de Américo Silva, Camilo Loureiro, Humberto Coutinho, José Américo Silva, José Mourão, Luís Cruz, Maria Irene Ribeiro, Maria Soares, Maria Teresa Folha, Marina e Vasco Amorim Folha.

Alfas Triplex
— T. 806496

ÁFRICA MINHA
(maiores 12 anos)
15.15, 18.15, 21.15 e 00.15 h

O ENIGMA DA PIRÂMIDE
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

AS MINAS DE SALOMÃO
(maiores 12 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

T. 763319
COTTON CLUB
(maiores 16 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Shopping Center de Lisboa

ÁFRICA MINHA
(maiores 12 anos)
15.15, 18.15, 21.15 e 00.15 h

TARAN E O CALDEIRÃO MÁGICO
(maiores 6 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 23.45 h

Amoreiras 3

O ENIGMA DA PIRÂMIDE
(maiores 12 anos)
14, 16.30, 19, 21.45 e 24 h

Apolo 70

JUVENTUDE INQUIETA
(maiores 16 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

Ávila
— T. 539930

ESPIÕES COMO NÓS
(comédia)
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Avis
— T. 547163

LOUCURAS AMERICANAS
(maiores 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Berna
— T. 776098

ERA UMA VEZ NA AMÉRICA
(maiores 16 anos)
15.00 e 21.00 h

Capitólio
— T. 372358

FÚRIA SEXUAL
(int. men. 18 anos)
15.00, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00 h

Castil
T. 530194

SKY PIRATES – A GRANDE AVENTURA
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Uma cena do novo filme de ERIC ROHMER, «NOITES DE LUA CHEIA». Com PASCAL OGIER e VIRGINIE THEVENET. Em exibição no Estádio 444 e Quarteto.

Cinebloco
— T. 556824

O BARÃO DE ALTAMIRA
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

VIOLÊNCIA EM NÁPOLES
(maiores 18 anos)
24.00 h

Cine Camões
T. 324194

TERRAMOTO
(maiores 13 anos)
14.15, 16.30 e 21.30 h

Cine 222
— T. 579460

DARLY
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

PERSEGUIÇÃO SELVAGEM
(int. 18 anos)
24.00 h

Cinemateca

TRÊS ESPELHOS/1947
18.30 h

MORTE DE UM CICLISTA/1955
21.30 h

Cine Portela
— T. 2524761

MÁQUINA DE MATAR
(maiores 12 anos)
16.00 e 21.45 h

REGRESSO AO FUTURO
(maiores 12 anos)
15.00 e 21.30 h

City Cine
— T. 549999

O SOL DA MEIA-NOITE
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

SER OU NÃO SER
(maiores 12 anos)
23.45 h

Condes
— T. 322523

A JÓIA DO NILO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Eden
— T. 320768

AS MINAS DE SALOMÃO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estúdio
— T. 555134

ESPIOES COMO NOS
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estúdio ACS
— T. 887255

A CASA DO LAGO
(maiores 13 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estúdio 444
— T. 768078

NOITES DE LUA CHEIA
(maiores 12 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

Fonte Nova
— T. 7145109

ROCKY IV
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00, 19.15 e 21.45 h

A HONRA DOS PADRINHOS
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

MASK-MÁSCARA
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45 h

Forum Picoas
— T. 541037

VEIO DO OUTRO MUNDO
(n. acons. 18 anos)
19.00 e 21.30 h

Gemini

AS MINAS DE SALOMÃO
(maiores 12 anos)
14, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Hollywood
— T. 802859

Sala 1

A JÓIA DO NILO
(m. 12 anos)
14.30, 16.30, 18.45, 21.30 e 23.45h

A HONRA DOS PADRINHOS
(maiores 16 anos)
14.15, 16.45, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Império
— T. 555134

A GRANDE AVENTURA
(maiores 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Las Vegas
— T. 631162

A JÓIA DO NILO
(maiores 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

ENCONTRO
(maiores 16 anos)
15.30, 18.45 e 21.45 h

Londres
— T. 801313

A JÓIA DO NILO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Mundial
— T. 538743

ERA UMA VEZ NA AMÉRICA
(maiores 16 anos)
15.00 e 21.00 h

Nimas
— T. 574362

AGNES DE DEUS
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Odeon
— T. 326283

COMANDO EM FÚRIA
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e e 21.30 h

Olimpia
T. 325309

AS ULTRAPOTENTES
A partir das 14 horas
Sessões contínuas
Filme pornográfico
(int. men. 18 anos)

Pathé
— 821933

A LARANJA MECANICA
(maiores 18 anos)
14.00, 16.30 e 21.30 h

Politeama
T. 326305

A GRANDE AVENTURA
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Quarteto
T. 771378

NOITES DE LUA CHEIA
(maiores 18 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

UM CASAMENTO
(maiores 16 anos)
23.30 h

O ENCONTRO
(maiores 16 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

MISSING
(m. 16 anos)
23.30 h

HISTORIA DE PIERA
(maiores 18 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

AMERICAN GRAFITTI
(maiores 16 anos)
00.45 h

RUMBLE FISTO — JUVENTUDE INQUIETA
(maiores 16 anos)
15.00, 17.00, 19.00, 21.30 e 23.30 h

N'Gola
— T. 573407

2019 – DEPOIS DA QUEDA DE NOVA IORQUE
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Restelo
T. 610375

COCCON – A AVENTURA DOS CORAIS PERDIDOS
(maiores 6 anos)
15.30 e 21.30 h

Cinema Rex
— T. 864756

AS AVERIGUAÇÕES DO PILOTO PIRX
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Roma
T. 889192

O BARAO DE ALTAMIRA
(maiores 126 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Roxy
T. 548560

O SILÊNCIO DAS MULHERES VIOLADAS
(maiores 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

S. Jorge
T. 579144

ÁFRICA MINHA
(maiores 12 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

REGRESSO AO FUTURO
(maiores 6 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

O ENIGMA DA PIRÂMIDE
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.15 h

7.ª Arte
— T. 730715

D.A.R.L.Y.
(maiores 6 anos)
14.45, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Star
— T. 804210

UMA NOITE INESQUECÍVEL
(maiores 12 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

Terminal
— T. 371573

ESPIÃO COMO NÓS
(maiores 6 anos)
13.00, 15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

Tivoli
— T. 570595

TARAN E O CALDEIRÃO MÁGICO
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Turim
T. 706666

007 – ALVO EM MOVIMENTO
(maiores 12 anos)
15.00, 17.30 e 21.45 h

Xenon
T. 368480

O BEIJO DA MULHER ARANHA
(maiores 16 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Zodíaco
— T. 570151

LUTANDO PELA JUSTIÇA
(n. acons. a m. 13 anos)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Linha de Sintra

AMADORA — Cinestúdio — «A história de Piera», às 15.30 e 21.30 h (maiores 18 anos)

AMADORA — Cineteatro Lido — «Justiceiro por conta própria», às 15.30 e 21.15 h (maiores 16 anos)

AMADORA — Babilónia — «Chamavam-lhe Buldozer», às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h (maiores 13 anos)

CACEM — Cinestúdio Flores — «Rocky IV», às 15.00 e 21.30 h (maiores 16 anos).

CINETEATRO CHABY — MEM MARTINS — Descanso

ESTÚDIO DOIS EME — «Rambo — A vingança do herói», às 21.30 h (maiores 18 anos)

Linha de Cascais

CASINO ESTORIL — «O exterminador 2», às 18.15 e 21.15 h (maiores 18 anos)

ALGÉS — CINEMA 2000 — «Bolero», às 15.30 e 21.30 h (maiores 16 anos)

OEIRAS – ALTO DA BARRA — SALA 1 — «Rocky IV», às 15.15 e 21.30 h (maiores 12 anos)

SALA 2 — «Nome: Carmen», às 15.30 e 21.45 h (maiores 16 anos)

CASCAIS – MIRAMAR/SALA 1 — «A joia do Nilo», às 15.15 e 21.30 h (maiores 12 anos)

SALA 2 — «Divórcio em Hollywood», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

CARCAVELOS – ATLÂNTIDA CINE — «Silverado», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

OXFORD — «Vingança jurada», às 16.00 e 21.30 h (maiores 12 anos)

Arredores

ALMADA — Academia — «Vítor, Vitória», às 15.30, 18.15 e 21.30 h (maiores 12 anos)

ALMADA — Incrível — «Loucuras de um casal», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

CINE ESTÚDIO ALMADA — «A paixão de Swann», às 15.30, 18.15 e 21.30 h (maiores 16 anos)

CAPARICA — OCEANO – Sala 1 – «Fuga para a vitória», às 15.45 e 21.30 h (não acons. men. 18 anos).

Sala 2 – «Christine, o carro assassino», às 16.15 e 21.30 h (maiores 12 anos)

CRUZ DE PAU – LORD – «Electric Dreams – Amor é música», às 16.00 e 21.45 h (maiores 12 anos)

BARREIRO - CINE-ESTÚDIO BARREIRENSE – «O boxeur de Nangai», às 21.15 h (não acons. men. 18 anos)

FORTE DA CASA – FOCA CINE – Pânico em Nova Iorque», às 15.30 e 21.30 h (n. acons. 18 anos)

LINDA-A-VELHA – CINE-TROPICAL — «Classe», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

MOSCAVIDE – STOP – «A raiva do herói», às 15.30 e 21.30 h (maiores 18 anos)

ODIVELAS – CINE-ODIVEL — «Justiça do Dragão», às 15.30 e 21.30 h (m. 16 anos)

CINE-OCEANO – «Comando», às 15.30 e 21.30 h (maiores 16 anos)

TRAFARIA – PAVILHÃO JARDIM — «O preço do escândalo», às 21.30 h (maiores 16 anos)

Farmácias

Lisboa — PERMANENTE — ALFAMA: Costa, R. das Escolas Gerais, 88-A (T. 863940); **ALTO DE SANTO AMARO -RIO SECO: Dilena**, R. Aliança Operária, 49-A-B (Y. 636620); **ALVALADE: Sanex**, Av. da Igreja, 31-C (T. 987505); **ARCO DO CEGO: Providência**, R. D. Filipa de Vilhena, 9-C (T. 770324); **BENFICA - PORTAS DE BENFICA: Benfica**, E. de Benfica, 678-E (T. 702532); **CAMPO DE OURIQUE: Almeida**, R. Silva Carvalho, 136 (T. 681726); **LUMIAR: Patuleia**, Al. das Linhas de Torres, 262-B (T. 790332); **MADRE DE DEUS: Madre de Deus**, R. da Margem, 15-B (T. 382470); **MARQUÊS DE POMBAL: Branco**, Av. Duque de Loulé, 61-65 (T. 545048); **PENHA DE FRANÇA: Carrondo**, R. Padre Sena Freitas, 10-A (T. 842518); **PICHELEIRA: Marluz**, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **PRÍNCIPE REAL -SÃO BENTO: Confiança**, P. das Flores, 59-60 (T. 670401); **BRANDOA - AMADORA: Brito**, R. do Colégio, lote 32-B (T. 993351); **ODIVELAS: Gonçalves**, R. Dr. Egas Moniz, 30-B (T. 981662); **PONTINHA: Leitão Ribeiro**, R. A do Falcão, 3-A (T. 993912).

REFORÇO — Alameda D. Afonso Henriques: Esperança, R. Carlos Mardel, 101-B (T. 882968); **ALCÂNTARA: Bairrão**, R. Prior do Crato, 27 (T. 6132113); **ANJOS - AO CINEMA ROXY: Guerra**, R. Andrade, 32-36; **AVENIDA DE ROMA -BAIRRO DE SÃO MIGUEL: São Miguel**, P. Francisco Morais, 1 (T. 771469); **BAIXA: Morão**, R. da Assunção, 17-19 (T. 878269); **CHELAS: Almeida Vaz**, R. Luís Cristino Silva, lote 248, loja 92, zona n.º 2, R. Pardal Monteiro; **ENCOSTA DO RESTELO -ESCOLA PAULA VICENTE: Belém**, R. Tristão Vaz, 10-A (T. 612248); **ENCARNAÇÃO: Zira**, P. das Casas Novas, lote 66; **ESTADOS UNIDOS: Gasparinho**, R. Dr. Gama Barros, 54-A (T. 890465); **LAPA: Central da Lapa**, R. dos Navegantes, 10 (T. 661734); **LUZ - 2.ª CIRCULAR: J. Ribeiro**, E. da Luz, 199-A (T. 720969); **SÃO SEBASTIÃO: Sagres**, Av. Luís Bivar, 69-71 (T. 547213); **BURACA - AMADORA: Vaz Martins**, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO: Nova**, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO: Matos**, T. das Prioras (T. 2519939).

Outra Banda — ALMADA — Magalhães — R. Capitão Leitão, 8-B (Tel. 2750242). Perm. **COVA DA PIEDADE — Cerqueira** — L. 5 de Outubro, 18 (Tel. 2750254). Perm. **MONTE DE CAPARICA: Guerreiro**, lote 31, IJ, Moinho (T. 2950727). Até às 19 horas; **COSTA DE CAPARICA: Higiénica**, Av. da República, 23 (T. 2400020). Até às 19 horas; **LARANJEIRO: Oliveira Sérgio**, R. dos Álamos, 2-A (T. 2296464). Até às 22 horas; **SESIMBRA: Lopes**, R. Cândido dos Reis, 21 (T. 2233028). Até às 19 horas; **LAVRADIO: Parreira**, R. D. Silva Cristino, 15-A (T. 2042016). Até às 19 horas; **BARREIRO: Avenida**, Av. Alfredo da Silva, 88 (T. 2073212). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA: Cardoso**, Av. da Liberdade, 59 (T. 2041044). Até às 19 horas; **CORROIOS: Abreu Cardoso**, B. Cidade de Setúbal, 1-B (T. 2291192). Até às 19 horas; **CRUZ DE PAU: Fonseca**, R. do Ribatejo, 2-A (T. 2211131). Até às 22 horas; **SEIXAL: Godinho**, L. da Igreja, 51 (T. 2213580). Até às 22 horas; **MONTIJO: Giraldes**, R. Almirante Reis, 45 (T. 2310008). Até às 22 horas; **MOITA: União Moitense**, Av. Dr. Teófilo Braga (T. 239025). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS: Portugal**, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 2040250). Até às 19 horas; **ALCOCHETE: Nunes**, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 234137). Até às 19 horas; **SETÚBAL: Moreira Martins**, P. Olga Sarmento, 14 (T. 26051). Permanente; **Brasil**, P. do Brasil, 15 (T. 24788). Permanente; **Costa**, R. da Misericórdia, 48 (T. 22760). Até às 22 horas.

Linha de Cascais — ALGÉS: Branco, Av. dos Combatentes da Grande Guerra, 29 (T. 2104953). Permanente; **LINDA-A-VELHA: Moderna**, Av. 25 de Abril, 30-C (T. 4191235). Até às 19 horas; **TIRES: Guimarães**, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHE: Carvalho**, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas); **PAÇO DE ARCOS: Godinho**, Av. Patrão Lopes, 30 (T. 2432039). Permanente; **OEIRAS: Central**, R. Conde Ferreira, 29 (T. 2432058). Até às 22 horas; **CARCAVELOS: Vilar**, Av. Maria da Conceição, lote B (T. 2470777). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, R. Afonso de Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). Até às 22 horas; **PAREDE: Mendes Junqueiro**, R. de Luanda, lote 5 (T. 2477838). Permanente; **SASSOEIROS: Amaral Semblano**, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE: Inani**, lote 7-B, Hera (T. 2852121); **MADORNA: Madeira**, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes**, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **MONTE ESTORIL: Suíça**, Cruzeiro (T. 260087). Até às 22 horas; **CASCAIS: Cascais**, R. Conde de Monte Real, Bairro das Caixas (T. 282407). Permanente.

Linha de Sintra — AMADORA: Melo, P. D. João I, 9-B (T. 4932756). Permanente; **Central**, Av. Cardoso Lopes, 25-A (T. 4932210). Até às 22 horas; **DAMAIA: Damaia**, P. Alexandre de Gusmão, 9-A (T. 970523). Até às 22 horas; **QUELUZ: Queluz**, Av. Miguel Bombarda, 123-A (T. 965849). Até às 22 horas; **CAMARATE: Mendonça**, L. 25 de Abril, 135-C (T. 2573158). Até às 19 horas; **CACÉM: Rodrigues Garcia**, Av. dos Bons Amigos, lote 5-D (T. 9243693). Permanente; **MEM MARTINS: Química**, E. de Mem Martins, 285 (T. 9210012). Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RINCHOA: Cargaleiro Lourenço**, C. da Rinchoa, 38 (T. 9262006). Até às 22 horas; **SINTRA: Misericórdia**, Pendoa, 17 (T. 9231070). Permanente; **COLARES: Abreja** (T. 9290088).

Outras Farmácias — MOSCAVIDE: Império, R. 1.º de Maio, 48-A (T. 2513234). Até às 22 horas; **SACAVÉM: Cortes**, Av. Maria Luísa Braancamp, 2-A (T. 2519420). Permanente; **LOURES: Saraiva**, Av. da República, 86 (T. 9830027). Até às 22 horas.

Coimbra — ESTÁDIO, R. do Brasil, 348, r/c, ao Calhabé (T. 712710); **RODRIGUES DA SILVA**, R. Ferreira Borges, 32 (T. 24348); **OLIVAIS**, R. Bernardo de Albuquerque, 159 (T. 712904).

DL TEATROS

Casa da Comédia

R. Francisco de Borja, 24 — Tel. 60 72 99

De 5.ª a sábado às 21.45
Domingos às 16.00

«**QUASE POR ACASO UMA MULHER**», de Dario Fo. Encenação de Castro Guedes. Interpretado por António Cruz, Elisa de Guisett, Fernanda Alves, Júlia Correia, Juvenal Garcês e Rogério de Sousa.

Teatro Nacional D. Maria II

Rossio — Tel. 37 22 46

De 3.ª a sábado, às 21.45; sábado e domingo, às 16.30.

«**E o GODOT SEMPRE CHEGOU**», de Alexander Pastor. Encenação de Armando Cortez. Intérpretes: Hermínia Tojal, Álvaro Faria, Carlos Martins, Andrade e Silva e Carla Cristina.

Setúbal — Teatro de Bolso

Rua Dr. Aníbal Alvares da Silva, 9 — Tel. 26078

De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 16.30

«**JOGO DE LOUCOS**», de Michel Viala. Encenação: Domingos Semedo. **TAS**.

Teatro Nacional D. Maria II

Rossio — Tel. 37 22 46
Sala Garrett

De terça a sábado, às 21.30; sábados, às 16.00

«**D. JOÃO**», de Molière. Encenação de Jean-Marie Villégier. Interpretado por António Rama, Barroso Lopes, Carlos Daniel, Carlos Pimenta, Henriqueta Maya, Ignor Sampaio, Lícia Maria, Mário Pereira, Ruy de Carvalho, São José Lapa, António Banha, etc.

Teatro da Graça

T. de São Vicente, 11 — Tel. 87 56 26
De 3.ª a sábado, às 21.00; domingos só às 16.00

«**BEM-VINDO SR. SLOANE**», de Joe Orton. Encenação de Carlos Fernando. Cenografia de Dalton Salen Asseff. Intérpretes: Antonio Montez, Carlos Fernando, Filipe Domingues e Maria José.

Teatro Villaret

Av. Fontes P. de Melo — Tel. 53 85 86

De terça a domingo, às 21.30; domingos, às 16.00

«**POUCO BARULHO**», de Michael Frayn. Encenação e direcção de Varela Silva. Com Nicolau Breyner, Manuela Maria, Morais e Castro, Guida Maria, Victor de Sousa, Rosa do Canto, Isabel Maria, Jorge Nery e Henrique Santos.

A Barraca

R. Alexandre Herculano, 70 — Tel. 68 63 00

Sábados e domingos às 16.00

«**AS VIAGENS DO FERRO-VELHO**», de Álvaro Faria. Grupo Pequeno Teatro.

Teatro Ibérico

R. de Xabregas, 54 — Tel. 382531

De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 17.00

«**BODAS DE SANGUE**», de Lorca. Encenação de Blanco Gil.

Instituto Franco-português

Av. Luís Bivar, 91 — Tel. 54 43 89

Todas as noites, às 21.30

«**UNE PUCELLE POR UN GORILLE**», de Fernando Arrabal, pelos alunos do Liceu Francês.

Grupo de Teatro Maizum

R. Poiais de S. Bento, 75
(Casa dos Tabuenses) Tel. 60 18 66

De 4.ª-feira a sábado, às 21.45

TUTANKAMON E A SUA RAINHA, de Adolfo Gutkin. Encenação de Adolfo Gutkin e cenografia de Ana Vieira. Intérpretes: Silvina Pereira e Carlos Paula Vasconcelos.

Teatro Variedades

Parque Mayer — Tel. 32 06 37

De terça a domingo às 21.45; domingos, também às 16.00.

«**O CORONEL EM DOIS ACTOS**». Adaptação de F. Nicholson. Encenação de Varela Silva. Interpretação: Alina Vaz, António Feio, Camilo de Oliveira, Dulce Guimarães, F. Nicholson e P. Marcelo.

Teatro Vasco Santana

Entrecampos — Feira Popular
— Tel. 76 86 90

Teatro Estúdio de Lisboa

De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 16.00

«**CESARIO QUÊ?**» Texto e encenação de Luzia Maria Martins. Cenografia de Fernando Filipe. Intérpretes: Fernanda Montemor, Carlos Santos, Clara Joana, Helena Félix, Luísa Ortigoso, Fernanda Coimbra, José Brás, Vítor Hugo, Manuel Mendonça e Pedro Paiva.

Comuna

P. de Espanha — Tel. 726 08 18

De 5.ª a sábado, às 21.45; domingos, às 16.00

«**CALÍGULA**», de Albert Camus. Encenação de João Mota. Intérpretes: Almeno Gonçalves, Abel Neves, António Melo, Alfredo Brissos, Carlos Paulo, Cecília de Sousa, Isabel Medina e João Mota, entre outros.

Sala Nova

De 3.ª a sábado, às 21.30; domingo às 17.00

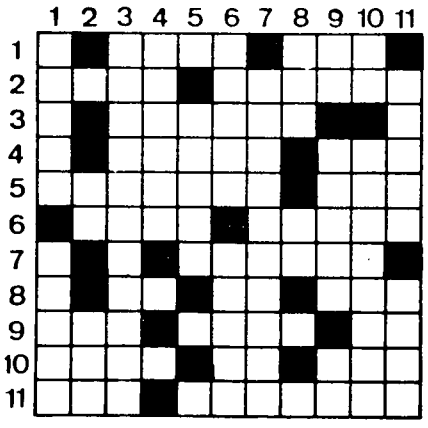
«**CALÍGULA**», de Albert Camus. Encenação de João Mota. Intérpretes: Almeno Gonçalves, Abel Neves, António Melo, Alfredo Brissos, Carlos Paulo, Cecília de Sousa, Isabel Medina e João Mota, entre outros.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º

HORIZONTAIS:

1 Artigo definido. Fértil. Recusa.
2 Futeis. Lebres (prov. alent).
3 Trigueiro.
4 Aplana. Marisco de Cabo Verde e do Senegal.
5 Enfeitaram. O mesmo que três.
6 Mil novecentos e um em romano. Naipe das cartas de jogar.
7 Dão entrada (os barcos).
8 Cento e um em romano (inv). Preposição e artigo (inv). Um cento.
9 Contemplar. Angra. Pronome pessoal.
10 Aniversário. Batráquio. Catálogo.
11 Sadias. Receasse.



VERTICAIS:

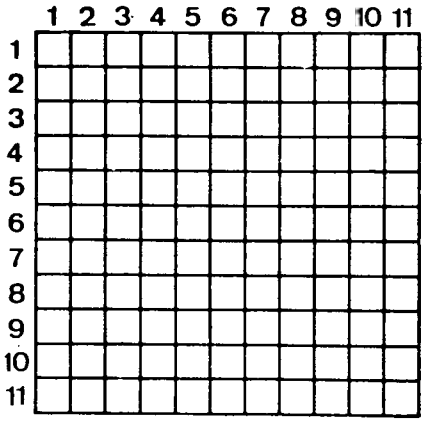
1 Admoestração. Tempo do verbo dever.
2 Artigo definido. Antiga unidade monetária da Alemanha. Eia!
3 Colecção de romances.
4 Sepearam de.
5 Escarneceria.
6 Pançuda. Indigente.
7 Apaixonaram.
8 Recusa. Satélite de Júpiter.
9 Antigo Testamento. Missiva (inv). Césio (s.q).
10 Preposição e artigo (inv). Obrigas-te a.
11 Transpirais. Introduz.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º

HORIZONTAIS:

1 Melancólico (Bras). Título principesco turco-mongol.
2 Nome de planeta. Derrota (pop).
3 Nnome de mulher. Cabana que os esquimós constroem com blocos de neve ou de gelo.
4 Crómio (s.q). Costurei.
5 Íntimo. Medicamento.
6 O mesmo que corso. Divindade do amor, entre os gregos.
7 Levas à toa. Ondas curtas.
8 Parafusaram. O lado do vento.
9 Agora. Estimar.
10 Escorregar suavemente. Oferece.
11 A Tailândia. Arrabalde.



VERTICAIS:

1 Punir com pena de morte.
2 Boi selvagem. Agente (pl).
3 Bafientos. Nota musical.
4 Reunir. Alforge.
5 Rate. Cidade da Argentina.
6 Cerio (s.q). Cabo da Bretanha na extremidade da Cornualha, em frente à ilha de Sein.
7 Letra grega. Viração.
8 Palavra alemã, que significa imperador. Oportunidade.
9 Salutar.
10 Árvore com cuja casca se aromatiza o vinho. Separado de outro.
11 Indivisível. Enrubescer.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º **16 704**

HORIZONTAIS:

1 CADA. MACACO.
2 Arles. Toros.
3 Me. Recorras.
4 Bicou. Rau.
5 Amomo.
6 Alma. Me. Ara.
7 Ivã. Gand.
8 Air. Artelho.
9 Aal. Ar. És.
10 Na. Charadas.
11 Outão. Ama.

VERTICAIS:

1 Cambraia. NO.
2 Arei. LVI. Au.
3 DL. Câmara.
4 Aero. Aca.
5 SEU. GALHO.
6 Amar.
7 Atormentara.
8 Corão. Deram.
9 Arruma. Dá.
10 Coa. Or. Heá.
11 Osso. Acossa.

PROVÉRBIO: Cada macaco no seu galho.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º **14 541**

HORIZONTAIS:

1 Haakon. Bica.
2 Apó. Comida.
3 Dás. Amarara.
4 Er. Ase. Adem.
5 Sá. Coam. Eia!
6 Tio. Vãs. Ri.
7 Morrias. Dos.
8 Sade. Tre.
9 Cada. Cravas.
10 Sovaco. Elo.
11 Saris. Rol.

VERTICAIS:

1 Hades.
2 Aparatosas.
3 Aos. Irados.
4 Acordava.
5 Ocaso. Ie. Ar.
6 Nomeava. CCI.
7 Má. Mastros.
8 Birá. Ra.
9 Idade. Dever.
10 Careiro. Aló.
11 Amais. Sol.

Rádio

Antena Um

16.00: A gaita dos sete foles; **17.15**: Musicomania; **19.00**: Informação e música; **20.00**: Música portuguesa; **20.15**: No estúdio e no estádio; **20.30**: A voz da solidariedade; **21.00**: Movimento; **21.30**: Imaginário; **23.30**: Último jornal. Noticiários de hora a hora.

Programa 2

16.00: Música do século XX; **16.30**: Alguns trechos, da ópera «Carmen» de Bizet; **17.00**: Integrais; **17.27**: Sonata, n.º 3, em dó menor, op. 45, de Grieg; **18.00**: Quarteto, n.º 6, em fá maior, op. 96, «Americano», de Dvorak; **18.40**: «Apocalipse de João», de Pierre Henri; **20.40**: Música orquestral; **21.00**: Musica de câmara; **21.55**: Música portuguesa; **22.30**: Canções, de Grieg; **23.00**: Intercâmbio musical; **01.00**: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média (283, 290 e 397m)

15.00: Hora a hora; **17.00**: A feira mágica; **19.15**: Musical; **20.00**: Conta-corrente; **21.00**: Discos pedidos; 22.00: Portugal e a CEE; **22.15**: Religiosos; **22.30**: Tempo de desporto; **23.00**: Vigésima quarta hora. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: A casa da música; **16.00**: O som da frente; **17.00**: Rock em stock; **18.00**: Cítculo em FM; **19.00**: Em órbita; **20.00**: Nova geração; **21.00**: Jazzofone; **22.00**: As mil e uma noites. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
Onda Média

15.00: Ré maior; **18.00**: Quiosque; **18.30**: Transmissão do terço; **19.30**: Quando o telefone toca; **20.00**: Conversa de amigos; **21.00**: Encontro; **22.00**: Clube dos coleccionadores; **22.30**: Diário do desporto; **23.00**: Uma casa portuguesa; **23.55**: Meditando.

Onda Média Regional-Voz do Minho, Voz do Porto e Voz do Alentejo

15.00: As boas tardes da Renascença; **18.00**: Noticiário regional; **18.30**: Ligação à rede nacional.

Voz de Lisboa

15.00: As boas tardes da Renascença; **18.00**: Jornal da região de Lisboa; **18.30**: Transmissão do terço; **19.30**: Sete colinas; **20.00**: Ligação à rede nacional.

FM-Estéreo

13.00: Cem mais; **19.30**: Transmissão do terço; **20.00**: Serra de estrelas; **22.00**: Oceano Pacífico; **23.55**: Boa noite. Noticiários a todas as horas.

TELEVISÃO

RTP/1

18.00 — Sumário

18.07 — Tempo dos Mais Novos

A emissão de hoje é preenchida com mais um episódio das séries «A Arca de Noé» e «O Urso Teddy».

18.45 — País, País

19.15 — Trânsito

19.55 — O Livro Grande de Petete

20.00 — Telejornal

20.10 — Boletim Meteorológico

20.40 — Corpo a Corpo

(Episódio 26)

Amauri diz a Lúcia que ainda a ama e pede-lhe que fique com ele pelo menos naquela noite. Lúcia acaba cedendo e desiste de sair com William para ficar com Amauri. Rafael conta a Bia tudo sobre o seu noivado mas diz que está apaixonado por uma garota, sem revelar que é ela propria. Sonia e Jurema decidem ir morar num quarto em casa de Zoraide, com Laurinha. Amauri diz a Lúcia que ficou rico, inventando um novo tipo de computador para a fábrica onde trabalha. Diz que isto é segredo, pois a fábrica fechou por causa de seu computador e ninguém pode saber que ele é o culpado. Cláudio candidata-se para sócio do clube de executivos. Lúcia vai procurar o chefe de Amauri.

21.25 — Actual

Uma entrevista com o vencedor do Congresso do CDS. Em foco irá estar a actualidade política.

22.25 — Estranhos Poderes de Arthur C. Clark

Este programa trata de telepatia e da capacidade que certas pessoas têm de apreender o pensamento de outros.

22.55 — 24 Horas

23.20 — Remate

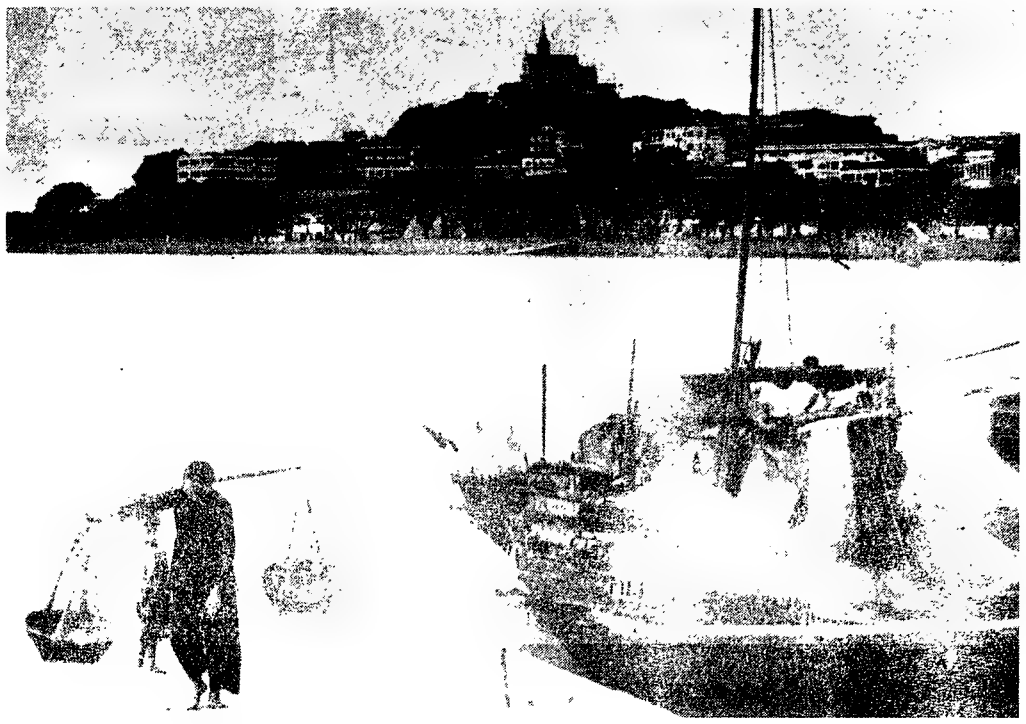
RTP 2

19.30 — Notícias

19.37 — Desenhos Animados

«As Vidas Secretas de Waldo Kitty»

20.00 — Videopolis



Mais um programa de «Falar de Macau»

20.35 — Falar de Macau

«Tancareiro»: O Tancar é uma pequena embarcação que carrega mercadorias ou passageiros. A T.D.M. de Macau faz-nos a sua apresentação e do Tancareiro; o homem e a mulher que o conduz.

21.15 — Sessão das Nove

«O Amor Impossível»: David Martinaud é solteiro, contabilista na província. Uma vizinha apaixona-se por ele, mas apercebe-se de que David está irremediavelmente apaixonado por uma mulher casada.

Um belo filme que não teve o êxito merecido. É o resultado deste reencontro de Gérard Depardieu com Mio-Miou (com quem se estreara no cinema, em «Les Valseuses») e a sua primeira colaboração com o realizador Claude Miller. Mais uma vez, um grande papel trágico para o actor (depois de «A Última Mulher»). E o êxito que continua a fugir-lhe. Superiormente dirigido por Claude Miller, Depardieu é bem ele no papel desmedido de um apaixonado capaz de, por amor, chegar ao crime. Um filme discreto e cheio de sedução, uma proposta na linha do excelente cinema francês actual e um par de actores soberbos, que dentro em pouco tempo obteriam a consagração merecida.

Título Original: Dites-Lui que Je L'Aime; realizador: Claude Miller; intérpretes: Gérard Depardieu, Miou-Miou, Claude Piéplu, Dominique Laffin; duração: 103 minutos; ano de estreia: 1977; género: dramático; fotografia: cor; origem: França.

23.05 — Últimas Notícias

«Estranhas Poderes de Arthur C. Clark» na RTP 1

Mais um episódio da telenovela «Corpo a Corpo»

AMANHÃ

RTP 1

11.00 — Onde Fica Isto?
11.30 — Espaço 11/13
12.45 — Vereda Tropical

(8.º Episódio) Silvana telefona a Marco e combina a sua ida para S. Paulo. Gabi surpreende Alfredo e Oliva demonstrando que sabe accionar um pára-quedas. Jonas conta a Bertazzo o mau acolhimento que os irmãos fizeram a Bina. Barbara e Catarina encontram-se no cabeleireiro e conversam sobre o regresso de Verónica.

Rita aplica um golpe de judo em Vasco durante um encontro num bar. Silvana reage desfavoravelmente quando ouve Bina dizer a Marco que a amiga dele não pode continuar na cantina.

13.15 — Jornal da Tarde
13.35 — Ciclo Preparatório TV
18.00 — Sumário
18.07 — Tempo dos Mais Novos
18.45 — País, País
19.15 — Telemundo
19.55 — O Livro Grande de Petete
20.00 — Telejornal
20.30 — Boletim Meteorológico
20.35 — Direito de Antena
20.36 — Vamos Jogar no Totobola
20.40 — Corpo a Corpo
21.30 — Noite de Cinema — «Detectives a Cem à Hora»
23.15 — 24 Horas
23.40 — Remate

RTP 2

19.30 — Notícias
19.37 — Desenhos Animados
20.00 — Pare, Escute e Olhe
20.30 — O Mundo do Barroco
21.25 — Notícias
21.30 — Foi Êxito na TV
22.30 — Últimas Notícias

CLÍNICA DE TELEVISÃO A CORES SOS
A MELHOR ASSISTÊNCIA AO SEU TELEVISOR E VÍDEO
GARANTIMOS RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
ESTAÇÃO DE SERVIÇO PERMANENTE
T. 88 27 86 - 89 98 26
Av. S. João de Deus, 13 B e R. de Macau, 8-1.º LISBOA

MELO INFORMÁTICA
MICROCOMPUTADORES
CAMPANHA DA PÁSCOA
ÚLTIMA OPORTUNIDADE
ATÉ 6 MENSALIDADES
S/ ENCARGOS
JOSÉ DE MELO & SILVA, LDA.
Escritório: R. Bernardim Ribeiro, 15 – cave/dt.º
Loja Zodíaco: R. Conde Redondo, 5 Loja C
Loja Melo: R. Gonçalves Crespo, 18-C (Clube Vídeo)
Tel. Zodíaco: 54 99 04 – Tel. Melo: 52 56 69 – 1100 LISBOA
Demonstrações 3.as e 5.as das 18 às 20 horas

GRUNDIG a segurança de um grande nome
seleccionou para si...
RTP/1
21.25 — Actual
RTP 2
20.00 — Videopolis

Assistência Técnica Grundig
NACIONAL RÁDIO
Rua Bento Jesus Caraça, 17 – Cruz Quebrada – Telef. 4197570

PORTE PAGO

DL

Propriedade, Composição e Impressão: RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos: R. DA LUZ SORIANO, 44 — 1200 LISBOA
TELEFONES 32 11 51 5 - 32 02 71 2 3 Publicidade 32 05 71 2 3
Serviço Nocturno (depois das 21) Porteiro 32 11 51 Redacção 32 05 71 2 3
Endereço Telegráfico DIBOA Telex 12 383 DIBOA P
Distribuição INTERPRESS Rua do Norte 115 1 — 1200 LISBOA
TELEFONES 32 21 00 32 22 61 32 07 84
Preço do "DL" na Madeira 50$00
DEPÓSITO LEGAL: 1426/82

Fundador Joaquim Manso Director A. Ruella Ramos Director adjunto Fernando Piteira Santos

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
06.24 **3,20 m**	11.57 **1,70 m**
18.38 **3,20 m**	
Dia 16	
07.15 **3,00 m**	00.32 **1,70 m**
19.34 **3,10 m**	12.48 **1,90 m**

TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 HORAS:

BRAGANÇA	5°
VIANA DO CASTELO	10°
VILA REAL	6°
PORTO	10°
COIMBRA	8°
CABO CARVOEIRO	12°
CASTELO BRANCO	6°
PORTALEGRE	4°
LISBOA	9°
ÉVORA	6°
BEJA	5°
FARO	8°
SAGRES	12°
PONTA DELGADA	9°
FUNCHAL	14°

Enquanto os EUA apelam ao derrube de Kadhafy

Oposição anuncia "rebelião" nas fileiras do Exército líbio

Uma rebelião estalou nas fileiras do exército líbio contra Kadhafy e há tiroteiro nas ruas de Tripoli, afirmou hoje no Cairo um líder da oposição ao regime líbio.

Addeljalim Bakushum, antigo primeiro-ministro líbio exilado no Egipto, citou como fontes da sua informação o grupo de oposição «Organização de Libertação da Líbia», que lidera.

Bakushum disse à agência DPA que «há intranquilidade no exército. Estalou uma rebelião, os soldados disparam contra soldados».

«Este foi o começo do fim de Kadhafy» — disse, acrescentando esperar em breve poder regressar à Líbia.

Segundo o líder da oposição líbia, Moamar Kadhafy não se encontrava no quartel-general quando este foi bombardeado pela aviação norte-americana.

O antigo primeiro-ministro líbio saudou a acção dos Estados Unidos e apelou a todos os países para que não condenem o ataque desencadeado por Washington.

«Todas as acções, mesmo uma militar, não são contra o povo líbio mas contra o sangrento e tirânico regime líbio. O povo líbio considera esta acção militar como uma ajuda que apoia os nossos esforços para derrubar o regime» — indicou ainda Bakushum.

Apelo dos EUA

Os Estados Unidos exortaram hoje o povo líbio a derrubar Muammar Kadhafy ou a aceitar as consequências de viver com ele no poder.

O apelo surgiu numa «mensagem do governo dos Estados Unidos ao povo líbio» lido no serviço para o Médio Oriente da «Voz da América», pelo director em exercício Richard Carlson. A emissão foi captada no Cairo.

«O povo dos Estados Unidos apoia a Líbia e o seu povo sem inimizade, sem ódio», disse Carlson. «Desejamos uma vida de paz e harmonia. Desejamos manter convosco relações amistosas e construtivas».

«Contudo, o coronel Kadhafy é vosso chefe de Estado. Enquanto os líbios obedecerem às suas ordens, terão também de aceitar as consequências. O coronel Kadhafy é o vosso pesado fardo. O povo líbio é responsável pelo coronel Kadhafy e pelas suas consequências».

«Se permitirem que o coronel Kadhafy continue com o actual conflito então têm de partilhar alguma responsabilidade colectiva pelas suas acções» acrescentou Carlson.

MDP/CDE: ataque dos EUA é agressão premeditada

O MDP/CDE tornou esta manhã pública a sua posição sobre o ataque dos Estados Unidos à Líbia num comunicado cujo teor é o seguinte: «Para o MDP/CDE o ataque dos Estados Unidos à Líbia constitui um acto premeditado de agressão a um Estado soberano, viola os mais fundamentais princípios do Direito Internacional e de relacionamento entre os povos, ofende o princípio de solução política dos conflitos e põe gravemente em causa a paz e a segurança da parte sul da Europa e do mundo. O MDP/CDE entende que não há terrorismos específicos e condena-os todos, incluindo o terrorismo de Estado».

Posições de condenação do ataque à Líbia

O Conselho Português para a Paz e Cooperação, o Partido Socialista e o partido de «Os Verdes» condenaram hoje o ataque norte-americano à Líbia. O CPPC apela a todas as forças democráticas e da paz em Portugal para se manifestarem contra a agressão americana, enquanto Raul Junqueiro, do PS, considerou que é um «tipo de actuação perigoso para a paz» e «Os Verdes» «um acto criminoso».

/D/E/C/A/R/A/S/

JOSÉ AFONSO vai ser alvo de uma homenagem, com uma festa no Coliseu dos Recreios no próximo dia 7 de Maio, por iniciativa dos grupos culturais e desportivos dos Bancos, que comemoram 11 anos de nacionalização e também da Federação Nacional dos Professores, que comemora três anos de existência. Entre os participantes, nomes como José Fanha e Janita Salomé, José Mário Branco e Maria do Céu Guerra, Pedro Osório e Vitorino, Grupo de Fados de Coimbra, Bando da Planície, Grupos Corais da Banca, etc.

BRIGITTE BARDOT e Catherine Deneuve, uma ex-mulher e outra ex-companheira do cineasta Roger Vadin, consideram que este «explorou a sua celebridade com uma finalidade unicamente mercantilista», ao escrever o seu livro de memórias. O protesto é acompanhado de um pedido de indemnização de cerca de 200 mil francos, mais ou menos 4200 contos.

JORGE SEGURADO acaba de ser distinguido, pela Academia Nacional de Belas-Artes, com o Prémio Aquisição, galardão que passou a integrar, desde 1983, os antigos prémios anuais concedidos por aquela instituição e destina-se, agora, aos artistas portugueses nos domínios da arquitectura, escultura e pintura, autores de uma obra que, pela sua qualidade, seja considerada relevante no contexto da cultura nacional.

MANUEL FERNANDES, de seu nome completo Manuel José Tavares Fernandes nascido na Moita em 5 de Junho de 1951, é futebolista desde a época de 1967/68 tendo começado a sua carreira no Sarilhense ingressando seguidamente no GD CUF de onde transitou para o Sporting. Envergou por 26 vezes a camisola da selecção «A» e porque na presente temporada se tem revelado como o rematador mais certeiro do futebol português todos os críticos vêm insistindo para que José Tores o inclua no elenco para o México. Pois bem, o credenciado futebolista resolveu ignorar todo esse apoio (merecido e legítimo) e, no passado domingo, perante milhões de telespectadores, foi injusto e grosseiro na forma como respondeu à reportagem da RTP. Lamentável.

MANOEL DE OLIVEIRA vai receber da Secretaria de Estado da Cultura assistência financeira excepcional, no valor de sete mil e setecentos contos, para a realização do filme «O Meu Caso», baseado na obra homónima de José Régio. O último trabalho de Oliveira será rodado em França e exibido em duas versões, francesa e portuguesa.

DORA cantará na Noruega, em representação da RTP, uma nova versão da canção vencedora do Festival TV, «Não Sejas Mau para Mim». Segundo revelou a editora da artista, a nova versão da cantiga é assinada por Namouche Team e por Philip Love, sendo produzida em Inglaterra, em sistema digital, nos Townhouse de Londres. O «single» «Não Sejas Mau para Mim» será colocado no mercado ainda durante o mês de Abril.

Morreu Jean Genet

O escritor francês Jean Genet faleceu em Paris, informaram hoje fontes da editora Gallimard, na capital francesa. Contava 76 anos.

Genet, um dos «malditos» da literatura francesa deste século, é autor de obras marcantes como «O Diário de um Ladrão», «Nossa Senhora das Flores», «As Criadas» e «Querelle de Brest», obra em que Rainer Werner Fassbinder se inspirou.

A morte de Genet ocorreu um dia após a de outro vulto da literatura francesa, Simone de Beauvoir. (ver pág. 18).

Em finais da década de 50 e começos da seguinte, Genet foi um dos intelectuais franceses de esquerda que se pronunciaram a favor da independência da Argélia.

Constituída em Lisboa Liga dos Direitos das Mulheres

Com âmbito nacional acaba de ser constituída em Lisboa uma Liga dos Direitos das Mulheres. Iniciativa de mulheres que desde há muito se distinguiram pelo reconhecimento e defesa dos direitos das mulheres, a Liga dos Direitos das Mulheres tem como principal objectivo, «prosseguir a luta das mulheres na defesa da liberdade e igualdade, participando activamente na construção de uma Sociedade Livre e Solidária».

Integram os corpos directivos da Liga das Mulheres: Maria Antónia Palla, Maria da Conceição Castelo Branco, Rosemary Sttau Monteiro, Ana Sara de Brito, Silva Almeida (Direcção); Maria Antónia Fiadeiro (presidente da Assembleia Geral); Maria Eugénia Arnaut Gonçalves (presidente do Conselho Fiscal).

A Liga dos Direitos das Mulheres, está aberta a todas as mulheres que se identifiquem com os seus objectivos. A Liga conta já com adesões de diversos sectores ideológicos e profissionais. Está prevista a apresentação pública e à Imprensa em princípios de Maio, no decurso de uma reunião em que será divulgado o Plano de Acção.

SETE PONTO SETE

SUPLEMENTO SEMANAL DO DIÁRIO DE LISBOA. SAI ÀS TERÇAS-FEIRAS. NÃO PODE VENDER-SE SEPARADAMENTE DO RESTO DA EDIÇÃO. RESPONSÁVEL EDITORIAL: JOÃO MENDES. CORRESPONDÊNCIA: RUA LUZ SORIANO 44, 1.200 LISBOA. TELEF. 320271/320272. TELEX: 12363

Muzo

Lulu Larsen

Olivia Clavel

Ioffe

Novos grafistas franceses intervêm em Lisboa

Págs 2 e 3

Simone de Beauvoir morre em Paris

SIMONE de Beauvoir morreu ontem no hospital Cochin. Hoje completam-se cinco anos sobre a morte de Jean-Paul Sartre. Ela tinha 78 anos, e, segundo Claude Lanzmann, não conseguiu recuperar de uma operação feita o mês passado. Simone de Beauvoir, por cujos livros as universidades ainda hoje passam apenas ligeiramente impôs-se no pós-guerra como autora do **Segundo Sexo,** e o mínimo que se poderá dizer é que essa obra nunca mais deixou de a perseguir. **O segundo sexo** foi, no espaço de leitura da língua francesa e não só uma das principais «bíblias» feministas dos anos 50, mas é um trabalho dos anos onde a influência marxista acabava por «esmagar» o próprio feminismo: a doutrina prevalecente da «libertação das mulheres» era a dos parágrafos finais do texto: ela depende da «libertação da sociedade», e esta aparece sempre como condição prévia.

Simone de Beauvoir viria a corrigir esta atitude sem nunca renegar o seu trabalho anterior, e sobretudo com **«A mulher destruída»,** que opera um corte não só em relação ao **Segundo Sexo,** mas também às **Memórias de uma rapariga bem comportada.** Vinda a Portugal com Sartre em Abril de 1975, trinta anos depois de uma primeira estadia entre nós de que ela dá amargamente conta na **Força das Coisas,** proferiu afirmações militantes contra o machismo e o regime patricarcal, e disse que «construir um país novo implica construir o homem novo, implica homens transformados».

Ela não partilhara, anos antes, a militância de Sartre na «Cause du Peuple», nem o fascínio pela revolução cultural, mas não terá, então, navegado muito longe dessas águas.

À margem dos seus textos (curiosamente, a última tradução portuguesa de Simone de Beauvoir, **O sangue dos outros,** é um romance dos anos quarenta, um romance sobre o combate e a culpa do militante), ela impôs-se também, e desde os tempos da fundação da revista **Les Temps Modernes,** pelos seus pontos de vista e estilo de vida independente: terá causado certo escândalo, na altura, o facto de, assumindo-se como companheira de Sartre, preferir manter o seu próprio apartamento: a união livre não significaria nunca, para ela, «coabitação».

Depois, essa independência acentuou-se: Sartre e Simone de Beauvoir mantiveram a sua ligação até à morte do escritor, há cinco anos, mas são conhecidas as ligações amorosas de ambos com outros parceiros; no caso de Simone, tratou-se sobretudo de Nelson Algren e de Claude Lanzmann.

Com **Os Mandarins,** Simone de Beauvoir viria a ganhar o Goncourt. Outros textos importantes são **A força da idade** e **As belas imagens.**

O relativo ostracismo universitário, deve-o Simone ao facto de não ter, para além do Segundo Sexo, produzido obra teórica convencional. Ela está na origem da geração existencialista, mas assumiu mais claramente o seu lugar de ficcionista. Ela preferiu o romance quando Sartre se dedicava ao **L'être et le néant** e, mais tarde, à **Critique de la raison dialectique,** embora, também ele, como Camus, soubesse que a ficção pode exprimir e comunicar muitas das ideias que «tropeçam» nos escritos estritamente teóricos.

«Go!»

AO afirmar, esta madrugada, na sua conferência de Imprensa da sala oval da Casa Branca, que «fizemos o que tínhamos a fazer e, se for necessário, voltaremos a fazê-lo», o presidente Reagan confirmou aquilo que os seus aliados europeus conhecem já da sua experiência de relacionamento com a administração norte-americana: que, apesar da luta no plano diplomático (veja-se o périplo europeu de Vernon Walters), os EUA entendem ter a última palavra sobre as suas próprias iniciativas militares no teatro internacional.

Após os bombardeamentos desta noite, a reunião de emergência dos ministros dos Negócios Estrangeiros da CEE, realizada à última hora em Haia, e as «sanções diplomáticas limitadas» que a Comunidade decidiu aplicar à Líbia têm o sabor de uma corrida simbólica contra a vontade da Casa Branca de levar por diante uma operação militar de grande envergadura. Pires de Miranda, fazendo-se eco do que parecia prevalecer como espírito da reunião da Haia, dizia, ainda ontem, que a situação no Mediterrâneo deveria ter uma «resposta política», e que os países da CEE iam apelar aos contendores para usarem de prudência em matéria de escalada militar.

Afinal, a resposta surgiu, horas depois, nos bombardeiros norte-americanos vindos de bases em solo britânico.

Na sua primeira reacção ao ataque americano — que visou campos de treino e bases de mísseis líbios, além de objectivos em Tripoli, entre os quais a própria residência do coronel Kadhaffi —, o dirigente líbio disse que «agora sim, pela primeira vez, vamos proceder como loucos», no que parece ser uma confirmação da operacionalidade das «brigadas suicidas» prontas a actuar contra objectivos americanos, «mesmo no território dos EUA».

Kadhaffi pode aparecer à nação árabe como bode expitório, e é admissível que consiga gestos de solidariedade que até aqui não podia esperar. Mas, em termos de política de blocos, Moscovo deixou-o cair, há dias, através de uma gélida declaração de um porta-voz oficial do Kremlin. Nessa declaração, a URSS sublinha que «o que o coronel Kadhaffi diz nem sempre corresponde à realidade; ele tem de ser deixado com as suas próprias afirmações e com o que a Imprensa ocidental dele diz».

A TASS, esta madrugada, noticiou no menor número de palavras possível os bombardeamentos americnaos na Líbia. Resta agora saber se as declarações do porta-voz do Kremlin visavam «expulsar» o conflito no Mediterrâneo do quadro, extenso e complexo, dos conflitos Leste-Oeste, ou se Moscovo vai assumir nova posição face à nação árabe, depois dos bombardeamentos desta noite. Para muitos observadores, acentua-se a ideia, um tanto aproximativa, de que a terceira guerra mundial já começou, traduzindo-se, exactamente, na multiplicação de conflitos locais que são, afinal, e sobretudo, a potenciação da vasta política de blocos.

Sete Ponto Sete

Humor, sexo e raiva de Paris

«Visitem a exposição antes que eles se acalmem», diz, de modo sério, o folheto do BD Boom. Mas o facto é que eles trabalham há mais de dez anos, e ainda não «acalmaram». A contracultura dos anos 70 procura sobreviver nos novos ***media*** *da segunda metade dos anos 80...*

Para além as roupas de Jean-Charles Castelbajac no Palácio Foz e do interesse museológico da exposição **A arquitectura na banda desenhada**, vinda de **Angoulême 84** para o C.A.M. da Gulbenkian, a intervenção mais interessante do **BD Boom** foi, até agora, a de Olivia Clavel, Lulu Larsen, Toffe e Placid, quatro «novos gráficos» vindos a Lisboa para pintar — disciplinadamente — na estação do Metro dos Restauradores.

Esta semana estarão em Lisboa Bilal (**Partie de Chasse, Los Angeles, Falanges da Ordem Negra** — publicado pelo «DL»), Christin (argumentistas de **Valerian,** entre outros) e Moliterni, analista e organizador da exposição **a BD dos anos 80,** do Palácio Foz.

De onde vêm os «novos gráficos» franceses, de que nos fica a intervenção no Metro e a exposição do Instituto Franco-Português? Para apanharmos a meada por um fio, diremos que vêm de «Bazooka», um grupo criado em 1974 e fundador de uma revista do mesmo nome. Olivia Clavel, hoje com 30 anos, é exactamente uma sobrevivente desse grupo. Em 1977, «Bazooka» intervém graficamente no diário **Libération,** para tentar, consentidamente, desviar e perverter a maqueta e a expressão gráfica do jornal. Eles são, então, além de Olivia, Kiki e Lulu Picasso, Bernard Vidal, Lulu Larsen. Desenham para as páginas de pequenos anúncios, redesenham e «desviam» fotos de actualidade para acentuarem, a marcador, a pincel e a lápis, a sua violência, a sua sexualidade, o seu carácter espectacular. Um ano depois, o «flirt» acaba em crise: Serge July acusa-os de tentarem implantar uma «ditadura gráfica» no jornal e propõe-lhes um compromisso que eles aceitam: a publicação, a meias, de um «magazine de actualidades», **Le Regard Moderne,** de que sairão 6 números.

Um outro fio que leva à meada: eles vêm na senda da **Internacional Situacionista**, que, nos anos 60, utilizava bandas desenhadas clássicas para produzir, em balões «desviados», a sua ideologia. Vêm também da iconografia maoísta da revolução cultural. Vêm também do desvio da publicidade no Metro de Paris, que toda a a gente praticava nos anos 70, bem humorada, «porno» e ainda um pouco «enragée». Mas se pensarmos que antes dos situacionistas havia **Les Lèvres Nues** e o seu utopismo poético, e que a «escrita latrinária» (da parte interior das casas de banho públicas) atravessou todas as guerras sociais — a que estes «novos grafistas» se mantêm sensíveis — os fios da entrada na meada complicam-se. Tanto mais, quanto é verdade que alguns deles também influenciaram decisivamente a publicidade francesa dos últimos anos (embora, enquanto grupo, ela os rejeite as mais das vezes), e que a nova «escrita» e o novo grafismo dos computadores, e dos novos **media** em geral, também os interessam.

Vêm, igualmente, de uma «cultura de banda desenhada» que nasce com as revistas **underground** dos anos 60 e passa a intervir institucionalmente com o Maio de 68: Wolinski e Willem são apenas, neste itinerário, momentos de passagem; começaram em **Charlie,** mas acabaram no **Nouvel Obs** ou em **J.-J. Pauvert...** Os balões ideológicos ambíguos, a crítica do quotidiano, o sexo «milleriano» como parte da guerra social, a violência mas, sobretudo, uma fixação e um investimento permanente na «imagem impressa» são talvez, os seus laços e traços de união.

Pierre Ponant, quadro de relações exteriores do Centre National des Arts Plastiques e comissário da exposição do Instituto Franco-Português, reconhece, um pouco comprometido, que eles vieram a Lisboa «ainda ao abrigo de um orçamento aprovado para 86 por Jack Lang». É incerto o que se passará no futuro, em matéria de «cobertura institucional» do Estado para as aventuras dos novos grafistas. Foi ele que nos apresentou **Au Sec,** uma «graphzine» de Toffe e Gerbaud: é uma das publicações periódicas através das quais se dá a conhecer o trabalho destes artistas.

Já este ano, Ponant apresentou em Berlim-Leste uma exposiçao de Caro, Olivia Clavel, Pascal Doury e Bruno Richard (que formam o grupo «Elles sont de sortie»), Gherbaud, Jocelin, Lagautrière, Lulu Larsen, Cathy Millet, Placid e Muzo, TI 5 Dur, Toffe, Jacques Elie e Camille (que formam o grupo «Toi et moi pour toujours») e Frédéric Voisin. «Foi um sucesso inacreditável — diz ele. — Para além da inevitável «intelligentzia», houve milhares de pessoas a visitar a exposição».

Cada vez menos BD

É um pouco contraditório incluir uma mostra destes novos grafistas no BD Boom: eles reconhecem-se cada vez menos na banda desenhada, apesar de alguns deles (nomeadamente Olivia Clavel) terem publicado na **Métal Hurlant** ou nos **Humanóides Associés.** Clavel tem aliás um «herói» com que ainda hoje se identifica, **Télé,** ao ponto de assinar os seus trabalhos Olivia Télé Clavel. Mas eles consideram que a banda desenhada acaba sempre por se comercializar, e que já não há editores que façam prospecção e arrisquem **de facto,** como fazia há uma dúzia de anos a **Futuropolis.** Na realidade, eles mexem em diferentes **media** e não têm um campo próprio de intervenção: projectos de escrita, laboratórios de imagens, os seus trabalhos, os efémeros como os impressos, são sobretudo «impertinentes» como foram, nos anos 20, os trabalhos de Dada; do cinema, da BD, da Imprensa, da pintura, vêm contra eles olhares de desconfiança; eles são «des touche-à-tout» mal criados e incómodos, que se tende a excluir do mercado da arte, quer ele viva nas galerias, nas salas de cinema ou nos jornais e revistas.

No entanto, ninguém consegue dar-se ao luxo de os ignorar: quer quando mexem em computadores, telex ou vídeo, quer quando metem o nariz no design, na moda ou na publicidade, o seu trabalho **influi** e **marca.**

Agora, aproveitando o orçamento de Jack Lang, a exposição seguirá de Lisboa para Zagreb (Jugoslávia), Nápoles, Nova Iorque.

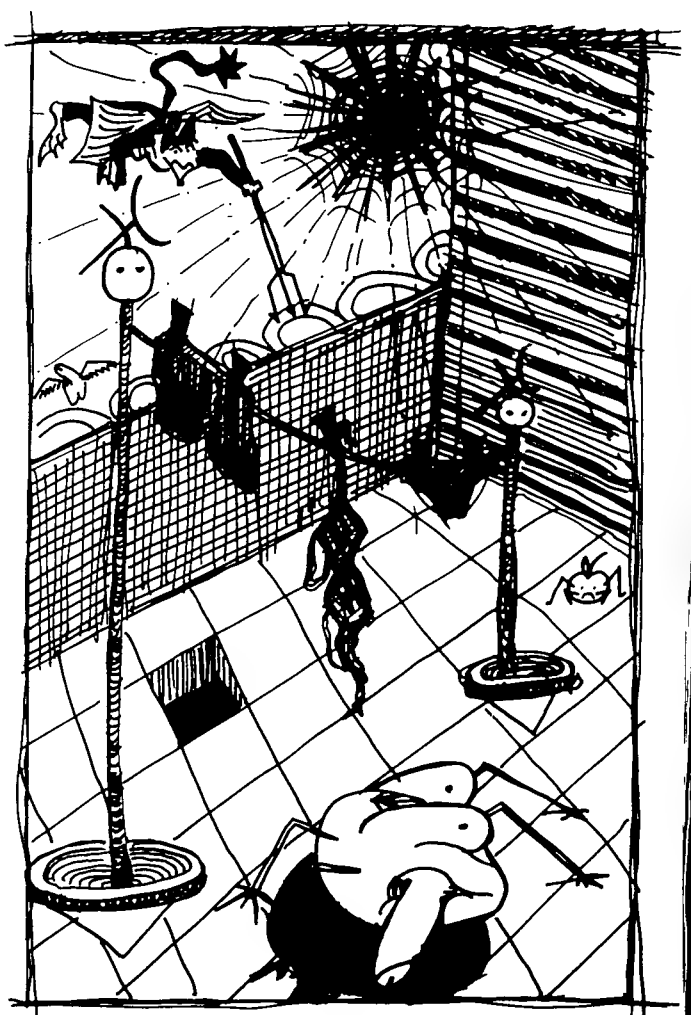
Diz-nos ainda Pierre Ponant: «Não se pense que a promoção destes novos gráficos é feita sem conflito no próprio **Centre National des Arts Plastiques:** ela depende de uma aposta pessoal minha, e nem toda a gente, ali, lhes atribui a mesma importância».

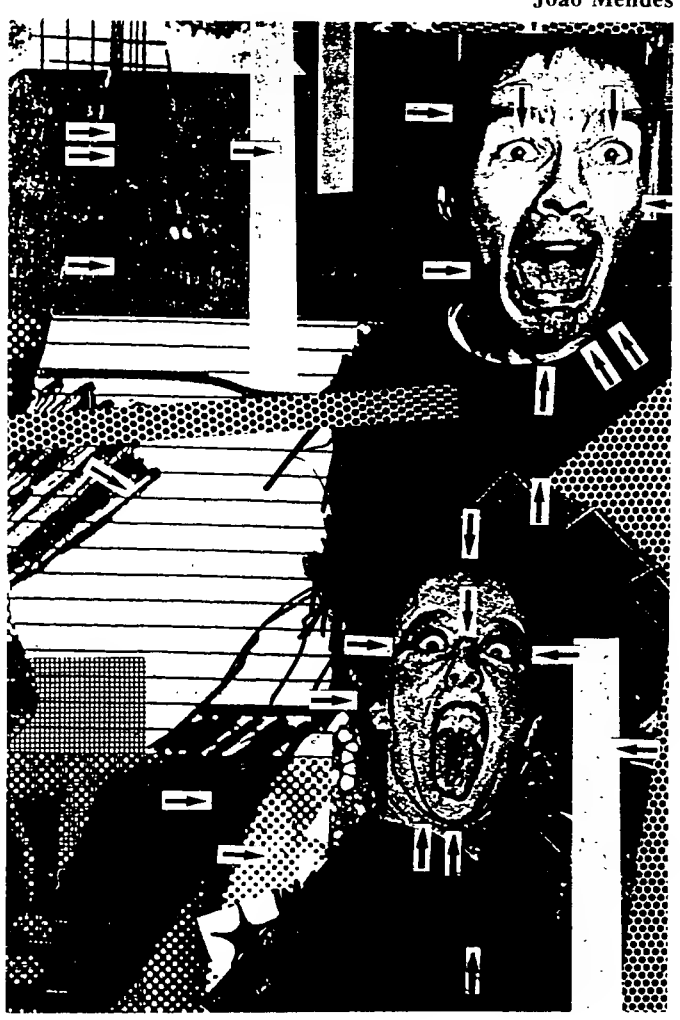
O Centre National des Arts Plastiques foi criado em 1982 pelo Ministério da Cultura de Lang, sob a presidência de Claude Mollard, dedicando-se especialmente à animação de zonas como o design, a moda, as novas tecnologias, o vídeo e a imagem em geral. Mollard transformou-se no «homem-chave» do o apoio de Estado a estas zonas, como David Cameo se tornou no «homem-chave» do apoio à banda desenhada: **maire-adjunto** de Angoulême, encarregado dos assuntos culturais, foi ele o criador do festival, foi ele que lá levou Mitterrand. O seu **Centre National de la Bande Dessinee,** até agora instalado numa fábrica abandonada da cidade, vai ser substituído por um novo edifício, cujo desenho foi entregue a Roland Castro.

Velho e novo

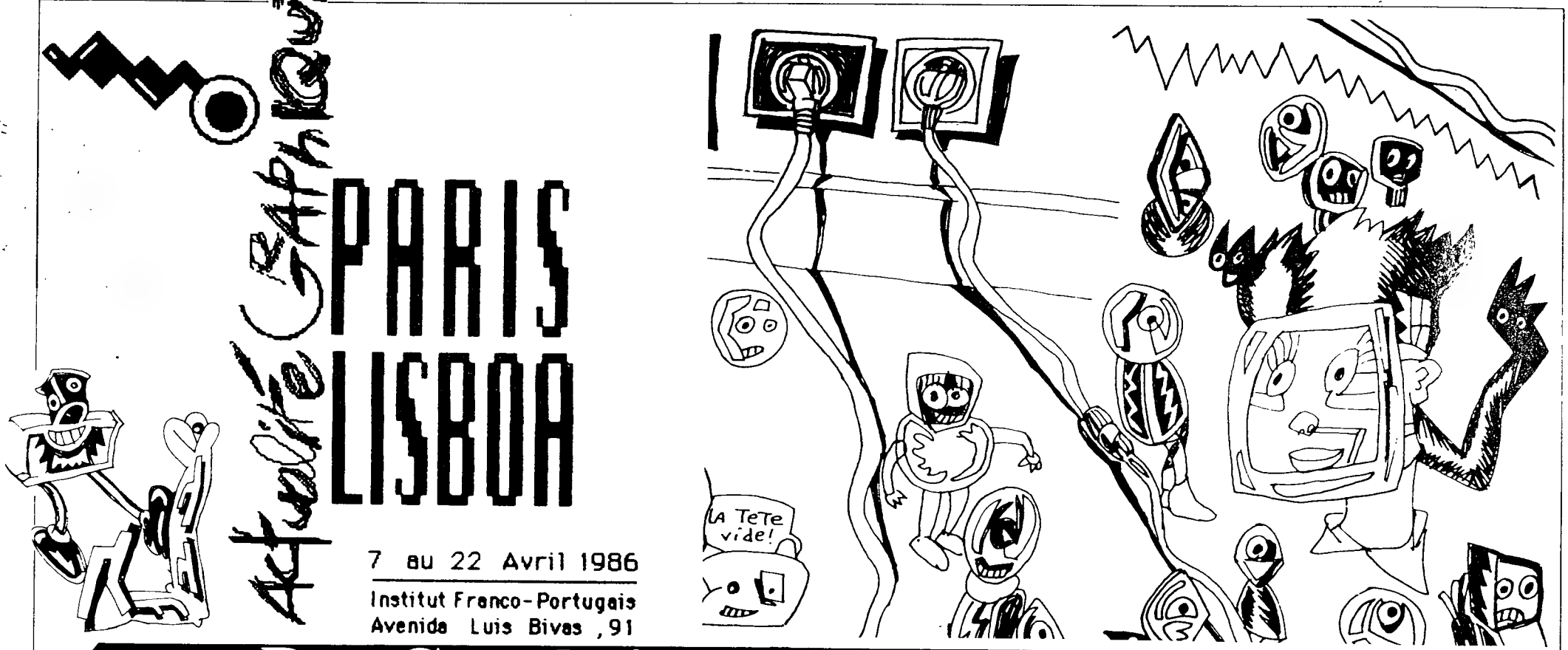
Dir-se-á com razão que dadaístas, futuristas e surrealistas descobriram o panfleto, a impressão artesanal em papéis e cartões de má qualidade e a mistura provocante e «imoral» de textos e imagens muito antes destes «novos gráficos», e que também eles, que agora folheamos melindrosamente nos museus, se moviam como estes contra a «estética», a «arte» e os «intelectuais». De certo modo, tudo quanto se faz, faz-se para o museu, para o arquivo incessante, para a memória. E é verdade que há, nesta nova geração de gráficos franceses, uma contradição entre o efémero e o impresso: assim, por exemplo, Bruno Richard mantém-se proprietário único dos seus originais e — como nos confirmou Ponant — só aceita comercializar o que imprime: reproduções, «ersatz». Mas também é verdade que, da amálgama de traçados resultante do cruzamento dos «graffitti» americanos, dos jornais murais chineses do início dos anos 70, do desvio da publicidade no Metro de Paris, da BD underground, eles são a única expressão que parte, ainda, à conquista de novos **media, de novos espaços de intervenção, associando, de um modo um pouco «retro», comportamentos públicos, modos de vida e obra produzida.**

João Mendes





Variações sobre o tema «Adão e Eva expulsos do Paraíso».



Dos Graphzines aos Restauradores

A manhã havia começado com uma bomba na Air France, armadilhada pela Action Directe. À tarde, Toffe, Olivia Clavel, Placid e Lulu Larsen pintavam numa parede da estação do Metro dos Restauradores. Comentário: «Agora isto é mais que BD Boom, é BD Gong».

São os «novos grafistas», e vieram de Paris. Fazem ilustrações, publicidade, cenários, murais, tudo o que, sendo arte, passa nos veículos privilegiados da Comunicação. Instituíram uma Imprensa diferente, com os seus «graphzines». Chamam-lhes também de «pintores mediáticos». Cada um, antes de ser um criador, é um receptor das incríveis quantidades de informação bombardeadas constantemente, vindas de todo o lado e tendo toda a expressão possível. E é isso mesmo que se nota no que fazem.

Dada, «bad painting», Picasso, «grafitti», banda desenhada, etc., etc., etc., conciliam-se delirantemente, e quem saía do metro, desprevenido, confundia-se. Espanto, incompreensão, eram sentimentos habituais. Nos trabalhos destes e de outros grafistas franceses está a violência e a loucura dos dias que correm, ou, como eles mesmo dizem, «os factos da civilização» que é a nossa, aqui em Lisboa como em Paris, ou em Berlim, onde estiveram antes.

The Cure e Jack Lang

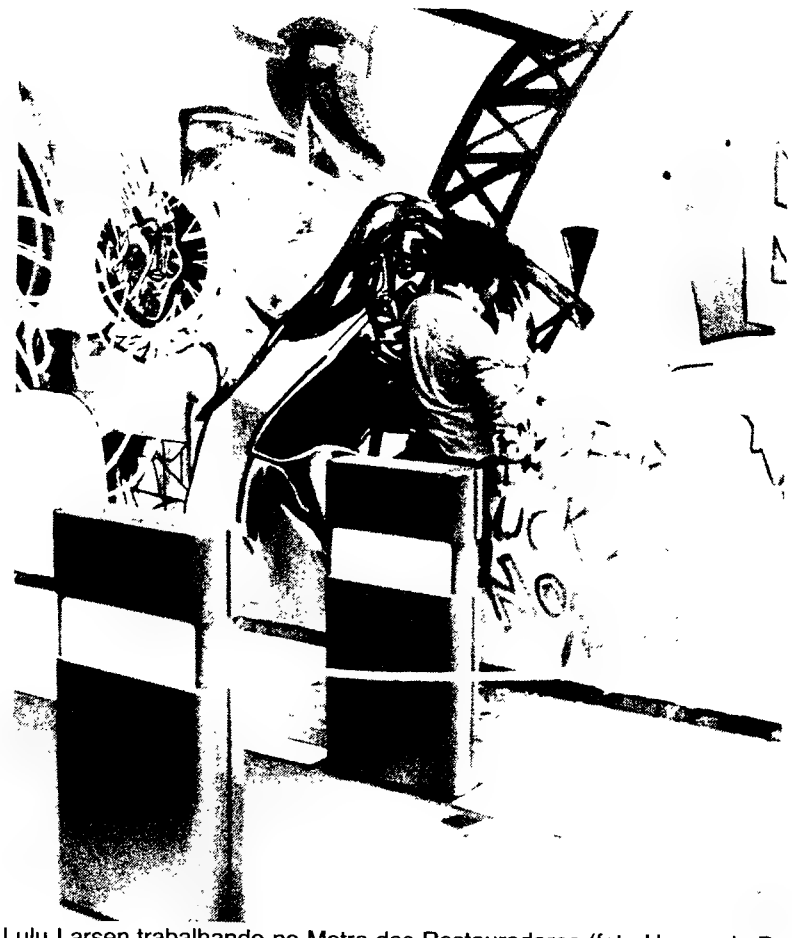
Pintam com «walkphones» nos ouvidos, alheios. Ouvem The Cure, por exemplo. Têm estilos muito diferentes e nenhum espírito de grupo, e insistem nisso. Encontram-se, simplesmente. Porque os meios de acção são comuns, porque têm as mesmas idades, porque se enquadram num igual fenómeno de cultura, porque não estão reconhecidos nas academias de arte e vivem as mesmas dificuldades.

Beneficiaram de uma determinada política cultural que agora vê o seu fim e que trazia o nome de Jack Lang, favorecendo o novo e o francês. «Mas estes agora têm medo, e já estão a fechar a porta», dizem num parênteses inquietado. «Estes» é o novo governo francês, como o qual o presidente Mitterrand, que é uma figura admirada por esta gente, vai ter que conviver sabiamente.

Ecce homo batata

Toffe, dentro de quadrados tipo BD dispôs uma sinalética muito pessoal e distinguível — está ali na Ala Sul da Estação dos Restauradores para quem quiser ver, à direita do mural. E Toffe recorre também, depois do hieroglifo insignificante, à associação de palavras que estilhasse qualquer sentido: ECCE HOMO BATATA... BATATA FRITA (RAIOS X).

Ele diz detestar a banda desenhada e, usando técnicas suas, subverte-a radicalmente. É um traço seco, rude, saturadamente semiótico. Não por acaso o seu instrumento criativo principal é um MacIntosh, um computador gráfico, ao qual retira figurações pretendidas como quase, quase geométricas, sempre evitando sê-lo.



Lulu Larsen trabalhando no Metro dos Restauradores (foto Hernando Domingues). Em cima, à direita: grafismos de Olivia Clavel

Em todas as raparigas um porco

Calada, com os dois lados da cabeça rapados e um tanto punk, Olivial Clavel transpõe da BD a articulação das figurinhas, com uma grande dose de comicidade mas igualmente de desvairo. Nos Restauradores pintou um rosto quadrangular em tons rosa e azul num modo extremamente infantil, mas rodeado de peixes com sorrisos cruéis e perversos.

A única mulher dos «novos grafistas» representada entre nós, acentua por vezes a ironia das suas imagens com tiradas destas — «em todas as raparigas um porco». Desafio; aliás era assim que olhava para os miúdos que paravam perto de si para ver os seus desenhos, sabendo talvez o que muitos parecem querer esquecer — que as crianças têm faculdades maldosas superiores às dos adultos. «Quando eu me sinto mal é porque estou bem» — escreveu num grafismo de há tempos. Olivia está no reverso da funcionalidade das imagens.

Branco

Placid não sabe o que é a serenidade. As suas ilustrações, que funcionam preferencialmente a preto a branco, são autênticos pesadelos. Figuras humanas aberrantes, obscenas, que ele curiosamente chama «hiper-realistas». Todas têm olhos desmesurados e dentes raivosos.

Para a ocasião dos Restauradores foi a uma tabacaria comprar um número da «Corin Tellado» e escolheu como modelo uma vinhenta em que dois apaixonados se encaravam. Pôs-lhes as linhas a preto, com pincel fino, e com outro já grosso foi «borrando» a branco a superfície. «É o amor carnívoro», comentou: homem e mulher olham-se como se fossem engolir mutuamente. Tudo muito mal feito, o pirosismo levado ao máximo contra o romantismo cor-de-rosa, e por qualquer razão em baixo Placid escreveu FIM.

Cada um dos «personagens» tinha em cima um balão, e o que mais alto não conseguiu pintar por não chegar lá acentou Placid dirigindo uma seta: BRANCO, a palavra substituindo a cor. Na base do desenho, outra seta indicava: DÉCOR, para se perceber o emaranhado.

Crazy maker

Do lado esquerdo do mural ficou Lulu Larsen. O mais pintor dos quatro, e o mais preocupado com o cromatismo resultante, espalhando «spray» para adquirir efeito. É talvez o mais meticuloso também ao desenhar, o que procura a melhor definição das formas. Pescoços longos, ombros largos, maçãs do rosto salientes. Afirma já ter feito banda desenhada enquanto tal e isso está bem evidente no seu estilo, muito mais BD do que os dos outros.

«Uma vez estava no Metro em Paris a fazer o mesmo que aqui e deram-me umas moedas. Não me importei: foi da maneira que fui beber um copo» — conta ele. Pintar na rua, tocar música na rua ainda parece mal a muita gente, aqui em Lisboa como em todo o lado, mas pelo menos nos Restauradores ninguém lhe deu dinheiro.

Os seus trabalhos são uma verdadeira colagem de elementos vários, incluindo inscrições: — «quelques soucis au frimatorium» ou «CRAZY MAKER». A irracionalidade continua a ser o mote. A mensagem é absolutamente nenhuma: seres humanos, animais, peças industriais, máquinas, texturas, tudo misturado, sugerindo o delírio. O que deixou no Metro foi sem dúvida mais atenuado.

Acção directa

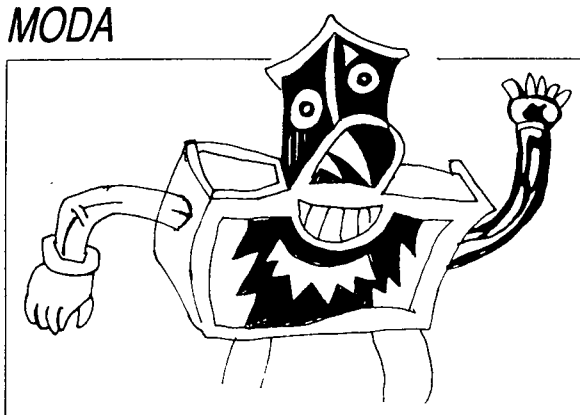
Na anunciação do «BD Boom» liа-se, em referência à exposição dos «novos grafistas» patente no Institut Franco-Portugais, «venha, antes que eles se acalmem». Das «graphzines», essas revistas de aprimoramento gráfico que foram uma lufada de imaginação em França, até à atenção a eles dedicada pelo Estado apesar de toda a insegurança, toda a incerteza e marginalização obrigada pelo estabelecimento no domínio das artes, de um «estado» a outro aconteceu o quê entretanto?

Aceita-se melhor o novo entre os franceses? Talvez, mas não é factor decisivo. O anterior Governo socialista agiu em termos de um expansionismo cultural francês. Esteve nessa lógica o desafio de Lang ao «imperialismo norte-americano», ao qual contrapôs alternativa. E se, por exemplo, a moda ou a banda desenhada são pontos fortes da imagem cultural francesa, havia que apresentá-las ao exterior. Foi o que fizeram François Mitterrand e Jack Lang com intervenção pessoal, um com a sua presença em Ângouleme, o outro vestindo alta costura.

Toffe, Olivia Clavel, Placid e Lulu Larsen vieram a Portugal, segundo eles próprios afirmam, «sem ganhar nada», apenas com as despesas cobertas. «Não é por patriotismo, mas sentimo-nos bem ao mostrar o que fazemos em países estrangeiros.» Foram úteis a uma determinada estratégia cultural que agora termina com Chirac, ou pelo menos diminui, e que souberam aproveitar no máximo, não obstante a sua situação se não ter alterado muito.

Talvez por isso estão longe de se encontrarem calmos, o que agita os «novos grafistas» é sempre o mesmo — actuar directamente, guerrilheiros dos «media» que são.

Rui Eduardo Paes



Milão
A outra capital

A **«mais velha das cidades de Itália»**. *A definição do romancista siciliano Verga — o Zola da península — continua verdadeira mesmo que ela se alargue agora à Europa de que Milão — subtilmente «Mitteleuropaische» — precedeu as reconciliações. Lugar onde as virtualidades se tornam criações quando outras cidades as deixam em pousio. Megalopole que de boa vontade se tomaria por Tóquio ou Nova Iorque, se vestiria de cheviote à londrina, quer ser mais iluminada que Paris. Mas também — porque os deslumbramentos de Stendhal já estão gastos, — a cidade brilhante e poética com a qual sonhamos com a nostalgia de um Buzzatti.*

E i-la incitada a voltar à sua ilusão. Como o diz, numa homenagem ambígua o seu arcebispo, Monsenhor Martini, «**forte por não ter sido a sede do poder, a cidade tira disso a conclusão de que também não abrigou em si a corrupção**». Em Roma as uvas e as intrigas que amadurecem nas latadas das varandas ensolaradas? Em Milão o acordar cedo para os íntegros dias de trabalho? Ora, ora. Foi em Milão que se tramaram, depois estalaram os escândalos que mais duramente abalaram a Itália dos últimos lustros. Era na cidade de Santo Ambrósio que os «banqueiros de Deus», Sindona e Calvi, tinham os seus escritórios. Foi aqui que um partido socialista não menos ávido de lugares que a mais «meridional» democracia cristã, partiu ao assalto do poder em toda a península. Horror! A instituição das instituições, o **Corriere della Sera**, esfregou uma bela manhã os olhos ao saber que era propriedade da loja P2 e dos seus franco-maçons extraviados.

Por volta dos anos 70-80 — foi ontem — a morosidade e mesmo o catastrofismo reinavam. Falências, desemprego, atentados, poluição, engarrafamentos, criminalidade, fraudes... depois, tudo mudou, ou quase nada: o desemprego tornou-se uma realidade tão opressora para os jovens como o nevoeiro que um mês por ano isola a cidade; a circulação continua caótica; mas o terrorismo vencido entregou as armas; a Bolsa galopa como mais nenhuma no Mundo; e os estilistas, os arquitectos, os artistas, os costureiros, os escritores, os cineastas milaneses são festejados nos quatro cantos do planeta.

No estúdio Alquimia templo do «design», o mais prospectivo, explicam-nos doutamente o funcionamento de uma cozinha dita «neo-espacial» e cujos elementos funcionam com um computador integrado. Na casa do costureiro Jean-Paul Gaultier — um francês que Milão aplaude — descobre-se o canto das saias para homens. Nos estúdios de produção Berlusconi é dado a um público submisso o sinal do riso, dos aplausos ou da emoção encomendados... mas isto é a espuma das coisas, ou melhor, a vanguarda dos sólidos batalhões.

Porque se Milão se encanta na vertigem da modernidade, ela nem por isso deixa de conservar o gosto pelos valores seguros. Algumas das suas instituições mais veneráveis souberam muito bem adoptar, em todos os domínios, as mudanças que se impunham. O Scala organizou desfiles de moda nos meses mais difíceis. Georgio Strehler, depois de quarenta anos passados no Piccolo, prepara-se para inaugurar uma verdadeira «cidade teatral» a dois passos do velho palácio de Sforza. Há cinco anos moribunda, a grande editora Rizzoli foi ajudada pela Fiat, que de passagem meteu o **Corriere della Sera** na sua escarcela.

De onde vem este macaréu de energia que submerge a cidade? O velho fundo protestante que desceu dos vales alpinos com o espírito do capitalismo caro a Max Weber, foi sacudido pela crise. Não estava, porém, morto, e a surgir, como na espantosa separação operada por Leopoldo Pirelli, símbolo do empreiteiro milanês estabelecido.

Investigadores de um centro universitário ligado à província de Milão, que acabam de recensear os locais «de oferta e criação culturais» da capital lombarda, dão outra explicação. É o incrível crescer de iniciativas, associações, cooperativas, organismos de toda a natureza para a promoção da música, do teatro, do cinema, da ecologia, etc., cujo catálogo tem setecentas páginas. Georgio Franchi, director do projecto, não é homem para impor as suas conclusões. Mas ele sugere que essa população tem muito da imaginação de 68, que soprou sobre Milão, a Louca, como uma borrasca. No fim de contas ela fez girar as asas do moinho industrioso e realista onde há séculos se mói o grão de Milão, a Ajuizada.

Comerciantes à frente

OS milaneses não saem à noite. Eles não se demoram nas esplanadas dos cafés, que, de resto, não têm esplanada. Ao almoço comem um **panino** e bebem um café de pé: **presto**. Não têm tempo, trabalham. E gostam de lembrar, como para sublinhar um particularismo local, algumas estatísticas comparativas: a cidade (**intra muros**) reúne menos de 3% da população nacional mas pesa 17% do mercado italiano. Ela realiza 21% do produto interno bruto e 17% dos investimentos do país.

As suas especialidades? Os serviços e as actividades de ponta. Ela concentra 33% das sociedades de leasing, 30% da informática, 34% da publicidade, 50% dos gabinetes de relações públicas, 75% dos robots instalados.

No entanto, Milão nem sempre teve esta categoria. Símbolo do «milagre» económico italiano dos anos 60, apaga-se nos anos 70. Crise da grande empresa, concorrência da «Terceira Itália» com o desenvolvimento de outras regiões: a Emília, a Venécia, a Toscana, ou mesmo, mais a sul, os Marches e os Abruzzos. Pelo contrário, Milão sofre de agitação social. Ela totaliza 13% das horas de greve, em Itália, entre 1970 e 1972. Aterrorizada pelas Brigadas Vermelhas, a cidade adopta um perfil discreto, com receio de exibir a sua riqueza.

Só em 1976 Milão se reanima e retoma a influência que hoje tem. Ela toma as suas verdadeiras dimensões na cena internacional atribuindo a si própria a melhor parte do comércio e das finanças com o estrangeiro.

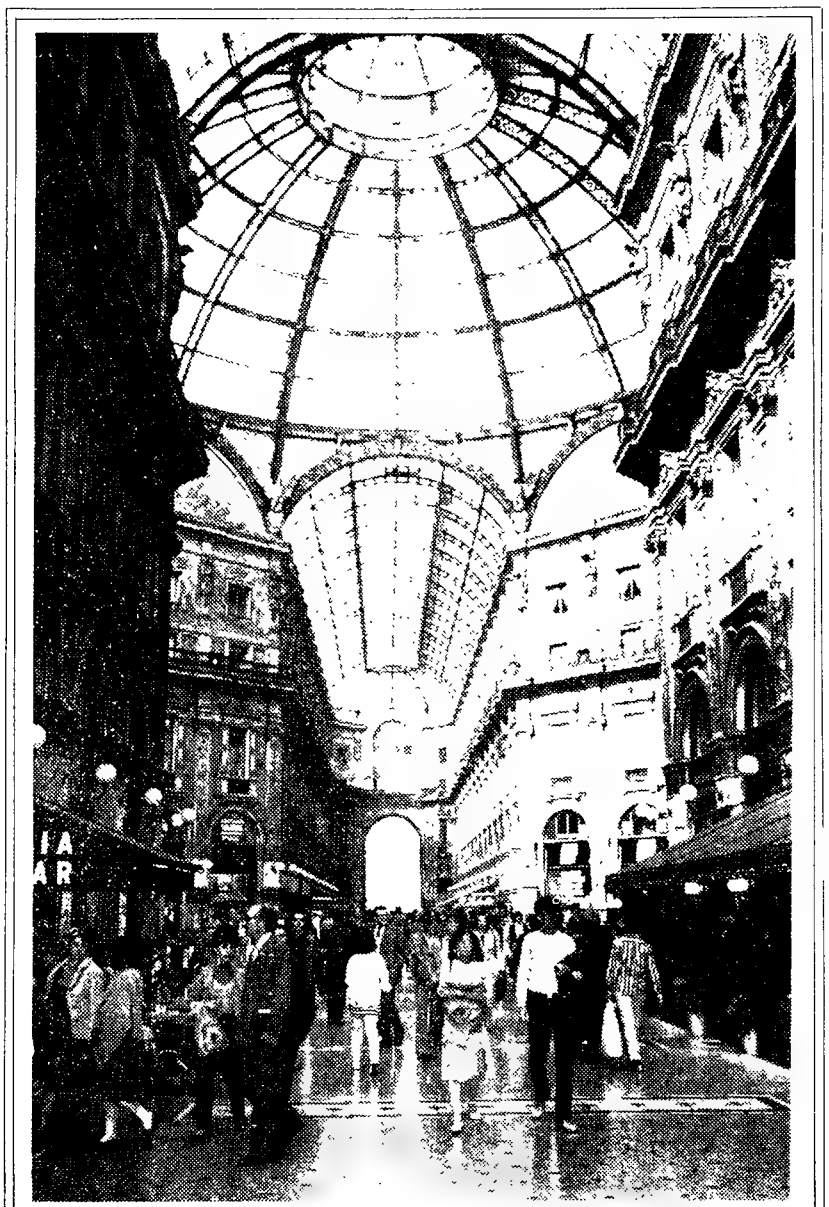
Antes de mais os bancos: com 61% dos «guichets» do país e 92% das filiais em Itália dos bancos estrangeiros, Milão é directamente responsável por 50% dos intercâmbios financeiros da Itália com o resto do mundo.

Mas são sobretudo os comerciantes que deram a esta cidade de pedra escurecida, o seu verdadeiro brilho no estrangeiro. Cidade de feiras desde a criação, em 1920, da Campionaria (a grande feira geral, em Abril), desenvolveu 85 salões especializados, que produziram, o ano passado, perto de 100 mil milhões de liras de volume de negócios.

O presidente da organização dos Salões da cidade procura mesmo dar uma segunda vida à Campionaria, cujo declínio os críticos sublinham: «**Abril é o único mês em que se pode encontrar um quarto de hotel em Milão.**» Rebaptizada o ano passado **Grande Feira de Abril**, ela serviria de local de encontro entre os expositores dos países industrializados e os compradores do terceiro mundo.

Tudo isto faz de Milão «a» capital económica? Se a cidade abriga, entre outros, Pirelli e Montedison, outros gigantes da indústria italiana estão instalados noutros locais, como a Fiat em Turim e a Olivetti em Ivrea. Roma manteve o domínio directo sobre a política industrial por intermédio de organismos públicos com o IRI (Instituto per la Ricostruzione Industriale), cujas filiais formam uma parte importante da paisagem económica italiana. Mais do que uma capital, Milão é o símbolo do dinamismo económico de um país largamente descentralizado e cuja unidade política só vem do século passado.

Dominique Barouch



*M*ilão tem um milhão e meio de habitantes, a «grande Milão», uns quatro milhões. Passou a época das grandes migrações em que populações fugindo do Sul deserdado chegavam todos os meses aos milhares. A população da cidade já não aumenta; diminui mesmo no centro devido à falta de alojamentos. Carlo Tognoli (47 anos) prepara-se para abandonar o município milanês quando é, sem dúvida, um dos «maires» mais populares da península. A coligação da esquerda (PC-PS) que dirigiu durante dez anos, perdeu por pouco a maioria nas eleições municipais de Julho de 1985. Formou-se uma coligação de cinco, á imagem do governo central, ainda que o PS represente uns 20% do corpo eleitoral milanês.

Carlo Tognoli cederá pois o seu lugar, para continuar a sua carreira no partido, em Roma. A menos, dizem as más línguas, que outro socialista que estudou em Milão, lhe corte o caminho: o próprio Bettino Craxi.

O que ela edita

MILÃO também é a capital da edição italiana. Uma enumeração rápida dos principais editores milaneses basta para nos convencermos disso: **Mondadori,** criado em 1907 por Arnold Mondadori, o editor de Gabriele d' Annunzio; **Rizzoli,** criado em 1908 por Angelo Rizzoli, antigo operário tipográfico, que fez na sua casa uma das mais importantes empresas de edição de livros e revistas de Itália, antes de o sonho familiar — comprar o **Corriere della Sera** — não irão terminar em catástrofe com o caso da loja P2; **Garzanti,** empresa familiar independente, que continua a publicar bons autores da literatura italiana e estrangeira, assim como obras históricas e políticas, e que retomou muitos dos autores de Giulio Einaudi.

Entre as caras mais recentes, citemos ainda: **Feltrinelli,** que festejou o ano passado os seus trinta anos — marcados pelo êxito do **Doutor Jivago** e do **Leopardo** — e que graças a Inge Feltrinelli, continua, apesar da morte do fundador, Giangiacomo, em 1972, no tempo do terrorismo de extrema-esquerda; **Adelphi**, dirigida por Roberto Calasso, jovem casa de grande qualidade criada em 1963, e que publicou, entre outras, as obras completas de Nietzsche; **Franco Maria Ricci,** o brilhante editor dos soberbos álbuns encadernados de seda preta — desde 1965 — e que com **FMR** (as suas inicias) soube criar uma revista de arte que se apresenta como «**a mais bela do mundo**».

Estilistas e industriais de mãos dadas

SÃO ricos, célebres, adulados pela imprensa que os ajudou a nascer e que eles ajudam agora a prosperar. Poêm a sua marca nas colecções, cada estação, nos perfumes, nas malas, nos móveis, na roupa de casa. Expõem em lugares de prestígio como o Metropolitan Museum ou o Victoria and Albert Museum, fazem conferências nas universidades americanas. Vestem os poderosos e as grandes vedetas do espectáculo, e os seus nomes são, no estrangeiro, outras tantas bandeiras italianas. Deram um formidável impulso à moda italiana e libertaram-na finalmente da sua longa sujeição a Paris. E a Itália reconhecida, na pessoa do seu presidente Cossiga — pouco à vontade no seu smoking comprado feito, — entre estes senhores do **bel vestire,** acaba de condecorar sete ao mesmo tempo.

Os criadores italianos devem este êxito antes de mais a Milão. «**Milão não nos trai**» declarou um deles, Giorgio Armani, em homenagem a essa cidade industriosa onde o café se bebe de pé, à pressa, e onde os edifícios voltam para o interior a sua mais bela fachada. Em suma, uma cidade com o orgulho de não se parecer com Roma.

Se Valentino, embora mantendo os seus desfiles de alta-costura em Roma, foi procurar a Paris a consagração para o seu pronto-a-vestir, o que, de resto, também fez o exuberante Toscan Eurico Coveri, é em Milão que a maior parte dos costureiros estabeleceu o seu quartel general. «**Milão sempre foi a cabeça pensante da indústria italiana e em especial da do textil**», lembra Armando Branchini, secretário-geral da Associação dos Industriais do Vestuário. À volta da cidade lombarda gravitavam, há já muitos séculos, os comerciantes de seda de Côme, de algodão da Brianza, de lã de Biella. Juntou-se-lhes recentemente a indústria das fibras químicas. Toda a indústria da comunicação também se encontrava concentrada em Milão.

«**Era pois natural que as pequenas como Fendi, Missoni ou Krizia que, no início dos anos 70 estavam em rápido crescimento, abandonassem Florença e viessem para este caldo de cultura industrial, organizando-se, a fim de enfrentar os compradores estrangeiros. Hoje, com umas cinquenta revistas de moda, quase quatrocentos redactores, duzentos** showrooms **e uns cem adidos de imprensa, Milão é a imponente caixa de ressonância da moda italiana.**»

Ao contrário do que se passa em França, se «**la nave va**» é porque está solidamente ligada à indústria dos têxteis e do vestuário do país. Quer ele seja simples consultor, como Armani, Ferré ou Soprani, ou estilista industrial como Krizia ou Alberta Ferretti, cada criador trabalha com uma nuvem de industriais. Krizia tem cinquenta e três fornecedores de tecido ou de fio; Armani e Ferré rodeiam-se de uns quinze fabricantes.

Como segundo a regra geral nenhum industrial trabalha para um só criador, teceu-se uma inextricável rede de elos entre estilistas e industriais: a criação mantém-se muito próxima da produção, e a menor inovação numa linha, logo se propaga às outras, melhorando assim o nível do produto italiano. «**Paris é uma cidade cheia de fermentos, e os criadores franceses são mais livres, mais geniais e inventivos,** concede Giorgio Armani, campião de uma moda para usar de manhã à noite. **Mas quanto a vender, isso é outra ordem de ideias. Eles estão muito afastados das exigências do mercado. Nós talvez sejamos mais monótonos, mas nunca perdemos de vista o objectivo comercial. A criação nos limites do vendável, aí está a grande dificuldade.**»

Procurar-se-ia em vão um sinal do destino na infância destas creadoras. São raras as vocações, para além da de Luciano Soprani, emiliano de raízes camponesas, que abandonou uma carreira de antemão traçada na propriedade dos pais, para ir escolher botões na casa de Max Mara. A moda só tarde se descobre, depois de se ter sido campeão de 400 metros a pé, como Ottavio Missoni, depois de ter feito estudos de arquitectura, como Ferré, ou de ter sido professor primário como Krizia. Mas na maioria dos casos é uma questão de família. Os Fendi são peleiros desde 1925; quanto a Versace, estudou no atelier de costura da mãe, assim como Laura Biagiotti.

Trabalho, família. Nestes dois sólidos pilares repousa o êxito dos criadores que escolheram Milão para atelier. Versace é assistido com fervor exemplar por seu irmão Santo e por sua irmã Rosana. O marido de Mariuccia Mandelli, aliás Krizia, é presidente e director-geral da sociedade. Os Missoni são secundados pelos três filhos. À excepção dessa família Missoni que vive e trabalha no campo, joga ténis todos os dias e não perde ao domingo um desafio de básquete, os criadores milaneses não têm tempo para «viver».

Armani estremece à simples ideia de três dias de **farniente** com os seus amigos romanos. Versace diz que os sonhos se realizam trabalhando e que, de resto, não gosta de férias. Mariuccia Mandelli acumula livros que nunca tem tempo de ler. «**Se paramos,** afirma Aldo Pinto, **perdemos terreno**».

O exemplo de Armani talvez seja representativo deste sucesso laborioso feito a pulso. Nascido em 1934 na pequena aldeia de Plaisance, filho de um empregado modesto e de uma mulher muito digna que lhe ensinou «**as virtudes da austeridade**», Armani pensou em ser médico, depois empregou-se, sem funções muito definidas no grande armazém La Rinascente onde foi subindo e se tornou vendedor na secção de roupa de homem. O industrial Nino Cerruti encarregou-o de rejuvenescer a moda masculina. Só dez anos mais tarde teria um encontro milagroso com Sergio Galeotti que ainda não tinha trinta anos mas possuía uma intuição fenomenal. Fundam em 1975 a sociedade Georgio Armani que dará um formidável salto em frente no dia em que o **Time** lhe consagra a capa, honra reservada a um pequeno número de políticos italianos, a Yves Saint-Laurent ou a Pierre Cardin.

De cinquenta anos, loiro, magro, os olhos azuis escurecidos pelo seu «pull-over» de marinheiro, decerto muito só desde a morte do companheiro, o Verão passado, Armani explica o seu trabalho: antes de mais «desdramatizar» pela primeira vez o traje masculino, com fatos de linho amarrotados, camisas sem colarinho, casacos sem forro, depois transpôr o masculino para o feminino em busca de novos códigos de elegância para mulheres emancipadas. Um trabalho diferente do de Versace, incessantemente em busca do eterno feminino, e cuja moda sofisticada cheia de reminiscências históricas, se mostra plenamente à noite, ou ainda o de Ferré, o arquitecto da moda, o construtor de formas, que procura adaptar o seu gosto por uma estética funcional a uma feminilidade exacerbada mas sempre altiva, estatuária.

Se os credores milaneses conheceram em conjunto a glória e a fortuna, é, no entanto, impossível fazê-los pousar para uma foto de família.

A concorrência, mesmo a rivalidade, é regra. Evitam-se, espiam-se, receiam-se. Um romance policial do misterioso Marco Parma, **Sotto il vestito niente** (nada debaixo do vestido) conheceu um certo êxito narrando as cómicas aventuras de um comissário no mundo desses monstros sagrados milaneses, ocasionalmente dotados de serviços de contra-espionagem.

Hélène Raccah

Uma imprensa que muda com os seus leitores

EM **Milão,** o Corriere **é como o Scala. Os outros como teatros da periferia**», diz, meio sério, o seu director. No seu escritório do primeiro andar do austero edifício da via Solferino, em pleno centro da cidade, Piero Ostellino assume há quase dois anos a direcção do mais famoso quotidiano transalpino. Cento e onze anos de existência. Um pouco mais de meio milhão de exemplares vendidos diariamente, dois terços deles na Lombardia e na planície do Po. «**O Corriere é o jornal da sociedade e da cultura industriais italianas. Sempre considerou com uma certa distanciação Roma e as agitações um pouco vãs do mundo político. Ele é a expressão de uma visão do mundo mais empírica do que ideológica que, à imagem da gente da Itália do Norte quer julgar antes de mais os factos.**»

Antigo correspondente em Moscovo, depois em Pequim, Piero Ostellino tem a ambição de dar ao jornal milanês o seu prestígio de antanho. Porque, se hoje os balanços do fim do ano e as vendas correm bem (mais 6% que o ano passado), a imagem do **Corriere** ainda não está completamente refeita do choque que foi para ele, em 1981, o escândalo da Loja P2.

Sabe-se nessa altura que o seu director, Franco di Bella, figura em bom lugar na lista dos filiados dessa organização muito especial, organização assimilada pelas autoridades italianas a um perigoso centro de poder oculto.

O editor Angelo Rizzoli, proprietário do jornal, e o director do grupo editorial, Bruno Tassan Din, igualmente membros da P 2, estão implicados no caso. Um ano depois, o Krach do Banco Ambrosiano, de Roberto Calvi (proprietário de 40% das acções do **Corriere**), precipita a queda do grupo editorial. Angelo Rizzoli e Alberto Cavallari encontram-se atrás das grandes.

A tarefa era pois difícil para Alberto Cavallari, nomeado director em Junho de 1981. Tanto mais que o **Corriere,** mesmo em dificuldades e sob administração judicial, continua a causar muitos apetites políticos.

Salvação do Corriere

Salvaguardando contra tudo e contra todos a independência do jornal, Cavallari faz muitos inimigos e tem de abandonar a direcção ao fim de três anos. O jornal é finalmente comprado por um grupo de industriais e financeiros, onde a família Agnelli, por intermédio da sociedade Gemina, figura em bom lugar. Em Dezembro de 1985, a Gemina aumenta para 59,6% a sua participação no capital do **Corriere,** apesar da hostilidade não dissimulada de Craxi por esta operação. A instrução aberta para determinar se as normas «antitrust» são violadas (a família Agnelli também controla a **Stampa,** de Turim) ainda estão em curso.

Mas depois destes anos tumultuosos, o jornal parece ter encontrado de novo a serenidade, mesmo que agora a concorrência de **la Repubblica** se faça sentir muito seriamente.

O jornal de Eugenio Scalfari aproxima-se muito seriamente do **Corriere deila sera,** mesmo em Milão, até aqui seu feudo incontestado. Para responder ao desafio o **Corriere** cria um novo suplemento cultural e desenvolve as suas páginas económicas.

São estas aparentemente as razões do êxito do quotidiano económico **il Sole 24 ore,** cuja sede também se encontra na metrópole lombarda. Um modelo confessado: **o Financial Times.** As páginas rosa salmão do jornal milanês estão ali para o confessar.

Há cinco anos a média das vendas era de 90.000 exemplares. Para um austero quotidiano económico era muito bom. Mas hoje, este jornal, formalmente ligado à Confindustria — o CNPF italiano —, atinge os 200.000 exemplares, chegando mesmo às vezes aos 250.000 e até aos 300.000.

«**A Confindustria não é um partido político que dá uma linha ao seu jornal. É uma grande associação de industriais na qual nos reconheceríamos mesmo que ela não fosse nossa accionista.**» Um órgão particular não tira, com efeito, 300.000 exemplares.

As necessidades dos 25-45 anos

Há dois ou três anos os italianos descobriram a economia. Jogar na Bolsa ou através dos fundos comuns de emprego de dinheiro está a tornar-se um fenómeno de massa. O próprio jornal comunista **Unita** publica agora uma página de crónica da Bolsa. **Il Sole 24 ore** aproveitou essa situação, tanto mais que ele é um pólo de referência unanimemente respeitado na matéria. Um livro publicado no Outono e intitulado **Como ler «il Sole 24 ore»,** verdadeira introdução pedagógica ao vocabulário económico e ao curso da Bolsa, foi um «best-seller».

Quotidiano especializado, **il Sole** não negligencia, no entanto, a actualidade política e internacional. Os seus artigos, precisos e totalmente destituídos de retórica, ao contrário da maioria dos outros jornais transalpinos, parecem corresponder a uma necessidade dos leitores. E, sobretudo, da geração «emergente» dos 25 aos 45 anos. A acreditar num estudo feito por **il Sole,** estes representam 57,2% do conjunto dos seus leitores. Um recorde absoluto na imprensa italiana visto esta percentagem só ser de 52% na **Repubblica.**

Outro exemplo dessa nova tendência, **il Mondo,** o semanário económico do grupo Rizzoli — **Corriere della sera,** vende agora semanalmente 55.000 exemplares.

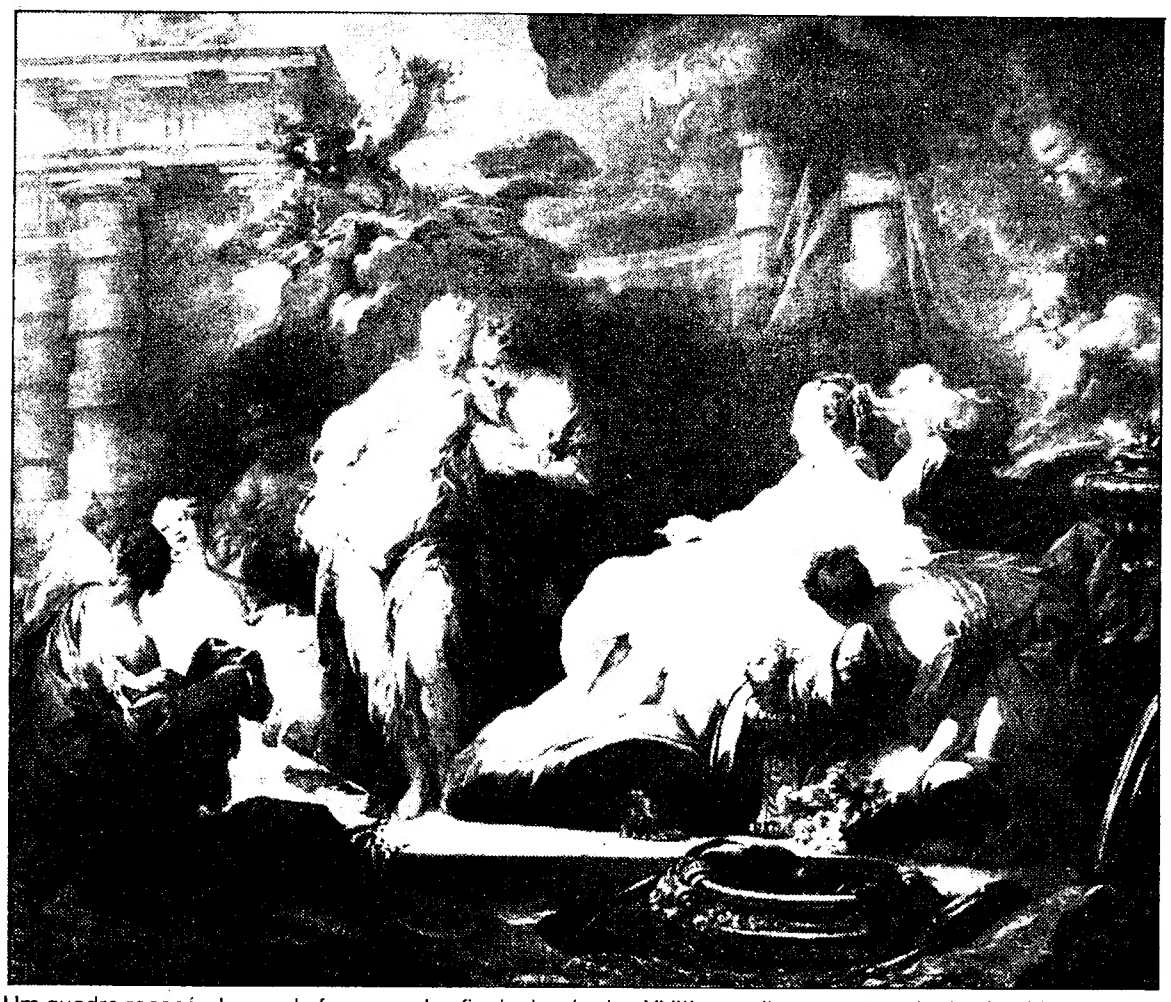
É também na metrópole lombarda que estão instaladas as redacções centrais de dois dos três grandes semanários de informação transalpinos. O **Europeo** (grupo Rizzoli), que foi no após guerra o primeiro semanário «moderno» da península, antes de conhecer um longo declínio e de se transformar em newsmagazine, e **Panorama** com uma média de 350.000 exemplares vendidos por semana, e que foi o primeiro em Itália a inspirar-se na fórmula americana.

É o florão do grupo editorial Mondadori — agora mais importante da península, — e a sua redacção está instalada em Segrate, às portas de Milão, num imenso edifício de vidro e aço, que também abriga os outros periódicos do grupo (**Epoca, Grazia,** mas também mensários como **Storia Illustrata, Zero uno, il Fotografo**).

R. Ch.

O «barroco de rua» e Sir Joshua R.

NAS noites de 23 e 24 de Janeiro ultimo, o night-club «The Fridge» em Briston, no sul de Londres, foi cena de dois espectáculos propagandeados nos jornais da especialidade nocturna londrina como «extravagância grotesca e sem gosto» ou «Divine Nightmare». No anúncio do segundo destes espectáculos, o semanário City Limits» (a noite e o dia de Londres vistos a partir da esquerda), numa notícia encimada pelo título «Club Zazou», exibia as expressões «ajuntamento barroco» e «dança barroca». Seguidamente ilustrava a coisa com uma gravura que reproduz um quadro da escola francesa tardo-barroca (ou rococó preferivelmente) do final do séc. XVIII. Mas para além dos factos **sintomáticos** de se ilustrar com uma pintura antiga um evento contemporâneo, nocturno e mais ou menos mundano e de se ter escolhido um quadro rococó para o acompanhar da palavra «barroco», os editores de «City Limits» operaram (involuntariamente?), uma curiosa incursão crítica a propósito do mais importante acontecimento da Alta Cultura desse mês de Janeiro londrino: a inauguração da grande exposição retrospectiva da pintura de Sir Joshua Reynolds (1723-1792), primeiro presidente da Royal Academy of Arts para cujos salões, na Burlington House, veio transferida de Paris.



Um quadro rococó, da escola francesa dos finais do séculos XVIII, para ilustrar espectáculos londrinos de 1986

A verdade é que a pintura reproduzida por «City Limits» apresenta um notável conjunto de semelhanças com um dos quadros de Reynolds exibido na RAA: «Hércules Criança», tela de 1788 que tem 3 metros de lado e é a única verdadeira «pintura de história» que Reynolds executou durante toda a sua longa e prolífera carreira. A (seriamente) mundana «City Limits» ajudou assim a confirmar a tese até agora quase herética que o especialista R. Rosemblum defende nas páginas do excelente Catálogo da Exposição: Reynolds deve muito mais à pintura rococó e proto-neoclássica francesa e italiana do que aquilo que os defensores da sua «englishness» ou barroquismo pensavam.

Talvez já se tenha percebido que não me proponho relacionar estes factos para elaborar uma sinopse mais ou menos erudita sobre a obra de Reynolds. A questão que me interessa tem que ver, de facto, com a geneologia da pintura de Sir Joshua e o modo como este lidou com a crise das artes no final do séc. XVIII. Mas o que me parece fundamental, nesta ocasião, é pensar um pouco na voga contemporânea da palavra «barroco» (senão do conceito... mas qual?) e no equívoco que leva a apelidar de barrocas obras antigas que o não são e atitudes modernas que talvez ainda o sejam menos.

Isto não tem nada que ver com Portugal? Talvez tenha... Não se reclamou Tomás Taveir há tempos da herança barroca? Não elogiou a Igreja de St.º António da Sé em Lisboa, desenhada pelo arquitecto Mateus Vicente na ponta final do séc. XVIII (igreja que não é barroca, justamente)?

As noites de «The Fridge» com que introduzi este texto servem agora para o encetar seriamente. Tratou-se de eventos «multimedia» o que é já de si significativo. Sabe-se que a vaga contemporânea de «performances» e espectáculos desse tipo está apenas no começo (e já atingiu há muito as nossas lusas praias). Guy Scarpetta (1) fá-la derivar mesmo do que chama a «Segunda Constelação Nova-Iorquina» (a seguir à do expressionismo abstracto de Pollock, De Koonig, Rothko, etc.) no quadro da qual cita nomes como Bob Wilson, M. Monk, R. Foreman, Laurie Anderson. Ora o espectáculo «multimedia» é uma invenção seiscentista e barroca que o séc. XVIII reformulou. Das festas da Roma de Bernini à ópera tardo-barroca instituiu-se uma longa tradição de «mistura» da música e do canto com a arquitectura, a pintura, a carpintaria, a costura, a pirotecnia, a hidráulica e a mecânica de que as «máquinas» operáticas, os cenários pintados, os «mausoléus» e monumentos comemorativos da arquitectura efémera e, especialmente, a ópera assinalaram o permamente sucesso. É precisamente pelo seu carácter de espectáculo «completo» que a ópera beneficia hoje de uma nova popularidade. Com as «performances» multimedia e os filmes musicais (de que «Absolute Beginners» de Julian Temple assinalará, talvez, a ressurrição), com os espectáculos musicais acompanhados de teatro e pintura (que a banda lisboeta «Radar Kadafi» tem procurado desenvolver), a ópera e o renovado gosto pela ópera são muitas vezes indicados como um traço do «barroquismo» contemporâneo.

O que aconteceu no clube de Brixton foi a música ecléctica (de Bowie e Brel) de «Seventh Seance», as improvisações teatrais-musicais e pirotécnicas de Paul Burwell e de Bow Gamelan Project, a dança da Cholmondelay Dance Theatre, a «performance» de Ian Hincliffe e David Aylward, projecções de «slides» e vídeo, exibição dos panejamentos orientais de Steve Edward, canções francesas acompanhadas a acordeão (os «Paris Match»); ênfase, eclectismo, uma atmosfera feérica e «nocturna» que nunca esteve muito longe da paródia num ambiente provocatório e extático, superficial e serpentinado a que chamaram «barroco».

Nessa mesma semana, a revista «I-D» entrevistou Fred Baier, desenhador de móveis que representará a Grã-Bretanha na Exposição de Viena. A certa altura Baier diz que os objectos que fabrica são barrocos; «o barroco original — acrescenta — eram linhas flutuantes, panejamentos, volutas, a integração da estrutura e da decoração».

Móveis «barrocos» como o quadro reproduzido em «City Limits»? Como o que que aconteceu em «The Fridge»? Como a pintura de Reynolds?

Em 1956 F. Antal localizou Reynolds dentro da genealogia barroca vinda de Corregio /Rubens. R. Rosemblum prefere aproximá-lo da tradição setecentista francesa; Nicholas Penny, John Hayes e Elis Waterhouse

Expositor desenhado para o Crafts Council: destina-se a cerâmicas e pratas

do melhor italianismo da época; todos falam um pouco de «pré-romantismo».

Mas já o velho rival de sir Joshua, Gainsborough, resolvera este problema com a sua famosa exclamação acerca do presidente da Royal Academy: «Raios partam o homem! É tão variado!»

É isso que davam a ver as telas penduradas nos enormes salões da Academia: a capacidade de saltar da citação de Tiepolo («Auto-retrato cobrindo os olhos, dos anos 40) para a de Rembrandt («Auto-retrato» de c. 1780), de juntar na mesma tela («Morte de Dido», 1781) os gestos enfáticos e as sombras «pré-românticas» com a elegância erótica do rococó, de passar das composições «heróicas» («Tenente-coronel Tarleton, 1782) para «mignardises» à maneira de Greuze («The Lamb Children», 1783), de pintar retratos citando Miguel Ângelo («Mrs. Siddons como Musa Trágica», 1787) ou com fundos quase impressionistas («Mrs Lloyd», 1776), de utilizar os mais sumptuosos vermelhos («Lady Worsley», 1780) e os mais negros fundos («Sir William Chambers», 1780). Reynolds percorreu como que tranquilamente todo o repertório da pintura clássica e isso faz dele bem um homem de setecentos para quem os códigos e géneros podiam ser utilizados eclecticamente porque aquilo que os sustentava já não eram valores fundamentais de carácter religioso ou político mas tão-somente os que resultavam de uma herança teórica envelhecida — aquela que sir Joshua brilhantemente resumiu no que foi cronologicamente o **último** grande tratado de estética clássica: os seus «Discursos on Art» de 1780. Mas Reynolds quis também «levar a sério» a pintura. Não à maneira que veio a ser a de David mas dentro da tradição barroca italiana que introduziu (mais que Ramsay) em Inglaterra e que o tornou o verdadeiro fundador da «escola» inglesa. Reynolds quis levar a sério o que **já não podia** ser levado a sério.

Num dos seus «Discouses» distinguiu da seguinte maneira o «sublime» do «elegante»: «O sublime impressiona o espírito de repente com uma grande ideia: surge de um só golpe. O elegante aparece por repetição, por uma acumulação de pequenas circunstâncias». Quase todos os teóricos, pintores e arquitectos da 2.ª metade do sec. XVIII se empenharam numa longa batalha contra o que chamavam a «Moda», isto é, a pintura e a arquitectura rococó, a elegância inspirada nas cortes e salões que lhes parecia (com razão...) ameaçar mortalmente a tradição clássica. À «moda» opunham a renovação do classicismo, o sublime, o cristianismo.

Mas olhem-se os retratos de Reynolds onde a escala, os fundos arquitectónicos ou de paisagens revoltosas, as citações da mitologia, os agrupamentos de personagens, a espessa riqueza da cor (que distingue Reynolds da elegância mais «atmosférica» do seu rival Gainsborough — muito mais marcado pela «pincelada» francesa de Watteau ou Fragonnard), todos esses traços que querem erguer o retrato à altura da «pintura de história», leiam-se os seus textos onde defende o **contrário** do que realmente faz — e perceba-se esse desajuste entre a teoria e a história real, entre o que se «devia» e **podia fazer** em arte no final do sec. XVIII, que é o **nó cego** que explica o rococó (a recusa da teoria) e o neoclássico (a impossível invenção de uma

Continua na pág. 7

Continuação da pág. 6

prática nova/antiga); nó que David procurou desatar à sua maneira (no corte histórico que foi a Revolução Francesa) e que os coveiros da tradição clássica (os pintores e arquitectos do final do sec. XIX e do modernismo) finalmente cortaram.

O que vinha acontecendo à tradição clássica-barroca pode ser descortinado na descendência que vai dos Carrache (no início do sec. XVII) a Guercino, deste a Albani e daí para os Carlo Maratta e outros pintores do sec. XVIII (cito estes nomes porque estão sempre presentes nas admirações dos cultores setecentistas das «escolas» bolonhesa e romana de pintura): o que aí se nota é a progressiva impossibilidade de fazer «grande» pintura, de fazer pintura «a sério»; é como se tivesse ficado perdido algo de fundamental em convicções ou crenças, como se os traços formais substituissem por si e nisso deixassem ver o vazio por «detrás» deles: como se, a certa altura, tudo fosse apenas uma brincadeira (como o rococó afirmou e assumiu). Entre as figuras do Guercino, que ainda preenchem o plano da tela com uma poderosa carnalidade, e as de Albani (diluídas nos fundos, decorativizadas, estereotipadas) existe a mesma diferença que se pode notar em dois olhares alternativos sobre o «Êxtase de Sta. Teresa de Ávila» de Bernini: hoje (regressamos às «ruas» contemporâneas...) há quem veja nesta famosa estátua um «êxtase» erótico e nisso julgue ser inteligente; e já se perdeu irremediavelmente o que a obra de Bernini teve de profunda seriedade mística, de pertença a um outro universo que já não conhecemos: o do barroco, precisamente.

Reynolds pintou retratos «heróicos» — mas foi precisa a Revolução para David reencontrar os heróis. Mesmo a melhor pintura «de história» do sec. XVIII (a de Benjamin West, por exemplo) exibe uma seriedade **de fachada** — à letra, porque garantida pelos fundos arquitectónicos. Na mesma época uma nova arquitectura substituia as «brincadeiras» («follies») dos Kew Gardens, perto de Londres, onde se ergueram pagodes «chineses», arcos «romanos», igrejas «góticas» numa dessacralização da arquitectura que marcou um dos momentos da sua mais profunda crise. Mas, em pintura, Reynolds teve que ir buscar o «sagrado» a Itália; os arquitectos procuraram-no no cristianismo do gótico — entre o sublime e o pitoresco, porém, construíram apenas um ecletismo revivalista e só a Revolução, mais uma vez, permitiu a Boullée e Ledoux sonharem com outra arquitectura.

É sintomático que hoje se diga barroca a mesma música pop que há tempos foi classificada de «Gothic Punk»: a de Siouxsie, a dos «Gene Loves Jezebel», a dos «Sisters of Mercy», dos «Jesus and Mary Chain»; ou mesmo a de Marc Almond (num registo mais patético e paródico) — música que procura responder numa certa tradição «negra» (que os «Joy Division» personalizaram) à «frivolidade» (rococó, já agora...) dos «Wham», dos «A-Ah», etc.

Também é sintomático que Tomás Taveira se reclame do barroco e que mesmo a arquitectura religiosa de Luís de Cunha não vá para além de uma certa paródia (séria) dos estilos históricos e das conveniências modernas. O paradigma desta situação parece-me ser a casa que o «atelier» de Tusquets desenhou nos arrabaldes de Barcelona: um «templo» ao automóvel em que a garagem é o terraço da casa e está rodeada de uma colunata quase clássica...

Cabeça por Simon Costin

Se a arquitectura, nos quadros de West, ainda procurava exibir uma seriedade classicista, as figuras desmentiam-na constantemente, num género frívolo, serpentinado e elegante que a pintura de Gavin Hamilton, Angelica Kaufmann (e do português Vieira Portuense) simboliza muito bem. Quando Reynolds quis fazer quadros «históricos» foi buscar a inspiração a Rubens e Boucher; ao pintor do **desabamento carnal** de Juízos Finais, Quedas no Infoerno, Anjos Caídos, Descidas da Cruz, de toda essa massa de carne-tinta a precipitar-se no horror do pecado e da morte... e ao francês que fez de tudo isso um género erótico e superficial onde a carnação das mulheres ocupa agora o lugar (de facto descarnalizado) do feminino. Não creio, de facto, que surja em qualquer dos pintores do final do séc. XVIII a emersão de um princípio «masculino» (clássico); mas também já não era possível o barroco enquanto «estilo» feminino (no sentido forte que o catolicismo tradicional deu ao termo, isto é, como designação da área da dúvida, da alteridade, do pecado, da punição); o que aconteceu, de facto, foi uma derivação do Feminino para a mulher — que tanta da pintura rococó simboliza, que o gosto de Greuze, Vien, Carl Van Loo, Mengs, Kaufmann, G. Hamilton, reproduz vezes sem conta em centenas de telas representando mulheres, raparigas e crianças. David percebeu tudo isto muito bem: ao lado dos seus Horácios que juram morrer pela Pátria, um grupo de mulheres e crianças marca a presença do rococó.

É preciso ir a Itália (a Veneza) para encontrar o outro lado do rococó: o lado do Carnaval, se se quiser. Refiro-me à pintura de Tiepolo, é claro; máscaras sem conteúdo, é verdade, mas que guardam a memória de um grande princípio perdido e de onde se desprende a ameaça difusa de, ao serem retiradas, não haver nada por detrás delas; ou apenas um imenso riso. (2)É esta melancolia ou nostalgia rococó que me parece saltar à vista na decoração de Pedro Cabrita Reis para o «Frágil» — como se adesconstrução aí operada fosse um ganho ambíguo de que se guarda tristeza. Como se a moldura que envolve a coluna da entrada fosse um andaime a suportar a ruína; como se à limpidez cinzenta, mas clássica se tivesse preferido o traço de uma catástrofe, do tempo.

Repare-se em certos traços de formas contemporâneas de moda ou maquilhagem: certas roupas de Jean-Paul Gaultier ou de alguns estilistas japoneses; ou o arranjo dos rostos dos modelos na recente exibição de vestuário desenhado por John Crancher — são feridas, **estigmas.** E que dizer da seriedade entre o agressivo e o sofredor que se exibe em tanta fotografia contemporânea? É de «barroco» que se trata?

Diz-se que sim.

Guy Scarpetta chega a enunciar todo um programa com a expressão «reciclar o barroco». Para ele o barroco é actual até porque se definiria como «arte do gratuito, do dispêndio, do luxo, da sensualidade, da impureza». Mas lendo o seu livro, último marco de uma tendência do pensamento que vem do «Barroco» de Severo Sarduy e passou pela «Raison Baroque» de C. Buci-Glucksmann, fica claro que o estilo que assim é definido é afinal o tardo-barroco, o rococó do séc. XVIII. Scaripetta afirma-o, aliás, explicitamente dizendo que é este estilo que o interessa porque se trataria de uma arte «sem conteúdo directo, de puro dispêndio e puro simulacro». Duplo equívoco: em primeiro lugar, o tardo-barroco, a arquitectura setecentista alemã e boémia dos Dientzenhoffer, de Fischer, de Neumann, a pintura de Tiepolo e Boucher, não é tão simplesmente uma continuação do barroco romano do séc. XVII a não ser de um ponto de vista **estreitamente** «Formal»; em segundo lugar, o barroco é impensável sem a religião, sem o que Starobinski chama um «antecedente espiritual» — que é também um **suporte,** uma referência: o barroco escora-se na vibração sentimental da carne. Se o gótico era a Ascensão da forma, o barroco foi o seu desabamento em carne (exuberante sim, mas nunca ligeiro, indiferente, ou de «puro» seja o que for); e o rococó, se herdou as formas (ou certas formas) do barroco, se de facto surgiu na «escola» de Bernini em meados do séc. XVII, triunfou na Europa numa época diferente. Correspondeu ao esvaziamento da transcendência barroca, sendo indiferente que as igrejas rococó da Europa Central, da Espanha, do Norte de Portugal ou do Brasil tenham sido erguidas em períodos de renovação do catolicismo e sua afirmação propagandística. Porque lhes falta (em todas elas, as de Fischer e Zimmermann, as de André Soares ou do «Aleijadinho» a seriedade do sentimento; as formas exuberantes com que os irmãos Asam «decoraram» as igrejas de Fischer são apenas a memória do sentimento — como um móvel que perdeu o impulso mas ainda se desloca. E daí uma certa melancolia que não era só, porém, de profundidade e de passado; era também de futuro - da catástrofe que se adivinhava.

Será então a melancolia que hoje se «reivindica» ao fazer referência ao barroco? Acontece que a catástrofe pressentida no final do séc. XVIII (catástrofe política, social e estética como a anunciou Hegel) vinha propor um novo mundo — o da Razão e o da Burguesia: e a melancolia era a maneira antiga de celebrar o moderno.

O «novo rococó» nosso contemporâneo não antecipa qualquer novo mundo: a catástrofe que vai denegando é uma catástrofe para a qual não há procedentes e que é propriamente **impensável**. A sua metáfora poderá ser a Guerra Nuclear, o fim explosivo de um mundo antigo que todos os dias **implode** perante os nossos olhos; ao recorrer ao antigo não se celebra nada hoje a não ser a transitividade do moderno a que se procura reagir pela afirmação do objecto. É essa afirmação «barroca» ou «rococó»?

Nada fica esclarecido, de facto, substituindo um termo pelo outro. Porque a heresia rococó, a sua superficialidade exuberante (ao ponto de comprometer nisso a «profundidade») era também a afirmação do subjectivo; e desta emergiram novos princípios (o Homem, a Natureza) na pintura de Gainsborough e Constable ou, de outro modo mais ligado ao reverso cruel do libertinismo, na de Fuseli ou J. Hamilton Mortimer. Essas instâncias de Ordem do Universo não existem, porém, hoje.

E talvez seja **essa** a questão.

Talvez o «elogio do barroco» a que assistimos seja o sintoma de um problema central: uma certa **má consciência** daquilo a que chamamos a pós-modernidade, ou seja, a incapacidade de pensar uma situação sem precedentes e a correlativa tentação teimosa de a injectar com reedições de velhas filosofias do Sujeito ou novas derivações transcendentais. Como se fosse necessário chamar barroco ao rococó e rococó à situação actual para supôr, debaixo das aparências e simulacros do real, uma instância dramática ou «eterna» qualquer.

Talvez conviesse, então, propor para esta má consciência alguns «programas» alternativos.

A via de uma certa violência do ressentimento, novos sentimentos **excessivos,** obsessivos e redobrados que coloquem a definição do Sujeito no lugar de uma **recusa** ao humanismo: Schwarzenneger ou Stallone são bons exemplos desse curto-circuitar do barroquismo dos mitos pela gratuitidade elementar da **individuação,** possível actualidade (metafísica nula) da referência espiritual.

Paulo Varela Gomes

Nota

(1) — «L'Impureté», Paris 1985

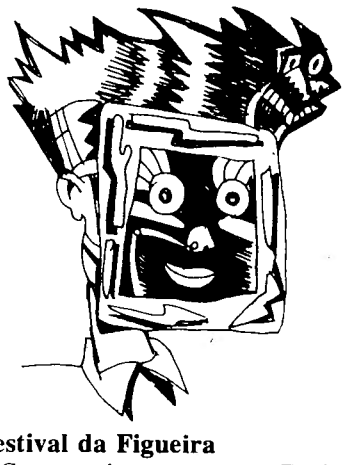
Sinais dos Tempos

Nem violência nem cobardia

«Quando o povo nos consulta sobre a ocupação de terras para cultivar — disse D. Hélder Câmara, arcebispo resignatário de Olinda e Recife, ao chegar a Lisboa — nós recomendamos sempre este lema: nem violência nem cobardia. A violência é o melhor pretexto que os governos fortes têm para usar da força. A violência atrai a violência».

Clint Eastwood na Câmara

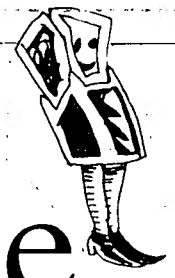
Clint Eastwood sempre ganhou, na semana passada, as eleições para a presidência da Câmara de Carmel-by-Sea, o «jardim de Deus», na Califórnia. É uma localidade de 4000 habitantes, onde o actor, amigo e admirador de Reagan, reside há 14 anos. Eastwood estava em luta contra o anterior presidente, Charlotte Townsend, de 61 anos, que o impediu de expandir, na localidade, o seu restaurante **The Hog's Breath Inn.** A Imprensa transformou a disputa numa questão nacional. Eastwood tinha garantido que abandonaria o cinema se fosse eleito.



Festival da Figueira

Concurso de cartazes para o Festival de Cinema da Figueira: o prémio é de cem mil escudos, e todas as informações que lhe dizem respeito podem ser obtidas no secretariado do Festival, Rua da Emenda, 66, 5.º dto., das 14 às 19 horas, ou através do apartado 5407, 1709 Lisboa Codex. Os trabalhos concorrentes serão depois expostos em Coimbra, Porto, Lisboa, Funchal e na própria Figueira da Foz.

A roupa como arte



PARIS é o centro mundial da moda, e daí a ideia de ter lá uma loja. Para o tipo de fatos que eu faço há uma altura em que é preciso **abrir** — cá as pessoas que se vão interessando pelas minhas roupas aparecem lentamente, mas em Paris a alta costura está instalada. «Quem o diz é, caso não tenha percebido, Ana Salazar. E continua: «A ideia de que a moda é uma coisa **frívola** está ultrapassada. No resto da Europa, a começar já pela Espanha, consideram a moda como um fenómeno cultural, a par da pintura ou da escultura. Não tem nada a ver com a futilidade, embora possam haver pessoas que vistam alta costura com motivações fúteis. Na verdade a maior parte das mulheres que usam estas roupas são pessoas que estão perfeitamente emancipadas».

«Hoje, quando se pensa em moda pensa-se em criatividade. Multiplicaram-se no mundo os locais próprios para se ver e ser-se visto. Há uma reacção dos indivíduos contra a massificação, que se afirma em vários níveis podendo um deles ser o vestuário. Eu digo sempre que a roupa é a continuação da personalidade intrínseca do indivíduo, porque só assim ela funciona bem» — adianta ainda. Alexandre Melo, jornalista de arte e comentador de moda, cidadão mundano e economista, fala-nos da existência, também entre nós, de «novas zonas de gosto» nestes anos 80. Na década de 70 as atitudes sociais eram ideologizadas, desprezando-se o estético quando valendo por si mesmo. Havia estagnação na moda, tal como sucedia nas artes plásticas. Só em 80 surgem determinadas camadas urbanas com opções finalmente estéticas, e também valores com a pose, o narcisismo. Abrem-se novas lojas, distinguidas do comércio restante — depois das de roupa os restaurantes, os bares nocturnos, os decoradores, etc.»

Novo gosto

E continua Alexandre Melo: «No grupo dos artistas plásticos surgem, do mesmo modo, novas atitudes e preocupações. Valoriza-se a criatividade e a originalidade, intensifica-se o aspecto mundano, e há toda uma ruptura com as ideologias passadistas que acentuaram o político esquecendo o indivíduo. Sucederam-se as crises: da verdade, do futuro, do marxismo. O Novo Gosto é hoje a revalorização do eu, da criação pessoal, da dimensão artística da vida. Enquanto antes havia uma concepção funcionalista da arquitectura, da roupa, passou a acontecer uma extensão a todos os domínios da dimensão estética.»

Na vanguarda desta mudança, Ana Salazar: «A nossa indústria têxtil trabalhava muito a feitio, segundo o estilismo estrangeiro: eu vivi isso por dentro. Quando andava nos Portexs o lema principal dos **fashions shows** era mostrar que até a nível da indústria havia um pouco de **design.** Portugal, para além de ter mão-de-obra e garantir qualidade, queria oferecer algo mais. Só que os moldes vinham todos de fora. Ir para o estrangeiro, com uma marca completamente portuguesa e abrir um espaço **made in Portugal** foi sem dúvida uma inovação minha, e creio que ainda não há mais ninguém a fazer o mesmo. A marca **Ana Salazar** foi projectada para fora do País, mas nem os organismos oficiais nem a Imprensa portuguesa parecem dar valor a isso. Continua-se a sobrevalorizar o que vem de fora, a enaltecer-se **o cheirinho que vem de Paris».**

«Na loja que tenho em Paris os meus clientes são normalmente franceses, americanos ou italianos. É importante internacionalizar o produto português. Ter uma loja ali foi um projecto bem ambicioso: naquele sítio estão os criadores de moda mais falados; o Gautier ou o Yamamoto, por exemplo. São os que estão no topo, na ponta da lança, os mais arrojados», confia-nos aquela que é o estilista português mais conhecido. «Quando a revista **City** me descobriu lá ficaram muito admirados por me reencontrarem: eles já tinham vindo à minha loja na Rua do Carmo. Dantes importava-se tudo de fora, e eu perguntei-me — porque não dar aos portugueses outra opção? Daí talvez o meu pioneirismo, ao ser a primeira pessoa a fazê-lo.»

Reflectindo: «Os portugueses são muito agarrados a tradições, são saudodistas: o **que bem vestido!** é para muitos o velho e padronizado **bon chic** do casaco de peles, os saltos, o colar, a **pochete** à noite, ou seja, aquilo que já não se veste lá fora. No entanto, as coisas estão já a mudar: existe agora mais ousadia e maior aceitação. Vestir é como dizer: eu estou aqui, estou presente. No outro dia fui a uma inauguração numa galeria de arte e vi imensa gente vestida com a minha roupa.»

Alexandre Melo e Ana Salazar fotografados por Mário Cabrita Gil

Autoridade e liberdade: a mesma coisa

Alexandre Melo chama «automenorização» à submissão de alguém face a qualquer forma do colectivo, os seus modelos como as suas utopias. «A alternativa é mesmo assumir a diferenciação. A grande característica dos anos 80 é a autoria — reconhece-se cada pessoa pela maneira como veste, ou seja, como se assina. São muitas as pessoas que vão à Feira da Ladra à procura de roupas velhas para a partir delas fazerem as coisas mais incríveis. O Cesariny tem um poema em que diz que a autoridade e a liberdade são o mesmo. É verdade: aquele que é autor do que lhe diz respeito detém o máximo de liberdade e é eticamente superior. Há, consequentemente, uma segmentação das zonas de gosto.»

«Vestir **arte** pressupõe o exibicionismo — liberta-se a afirmação individual com o que tem de narcísico, remetendo para a confirmação social. É por isso que os lugares onde as pessoas se encontram, os restaurantes, as discotecas, são tão importantes neste contexto» — diz Alexandre Melo, referindo-se ao Bairro Alto muito concretamente.

Ana Salazar: «O estilista, como eu o vejo, teve sempre nele as características que o definem como criador de moda. Não é por acaso que eles vêm muitas vezes das Belas-Artes, do Arco ou da António Arroio. Na escola de estilismo de Berceau, das melhores em França, olham para o candidato a aluno e se este não tiver um cunho especial no vestir, uma personalização evidente, não o deixam entrar.»

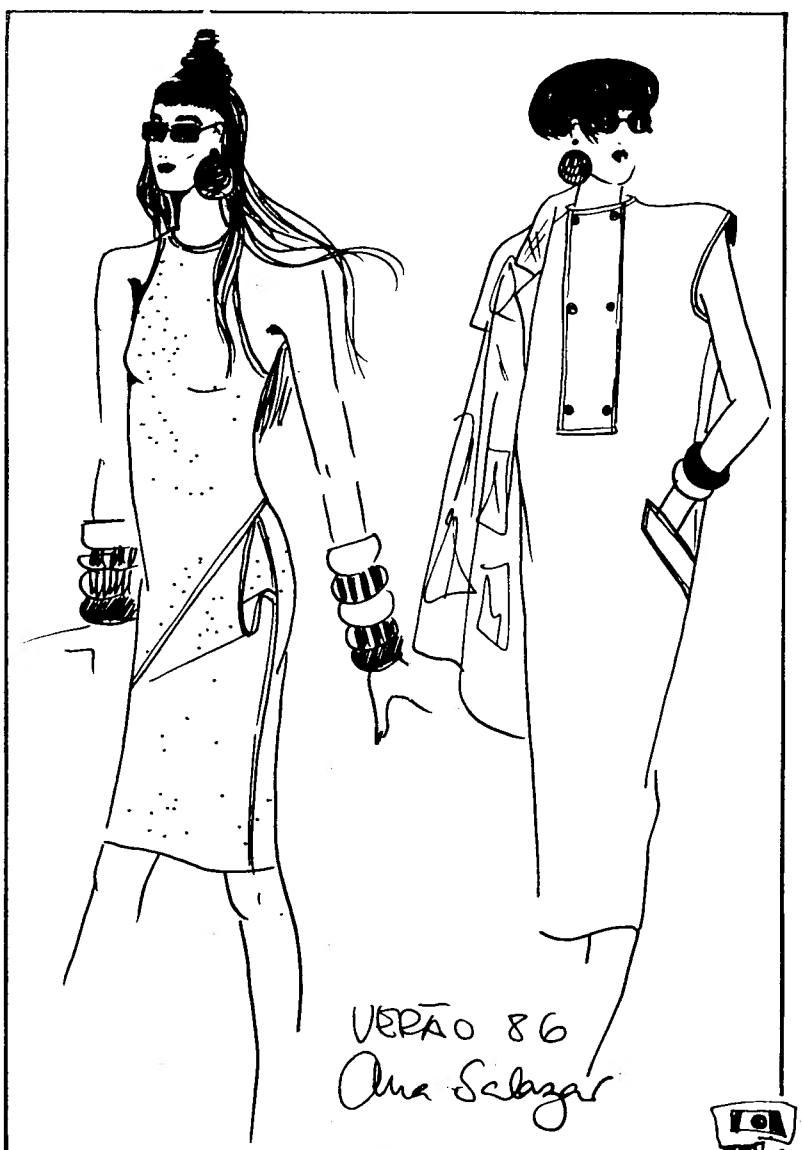
E passando para o seu caso em particular: «Em miúda eu adorava fazer novos fatos para as bonecas. Vem portanto tudo muito de trás. Lembro-me que aos 7 anos era eu que escolhia o que vestia. É claro que não cosia, não cortava, mas pensava os meus próprios figurinos, coisas muito insólitas. Para ser estilista não é preciso saber desenhar, propriamente, mas ter ideias e saber traduzi-las para o papel e depois para o tecido, adaptando-se às condições que este impõe.»

Um traje de Ana Salazar serve, evidentemente, para exibir um determinado gosto estético. Como ela própria afirma, «vestir qualquer coisa nova é um acto de renovação pessoal — cada dia que passa é um dia absolutamente novo». Ora, isto faz com que «se modifiquem as práticas lúdicas e haja uma maior intensidade do convívio social», como diz Alexandre Melo. «Há um peso cada vez maior da imagem, em detrimento da palavra escrita e até falada. São as imagens o que mais nos suscita esteticamente. Não dizem; atraem. A estética tem uma estratégia, que é a sedução.»

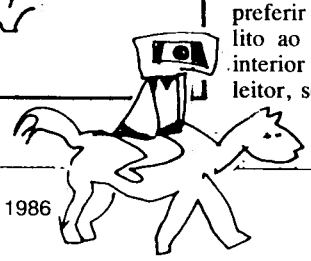
«As pessoas não querem andar preocupadas, desinvestiu-se o futuro: já não há que fazer sacrifícios. Estão-se a curto-circuitar as coisas chatas — não se perde tempo num pensar que não seja logo transformado num fazer» — comenta Alexandre Melo. Um corpo que se reveste de arte é um corpo que se projecta.

Esta dimensão da moda tem jovem reconhecimento. Há três anos, num «acontecimento» que foi autêntico marco na caracterização de uns anos 80 «nossos», a exposição «Depois do Modernismo» consagrava alguma atenção ao vestuário. No catálogo distribuído na ocasião lia-se assim: «Definir o nosso modo de vida a partir da moda é escolher o desconforto, a vertigem do movimento (...) É, na prática, preferir o belo à conveniência, o insólito ao espiritual. É sonhar o nosso interior mais que habitá-lo.» O sonho, leitor, sempre o sonho.

Rui Eduardo Paes



Esboços para o Verão de 86 desenhados por Ana Salazar para o Sete Ponto Sete



Mensagens Pessoais

Correspondência

Raparigas estudantes do Ghana (língua inglesa) querem corresponder-se com gente da mesma idade (20-22 anos) portuguesa. Bridget Bery Lee (P.O. Box 927 Cape City Ogua Ghana), Victoria Ovelt Buker (P.O. Box 927 Cape City Oguua Ghana) e James Obuoku (P.O. Box 328 Oguaa Ghana).

Cedo posição em Poligrupo

Cedo posição em «Poligrupo» para compra de Fiat Uno 45S (Fire-1000). Tenho 21 mensalidades pagas. Contactar depois das 19h00 c/João. Telef. 2042137.

Vende-se

Opel City, metalizado, impc., 79, p/km, com jantes espciais e pneus novos, 380c. 5 jantes especiais para Ford Transit com pneus Goodyear G-800S impec., 50c. Ampliador e fotogr. e acessórios, Axomat profiss. 20c. Mini aparelhagem 30W Yoko, 3 elementos, colunas pioneer para automóvel, 30c. Telefone 2246133 ou RD Francisco Xavier de Noronha, 9 1.º Dt.º Almada.

Livros

Novidade! Rogério Gonçalo escreveu «A Fonte de Madalena». Memórias anos 920-940. «Diário de um Romance», linha mestres J. Gomes Ferreira, J. Amado. Disse a crítica: «vida vivida com amor, com fraternidade, com olhar de poeta». Exposição livreiro junto Martinho da Arcada. Envio, especial 200. Gosto contacto leitores. Escreva apartado 1333 — 1009 Lisboa Codex.

Tratamentos-Massagens

Tratamento, enfermagem, idosos, preparação de manhã, à tarde e para a noite. Recuperação estética geral, massagens. Tome nota. Aurora Rodrigues. Apartado 1333 — 1009 Lisboa Codex.

Postais antigos

Compro e troco postais antigos, quase todos os temas. Portugal ou estrangeiro. Escrever para: J. Alves. Apartado 21 188, 1129 Lisboaa — Codex.

Móveis

Uma ou duas camas iguais de pessoa só. Cómoda e guarda-fatos de casal, iguais. Mesinha de cabeceira também igual. Candeeiro de pé. Como novos, dezoitos meses de uso. Tel. 898336 — de tarde.

Ajudante de cabeleireira

Aceito todo e qualquer trabalho dentro da minha profissão. Isabel Maria Monteiro. R. Alexandre Herculano, 10 — Telf. 9240712 — 2735 Cacém.

Regulamento

Cada leitor poderá enviar-nos, até à quarta-feira de cada semana, as suas «mensagens pessoais», que o Sete Ponto Sete publicará gratuitamente na edição seguinte. Cada mensagem não deve ter mais de 60 palavras (incluindo a identificação), e nem o Sete Ponto Sete e nem o Diário de Lisboa de Lisboa podem ser os destinatários das respostas, quer dizer: cada mensagem deve mencionar a morada ou telefone do seu autor. Dactilografe ou redija muito legivelmente o seu texto, e envie-o para «Mensagens Pessoais» Sete Ponto Sete, «DL», Rua Luz Soriano, 44, 1200 LISBOA.